



NORMAS E CRITÉRIOS DE INTERVENÇÃO PARA O CENTRO HISTÓRICO DE ARACATI

UNIVERS. FEDERAL DO CARÁ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO
BIBLIOTECA

Luciene Vieira Lôbo

Junho/2000

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

NORMAS E CRITÉRIOS DE INTERVENÇÃO PARA O CENTRO
HISTÓRICO DE ARACATI

LUCIENE VIERA LÔBO
ORIENTADOR: ROMEU DUARTE JÚNIOR
TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO

FORTALEZA, JUNHO 2000

AGRADECIMENTOS

O processo de concepção do Trabalho Final de Graduação não foi feito por mim individualmente. Várias pessoas contribuíram para dar forma a este, que é meu último projeto enquanto estudante do Curso de Arquitetura e Urbanismo.

A todos os colaboradores que direta ou indiretamente fizeram junto comigo as "Normas e Critérios de Intervenção para o Centro Histórico de Aracati" dedico o produto, que aqui está, de um longo tempo de trabalho. Devo, portanto, meus maiores agradecimentos:

- A Deus, pela energia e pela iluminação que me guiaram na escolha da minha profissão;
- Aos meus pais, exemplos de sabedoria adquirida através da vivência no cotidiano, pela simples presença e imagem;
- À D. Ziretta, amiga, vizinha e mãe postiça, pelo incentivo nas horas de cansaço;
- À 4ª Superintendência Regional do IPHAN, local de grande aprendizado e apoio, na figura de um excepcional quadro de funcionários, especialmente, dos arquitetos Célia Perdigão e Domingos Linheiro, e da grande amiga Denise Martin;
- Ao meu orientador, Prof. Romeu Duarte Júnior, parceiro de trabalho que com sua maior experiência me guiou pelos tortuosos caminhos do aprendizado, fosse criticando, avaliando ou indicando formas de se buscar e conquistar melhores soluções para as questões vinculadas ao patrimônio histórico;
- A todos os colegas do Curso de Arquitetura e Urbanismo;
- Aos meus amigos, Alexandre Jacó, Ana Carolina, Carol Rocha, Bia Sales, Elton, Emanuela, Renatinho e Wágner, que acompanharam mais de perto a elaboração do trabalho e deram suas contribuições, fosse na coleta de dados para o diagnóstico, fosse revisando e discutindo comigo os textos, ou ainda, na elaboração dos mapas e da parte gráfica.



8.	ANÁLISE DE CONTEXTO
9.	DEFINIÇÃO DO BARRIO
10.	ANÁLISE DO ESPAÇO
10.1.	ANÁLISE DE LINHA
10.2.	ESPAÇO URBANO
11.	SISTEMA VIÁRIO
12.	ANÁLISE ARQUITETÔNICA
13.	DIRETRIZES
14.	NORMAS E CRITÉRIOS DE INTERVENÇÃO
15.	ANEXOS
16.	PROJETO ARQUITETÔNICO DE UMA RESIDÊNCIA / GALERIA
17.	BIBLIOGRAFIA



ÍNDICE

ÍNDICE

1. APRESENTAÇÃO	05
2. JUSTIFICATIVA	08
3. OBJETIVOS	10
4. METODOLOGIA	12
5. CONCEITOS E CRITÉRIOS	15
6. EVOLUÇÃO URBANA	25
7. CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO	37
7.1. SITUAÇÃO GEOGRÁFICA	38
7.2. ASPECTOS NATURAIS	38
7.3. ASPECTOS DEMOGRÁFICOS	40
7.4. ASPECTOS ECONÔMICOS	41
7.5. ASPECTOS SOCIAIS	43
8. ARACATI HOJE	45
9. DELIMITAÇÃO DA ÁREA – POLIGONAL DE TOMBAMENTO	48
10. ANÁLISE DO ESPAÇO URBANO	53
10.1. ANÁLISE DE LYNCH	54
10.2. ESPAÇO URBANO DO CENTRO HISTÓRICO DE ARACATI	56
11. SISTEMA VIÁRIO	61
12. ANÁLISE ARQUITETÔNICA	66
13. DIRETRIZES	93
14. NORMAS E CRITÉRIOS DE INTERVENÇÃO	100
15. ANEXOS	113
16. PROJETO ARQUITETÔNICO DE UMA RESIDÊNCIA / GALERIA NA ÁREA DE PROTEÇÃO RIGOROSA	141
17. BIBLIOGRAFIA	150



Preservar e recuperar o patrimônio histórico e cultural, visando ao desenvolvimento pedagógico da cidade, segundo a dinâmica urbana.

A cidade não para de crescer e as novas construções e o patrimônio histórico precisam ser transformados, que deve incluir alguns instrumentos de política da cidade, se mostram necessários com o atual, que de qualquer forma adaptados -- as necessidades contemporâneas, mas que o passado seja honrado de tudo, preservado, porque é dito que todos os edifícios fazem o equilíbrio para viver o presente. Fomos dos melhores países e devem sobreviver bem com uma consciência para os instrumentos e métodos.

Como garantir legalmente a preservação? O instrumento surge como uma das opções, uma outra seria proporcionar

Normas e Critérios de Intervenção para o Centro Histórico de Avacali

O conceito de zona intervenível -- a zona de intervenção -- é um arco, decorado de estruturas, que se refere a monumentais ligadas ao poder e passado a conservar as estruturas de outras classes sociais, também participando direta da construção da história das cidades.

No Brasil, discute-se: **1. APRESENTAÇÃO**
cidades históricas de Minas Gerais, com o objetivo de preservar o patrimônio histórico e cultural, visando ao desenvolvimento pedagógico da cidade, segundo a dinâmica urbana.

APRESENTAÇÃO

“A morte atinge tanto as obras como os seres. Quem fará a discriminação entre aquilo que deve subsistir e aquilo que deve desaparecer? O espírito da cidade formou-se no decorrer dos anos; simples construções adquiriram um valor eterno na medida em que simbolizam a alma coletiva; constituem o arcabouço de uma tradição que, sem querer limitar a amplitude dos progressos futuros, condiciona a formação do indivíduo, assim como o clima, a região, a raça, o costume.”

Carta de Atenas
Novembro de 1933

Preservar é mais do que simplesmente tornar estático este ou aquele pedaço da cidade; muito pelo contrário, é participar da dinâmica urbana.

A cidade não pára de crescer e se modificar. Então que o patrimônio acompanhe essas transformações, que novos usos sejam implantados onde os antigos se mostram incompatíveis com o atual; que os espaços sejam adaptados às necessidades contemporâneas, mas que o passado seja, acima de tudo, preservado, porque é dele que todos os indivíduos retiram o equilíbrio para viver o presente. Esses dois tempos podem e devem conviver bem sem com isso causarem perdas ou retrocesso à sociedade.

Mas como garantir legalmente a preservação? O tombamento surge como uma das opções; uma outra seria providenciar

para que o Plano Diretor de cada município considerasse também a proteção de seus respectivos centros históricos, além do desenvolvimento e expansão ordenada da cidade.

No Brasil, o tombamento existe em três níveis: federal, estadual e municipal. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), órgão público federal vinculado ao Ministério da Cultura (MinC), é o responsável pela avaliação de bens isolados ou núcleos inteiros que se mostrem especialmente relevantes para serem considerados Patrimônio do Brasil.

Tombar não significa que o imóvel não possa sofrer qualquer tipo de reforma que o adeqüe às necessidades contemporâneas. Entretanto, depois de tombado, quaisquer obras que porventura venham a ser feitas, deverão passar pela análise e aprovação do IPHAN, ou do órgão estadual ou municipal similar responsável, de modo que a integridade da leitura do bem seja garantida, apesar da alteração em sua configuração original.

O conceito de bem histórico mudou bastante ao longo dos anos, deixando de abranger apenas as edificações monumentais ligadas ao poder e passando a considerar as construções de outras classes sociais, também participantes diretos da construção da história das cidades.

No Brasil, descobriu-se História para além do Litoral e das cidades históricas de Minas. O Sertão Nordestino surgiu como surpreendente polarizador de uma cultura popular fortíssima e

que precisava ser apresentada e preservada para o resto do país.

Neste cenário, o Ceará aparece hoje como Estado possuidor de três cidades tombadas, Icó, Sobral e Aracati. Elas contam parte da história do povoamento do sertão cearense e são um produto do ciclo do gado.

Após o tombamento, normas e critérios de intervenção precisam ser criados para dar sustentabilidade e continuidade tanto ao processo de conservação do que já existe como para adequação à paisagem natural e urbana das novas construções que hão naturalmente de surgir, visto que, como já foi dito anteriormente, a preservação não precisa necessariamente promover a estagnação do processo natural de crescimento e mudança da cidade.

O trabalho, cujo título é: "Normas e Critérios de Intervenção para o Centro Histórico de Aracati" tem por objetivo primeiro analisar criticamente a legislação urbana existente para o município, detectando falhas e omissões que poderiam vir a comprometer o processo de preservação da área em estudo, Área de Proteção Rigorosa determinada pelo IPHAN, e a partir desta análise crítica estabelecer normas e critérios que possam nortear todas e quaisquer posturas a serem adotadas neste perímetro.

Posteriormente, será feito um projeto de residência unifamiliar e restaurante/bar/galeria de arte dentro deste sítio, visando assim a aplicação direta das normas criadas.





Aracati

Aracati

Aracati

Aracati

Aracati

Aracati

Aracati

Aracati

Aracati

Aracati

2. JUSTIFICATIVA

JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA DO TEMA

A atenção ao patrimônio edificado sempre me acompanhou. Mesmo antes de começar a cursar a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo já me chamavam a atenção as edificações mais antigas e suas estórias, tão vinculadas à vida de seus moradores. O meu interesse se aguçou quando comecei a estagiar no Instituto do Patrimônio Histórico (IPHAN), onde participei de alguns trabalhos, inclusive do “Estudo de Tombamento Federal de Aracati”.

A escolha do tema, “Normas e Critérios de Intervenção para o Centro Histórico de Aracati”, decorre de meu interesse em desenvolver um projeto vinculado à preservação do patrimônio, dando continuidade ao trabalho iniciado pelo IPHAN. Pretendo, com isso, aprofundar-me nesta temática e contribuir para desenvolvimento de uma consciência preservacionista coerente com as reais necessidades de nossas cidades.

OBJETIVOS



Uma
man

3.2

- Fazer um levantamento dos edifícios, determinando as inadequações;
- Oferecer diretrizes para obras que verbas a ser investidas;
- Exemplificar, através de um projeto, a restauração/abandono de um edifício, construído sem agremiação vizinária, visando a preservação pelo patrimônio arquitetônico.

3. OBJETIVOS

3.1. OBJETIVO GERAL

Este trabalho tem como objetivo fundamental a elaboração de normas e critérios de intervenção. Essa legislação deverá garantir a preservação da harmonia arquitetônica entre as construções de valor histórico já existentes e as novas que hão naturalmente de surgir em razão da atual demanda imobiliária no Município de Aracati. Também deverá guiar os processos de adaptação das antigas construções às necessidades contemporâneas além de requalificar alguns espaços públicos. Desse modo, pretende-se que a ambiência do lugar seja mantida ou, em certos casos, resgatada.

3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Fazer um apanhado da atual situação do patrimônio edificado de Aracati, visando com isto facilitar a determinação de possíveis propostas que venham a sanar as inadequações em seu espaço urbano;
- Oferecer diretrizes de uso e ocupação a toda e qualquer obra que venha a ser feita dentro do centro histórico;
- Exemplificar, através de um projeto de residência unifamiliar e restaurante/bar/galeria de arte, as possibilidades de se construir sem agredir visualmente um entorno que deve ser valorizado e preservado pelo seu valor histórico e arquitetônico;

- Apontar possíveis soluções para os problemas urbanos hoje enfrentados, decorrentes da natureza e dos requisitos do desenho do centro histórico, através de sua arquitetura de perfil colonial e as necessidades atuais dos novos programas edificatórios;
 - Apontar possíveis soluções para os problemas urbanos hoje enfrentados, decorrentes das divergências entre o desenho colonial do centro histórico e as necessidades atuais dos novos programas edificatórios;
 - Indicar as potencialidades da área que possam promover uma incrementação da economia local, garantindo consequentemente a sua auto-sustentabilidade.
-



- * **Arquitetónicas,** para levantamento de arquitetura através de plantas e fotografias de elevação.
- * **Urbanísticas,** para levantamento de morfologia urbana e análise da organização do espaço.
- * **Cartográficas,** compostas de descrições, plantas, fotografias e plantas;
- * **Cartonais,** nos quais tabelas foram elaboradas e preenchidas com dados referentes ao uso e à ocupação do solo e principais características problemáticas como resultado das intervenções. (Borjesson, 1996, p. 221)

(Borjesson, 1996, p. 221)

Muito além do projeto, há uma longa história de intervenção urbana, desde a década de 1960, com o Plano Diretor de 1964, o Plano Diretor de 1994 e o Plano Diretor de 2000. Cada um desses planos trouxe consigo mudanças e desafios para a cidade.

4. METODOLOGIA

METODOLOGIA

Ao se elaborar normas e critérios de intervenção em um centro histórico são levados em conta os gabaritos, tipologias, ritmos, coberturas, texturas, cores, cheios e vazios. Enfim, todo um estudo espacial é realizado indo do geral - núcleo todo - ao particular, quadra a quadra, e vice-versa, a fim de se conseguir um código de obras que viabilize a harmonia arquitetônica e urbana, tirando o máximo de proveito do espaço sem que haja qualquer tipo de agressão à paisagem e à escala dos conjuntos.

Visando alcançar esses objetivos e trabalhar de forma coerente, é que o projeto foi dividido em três fases: coleta e síntese de informações, diagnóstico e proposta.

No que se refere à coleta de informações, foram feitos levantamentos:

- bibliográficos, que descrevessem a história da cidade; sua evolução urbana, econômica, social e cultural;
- cartográficos, para levantamento da evolução urbana e seleção do mapa base da área;
- iconográficos, compostos de desenhos, perfis, fotografias e plantas;
- cadastrais, nos quais tabelas foram elaboradas e preenchidas com dados referentes ao uso e à ocupação do solo e principais características arquitetônicas como: tipologia das edificações (fachada, forma e material da

coberta), número de pavimentos, grau de caracterização, estado de conservação de todo o conjunto edificado que integra a área em estudo (Área de Proteção Rigorosa);

- de estruturação urbana-arquitetônica para se conhecer os marcos, barreiras, limites, caminhos e articulações do setor urbano e medir o grau de *legibilidade*¹ do sítio.

Estes estudos foram essenciais para se ter uma total apreensão da área e fazer uma caracterização do conjunto arquitetônico para que depois fosse elaborada, de forma lógica, uma proposta que atendesse às necessidades do lugar.

Concluída esta etapa, partiu-se para sintetização de todos os dados adquiridos. Mapeamentos e cálculo de percentuais foram feitos com base nas informações coletadas de modo a servir de arcabouço para a elaboração do diagnóstico.

O diagnóstico consistiu em interpretar e analisar criticamente todas as informações, apontando os problemas e deficiências de um centro histórico que precisa se adequar às imposições do tempo, oferecendo possíveis soluções para que este objetivo seja atingido.

Nesta fase do projeto, textos foram elaborados, assim como croquis, mapas, plantas e tabelas. Todo conteúdo serviu para dar embasamento à etapa seguinte que foi a de propor diretrizes para a área. Uma dessas diretrizes, as normas e

¹ É a clareza aparente da paisagem das cidades, ou seja, é a facilidade com que suas partes podem ser organizadas numa pauta coerente.

critérios de intervenção, foi escolhida para ser melhor detalhada. São elas o elemento fundamental que dá título ao trabalho e o último estágio da proposta. Consistem em recomendações gerais e específicas que, baseadas no diagnóstico e na legislação vigente na área (Plano Diretor de Aracati-1980), pretendem nortear, como já foi dito anteriormente, as “regras de convivência” do chamado patrimônio histórico com as novas edificações e as transformações que o presente impõe às suas antigas construções e aos seus espaços públicos.

5. CONCEIT



Para um melhor entendimento, segue-se a descrição de cada uma das tipologias:

Para um melhor entendimento, segue-se a descrição de cada uma das tipologias:

TIPO A: são as edificações que se caracterizam por serem de menor porte, com fachadas simples, geralmente com telhado de terraço ou telhado de água. São comuns nos quadros 01 e 02. São as edificações que se caracterizam por serem de menor porte, com fachadas simples, geralmente com telhado de terraço ou telhado de água.

5. CONCEITOS E CRITÉRIOS

CONCEITOS E CRITÉRIOS

Para analisar cada edificação dentro da área de estudo, foram adotados alguns conceitos e critérios, já tomados como base em trabalhos anteriores que abordaram a mesma temática. São eles:

Tipologia das Fachadas

Identificou-se seis tipos predominantes de fachadas : tipo A, tipo B, tipo C, tipo D, tipo E e tipo F. As edificações que não se enquadravam em nenhum desses exemplares foram classificadas como "outras".

A concepção de cada uma destas classes, levou em consideração o modo como os vãos (portas e janelas), independente das suas formas, distribuem-se na fachada.

Algumas destas tipologias estão mais vinculadas a determinados usos, como é o caso das fachadas tipo B que são mais comerciais. De um modo geral, a forma como se dispõem traduzem a organização do espaço interno das edificações.

Para um melhor entendimento, segue-se a definição de cada uma das tipologias:



tipo A (rua Cel. Alexanzito)

- TIPO A: são as edificações que evoluíram no sentido vertical e horizontal tendo como unidade fundamental a chamada casa térrea de porta e janela. São típicas dos séculos XVII e XVIII. Seu uso característico é o residencial e normalmente definem um partido interno com corredor lateral (do lado da porta) ao longo do qual se dispõem os cômodos da casa.



tipo B (rua Cel. Alexanzito)

- TIPO B: é uma variação do TIPO A. Entretanto, difere deste por possuir somente portas no pavimento térreo o que caracteriza um uso comercial neste andar. O uso residencial geralmente se dava no pavimento superior.



tipo C (rua Cel. Alexanzito)

- TIPO C: é uma evolução do TIPO A. São edificações típicas do século XIX e representam a transição entre os sobrados e as casas térreas. Possuem um pavimento semi-enterrado, o porão alto, que se faz perceber na fachada pela presença de óculos em sua base.



tipo D (rua Cel. Alexanzito)

- TIPO D: possuem no andar térreo porta central com tratamento diferenciado das demais. Seu partido interno se caracteriza por possuir circulação central. Na fachada do térreo podem ter só portas ou portas e janelas.



tipo E (rua Cel. Alexanzito)

- TIPO E: variação dos tipos A e B. O uso característico dessas construções é o residencial. Em sua planta, um salão principal, geralmente único, abre-se para a rua através de janelas-porta com guarda-corpos, que são gradis de desenhos mais ou menos elaborados, dependendo do grau de sofisticação dos edifícios, reflexo do status social de seus antigos proprietários. O restante do corpo da casa costuma repetir o esquema da tipologia A.



tipo F (rua Cel. Alexanzito)

- TIPO F: são as edificações que possuem uma janela entre duas portas, podendo esta unidade se repetir.



outras (rua Cel. Alexanzito)

- **OUTRAS:** são as edificações que não apresentam tipologia definida. Neste grupo estão, principalmente, as construções recentemente edificadas sem respeitar as características inerentes às tradicionais.
-



Casa de Câmara e Cadeia (rua Cel. Alexanzito)

- **ARQUITETURA MONUMENTAL:** estão incluídas aqui as igrejas, a casa de câmara e cadeia, o mercado público, enfim, toda e qualquer edificação que possua um caráter de monumentalidade.

Número de Pavimentos

Todos os andares foram considerados, começando a contagem pelos que estão no nível da rua. Em Aracati as edificações são classificadas em: térreas, com dois pavimentos ou com três pavimentos

Estado de Conservação

As ações do tempo e do ambiente urbano são os principais responsáveis pela degradação das edificações. Junta-se a isto a falta de manutenção por parte dos proprietários, que contribui sobremaneira para a decadência do patrimônio edificado.

Os “elementos secundários” (portas e janelas, pisos, forros, revestimentos, escadas e ornatos) são os primeiros a denunciarem a falta de cuidado com o imóvel. Foram eles, portanto, os principais indicadores dos graus de conservação em que se encontram as edificações do centro histórico de Aracati.

Analisando cada uma das construções inseridas dentro área em estudo, foram elas classificadas em: conservadas, semi conservadas, mal conservadas, arruinadas ou ruínas.

- **CONSERVADAS:** são edificações que possuem os “elementos secundários” em bom estado de conservação e funcionando plenamente.
 - **SEMI CONSERVADAS:** neste caso os “elementos secundários” já apresentam as marcas do tempo, pequenos sinais de degradação, entretanto as condições de uso ainda não foram afetadas.
 - **MAL CONSERVADAS:** são edificações que apresentam os “elementos secundários” gravemente afetados pela ação do
-

tempo. Neste caso ainda há a possibilidade de recuperação dos elementos desgastados.

- **ARRUINADAS:** são as edificações, cujos “elementos secundários” já estão deteriorados ou arruinados. Neste caso não existe a possibilidade de recuperá-los, fazendo-se necessária a sua substituição.
- **RUÍNAS:** são as edificações que já se encontram no último estágio de deterioração, entretanto as características do que foram originalmente ainda podem ser percebidas. Neste caso muitos dos “elementos secundários” já não mais existem.

Um retrato da falta de zelo com o patrimônio edificado. Neste espaço, antes ocupado por estas ruínas, existe hoje um vazio urbano



(rua Cel. Alexanzito)

Grau de Caracterização

Os elementos de composição das fachadas passaram ao longo do tempo por mudanças formais acompanhando as tendências estilísticas determinadas pelas várias escolas arquitetônicas.

São estes elementos que dão, num primeiro momento, a noção ao observador sobre o período em que foi construída a edificação. Entretanto, por vezes se torna difícil afirmar se esta ou aquela fachada é a primeira, visto que muitas tiveram sua feição alterada para se adequar ao gosto de cada época.

Nesta análise, a classificação de cada edificação foi feita através da observação da fachada. O caráter de originalidade foi dado àquelas que mantinham uma unidade, sendo fácil se

fazer uma leitura e definir a que estilo ou época pertenciam. Dependendo do maior ou menor grau de fidelidade, ou seja, dependendo do maior ou menor número de alterações na fachada, estas edificações foram classificadas em:



Edificação Original (rua Cel. Alexanzito)

- **ORIGINAIS:** são aquelas que se mantêm totalmente íntegras. Preservam uma unidade e a sua leitura é clara e definida. Os elementos de composição da fachada facilmente falam em que escola arquitetônica estão enquadradas. Fornecem ao observador informações sobre o gosto e a tendência de determinada época, dando a ele a percepção da evolução cultural da área.



Ed. de Interesse (Ilg. Matriz de Nossa Senhora do Rosário)

- **EDIFICAÇÕES DE INTERESSE:** dentre as edificações originais existem aquelas que, devido à sua relevância histórica, artística e/ou arquitetônica, destacam-se das demais. Estas, portanto, merecem uma classificação especial que enfatize sua importância dentro do conjunto.
- **CARACTERIZADAS:** são as edificações que sofreram intervenções parciais, mas que mantêm as características básicas do conjunto, o que as fazem inseridas no contexto arquitetônico e urbanístico da área.



Edificação Descaracterizada (rua Cel. Alexanzito)

- **DESCARACTERIZADAS:** são edificações que sofreram intervenções totais ou parciais que as deixaram em desarmonia com o conjunto. Entretanto, por manterem suas proporções e recuos originais, ainda se torna razoavelmente fácil inseri-las novamente no contexto arquitetônico.



Edificação Conflitante

- **CONFLITANTES:** são as edificações construídas sem levar em consideração os recuos, gabaritos, ritmos, materiais que caracterizam o conjunto arquitetônico. A reintegração destas edificações ao contexto do lugar se torna no mínimo difícil de ser feita.

Uso do Solo

A classificação neste caso foi a tradicionalmente usada nas Leis de Uso e Ocupação do Solo.

Fez-se um levantamento casa a casa, onde verificou-se que os usos dados a estas edificações variam entre residencial, comercial, misto, lazer, educacional, religioso, institucional, vazio urbano e desocupada.

Forma e Material de Cobertura

Tomando como base o desenho da cobertura, estas foram classificadas em: tipo A, tipo B, tipo C, tipo D, tipo E, tipo F, tipo G, arquitetura monumental, outros, sem cobertura e ruínas.

- TIPO A: são as cobertas de duas águas
- TIPO B: são as cobertas de duas águas que possuem água furçada
- TIPO C: são aquelas que possuem um volume ou corpo que se destaca. Em Aracati só foi detectada uma única construção com estas características.
- TIPO D: são cobertas características das construções de esquina. São compostas de duas águas, cada qual voltada para uma das duas vias. O seu desenho é representado por um retângulo cortado por uma diagonal.
- TIPO E: são as típicas cobertas de três águas.
- TIPO F: são as tradicionais cobertas de quatro águas.
- TIPO G: são as cobertas de uma água

-
- **ARQUITETURA MONUMENTAL:** são as cobertas das edificações classificadas como monumentais: igrejas, casa de câmara e cadeia, mercados etc.
 - **OUTRAS:** são as que não se enquadram em nenhuma das cobertas anteriormente descritas. São os telhados planos, lajes, ou aquelas cobertas cuja tipologia foge aos desenhos tradicionais.

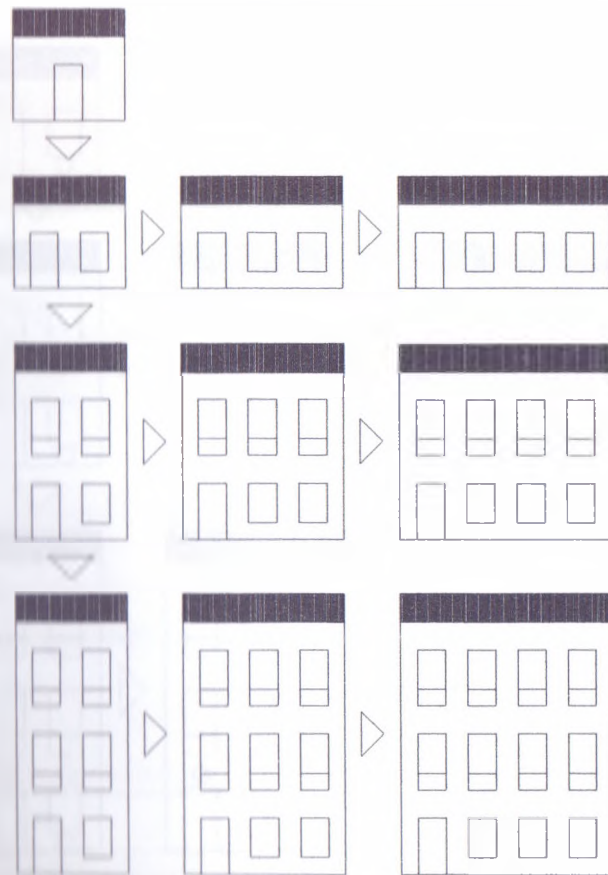
Os materiais empregados nas coberturas, ou seja os tipos de telhas, variam entre: cerâmica (tipo capa-canal), amianto e metálica.

Revestimentos e Cores

Estudar a variação de revestimentos e cores significa elaborar um painel em que constem as possibilidades de intervenção, principalmente nas fachadas, procurando não fugir do padrão do conjunto, e garantindo, assim, a sua qualidade visual.

TIPOLOGIA DAS FACHADAS

TIPO A



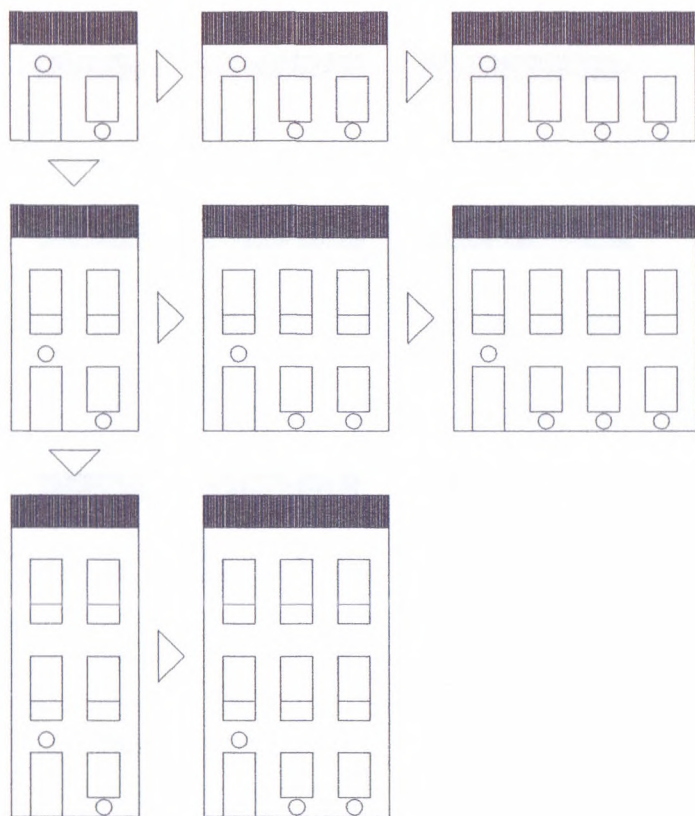
TIPO B



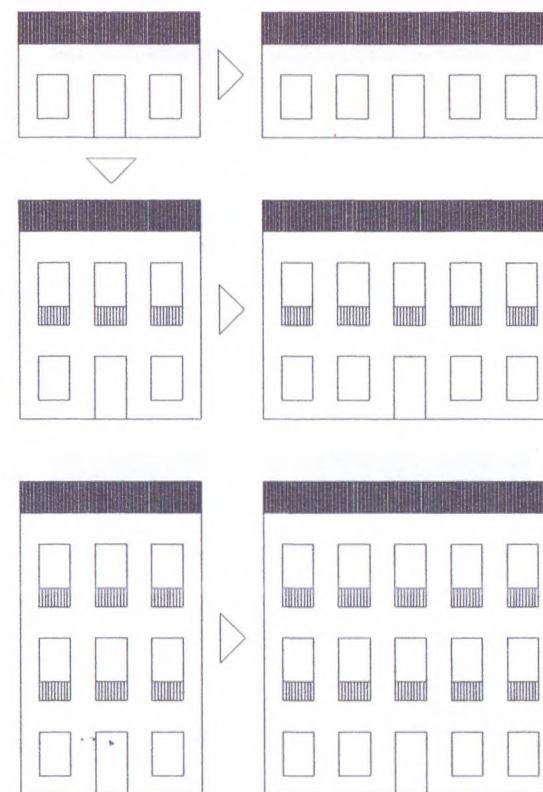
NOTIMAS E CRITÉRIOS DE INTERVENÇÃO PARA O CENTRO HISTÓRICO DE ARACATI
ANÁLISE ARQUITETÔNICA

TIPOLOGIA DAS FACHADAS

TIPO C



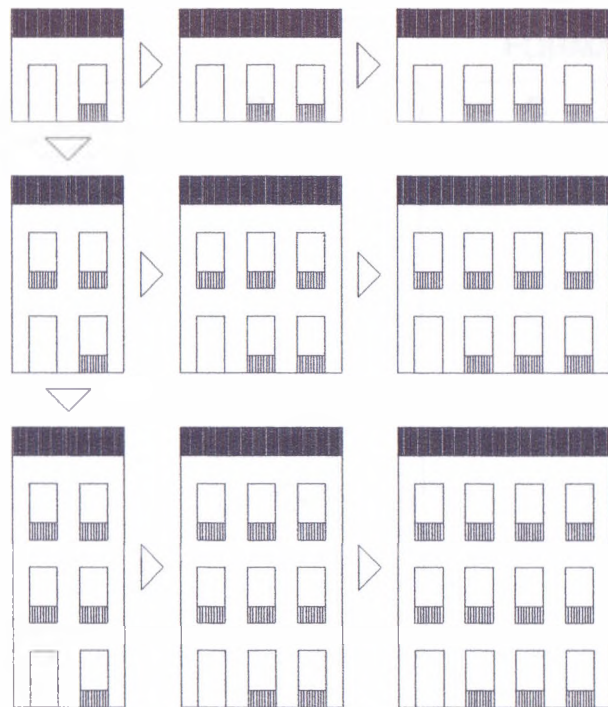
TIPO D



NORMAS E CRITÉRIOS DE INTERVENÇÃO PARA O CENTRO HISTÓRICO DE ARACATI
ANÁLISE ARQUITETÔNICA

TIPOLOGIA DAS FACHADAS

TIPO E



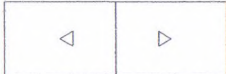
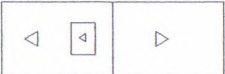
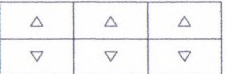

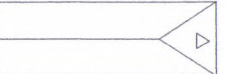



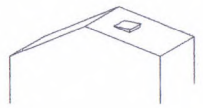
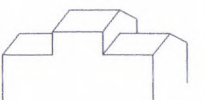
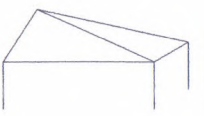
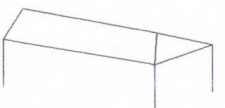
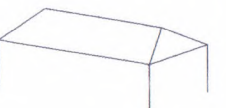
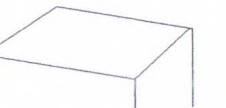
TIPO F



NORMAS E CRITÉRIOS DE INTERVENÇÃO PARA O CENTRO HISTÓRICO DE ARACATI
ANÁLISE ARQUITETÔNICA

TIPOLOGIA DAS COBERTAS

FORMA DA COBERTURA

TIPO	A	B	C	D	E	F	G
PLANTA							
PERSPECTIVA							

NORMAS E CRITÉRIOS DE INTERVENÇÃO PARA O CENTRO HISTÓRICO DE ARACATI
ANÁLISE ARQUITETÔNICA



...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...



6. EVOLUÇÃO URBANA

6.1. EVOLUÇÃO URBANA

O Brasil Colônia

A colonização do Brasil pelos portugueses não começou imediatamente após o seu descobrimento. Portugal estava por demais envolvido nas relações comerciais com as Índias para ter algum interesse em desbravar e investir no *Novo Continente*.

Porém, com a quebra da hegemonia lusa nas rotas orientais das especiarias que lançou o país em um grave desequilíbrio político e econômico, a metrópole teve de voltar sua atenção para as terras da América, concretizando o processo de colonização do Brasil.

Juntou-se a isto o medo dos corsários, que freqüentemente visitavam a costa brasileira para traficar o pau-brasil, e que poderiam acabar por se apossar das novas terras.

A colonização portuguesa era, portanto, composta de duas variáveis: uma política e outra econômica. Política porque se prestava à defesa da posse de um território e econômica porque visava a exploração de riquezas.

O sistema de capitanias hereditárias, antes implantado com sucesso nos Açores e em Cabo Verde, se mostrou a medida político-administrativa mais eficaz naquele momento de crise financeira do Estado, pois se utilizava de recursos privados para a colonização.

Esse modelo se caracterizava pela doação de faixas de terras a pessoas de influência no Reino. Estes *donatários* recebiam a posse das glebas, mas não a propriedade. Exerciam a autoridade política, judiciária e administrativa, gozavam de algumas vantagens econômicas, mas, se desfrutavam dos frutos da empresa, também respondiam pelos possíveis e não muito raros prejuízos.

Portanto, o sucesso ou o fracasso de cada capitania passou a depender tanto dos incentivos políticos do governo e da adequação físico-ambiental da cultura açucareira às diferentes regiões brasileiras quanto da capacidade administrativa e econômica de cada donatário. Dentro deste contexto tiveram destaque as capitanias de São Vicente e Pernambuco.

Com a cultura da cana-de-açúcar o domínio da metrópole portuguesa sobre o Brasil acontece de fato, iniciando-se o desbravamento da região litorânea, principalmente no nordeste do país.

A escolha da cana-de-açúcar como produto a ser explorado no Brasil, não foi feita por acaso. A adequação dessa cultura ao nosso clima predominantemente tropical, e a perspectiva de um mercado consumidor que já existia na Europa foram decisivos. No Nordeste do País, a cana iria encontrar um solo adequado ao seu cultivo, sem falar na proximidade da região com os mercados consumidores europeus, o que tornava as capitanias daqui mais atrativas se tomadas em relação às das áreas mais ao sul do território brasileiro.

É importante lembrar que essa estrutura econômico-social que pouco a pouco se estabelecia foi, toda ela, baseada no escravismo, e que os negros traficados da África para a América constituíram a parte mais considerável da força de trabalho tanto da colônia quanto do futuro império brasileiro. Neste cenário, formaram-se as primeiras vilas e surgiram os grandes engenhos.

O modo como se deu o uso, a ocupação e a conformação do solo urbano e rural nordestino sofreu influência direta de todo este processo econômico e social, baseado na monocultura, na mão-de-obra escrava e em uma sociedade eminentemente patriarcal.

A arquitetura deste período é o reflexo das relações entre dominantes e dominados; a casa grande e a senzala expressam claramente isto.

A decadência do sistema canavieiro começou quando se fez necessário o pedido de empréstimos junto às empresas holandesas, as quais passaram a levar para si quase todo o lucro gerado pelo açúcar.

Pernambuco nestes tempos figurava como capitania mais importante da colônia. Era nela que ficavam os maiores engenhos e era dela que saíam as milhares de sacas de açúcar que davam tanta riqueza à Coroa. Nada mais natural que os holandeses, verdadeiros patrocinadores de nossos negócios internacionais, rumassem para esta capitania afim de lá se instar. Tinham eles a intenção de ficarem mais próximos da fonte de seus lucros. Quando o conde holandês Maurício de Nassau estabeleceu um governo pernambucano ligado à

Holanda, em 1624, muitos dos antigos proprietários de terra acabaram se afastando do litoral onde tradicionalmente se operava a colonização, provocando um novo surto de ocupação rumo ao interior.

A esses tempos, e pelo quadro apresentado, tornava-se imprescindível para a Coroa portuguesa uma maior centralização do poder, visando a defesa da costa contra os ataques estrangeiros, a fiscalização e a cobrança da parte que lhe cabia nos lucros e a conciliação de interesses entre colonos e donatários. Foi então criado o Governo Geral, que, se não extinguiu o sistema de capitanias hereditárias, dava à Portugal mais poder de controle em relação à colônia.

A cidade de Salvador, situada na capitania real da Bahia de Todos os Santos, foi escolhida como sede do Governo Geral, e isto se deveu principalmente à sua situação geográfica, centralizada com relação às demais capitanias. Salvador passou, então, a ser o centro militar, administrativo, fazendário e judiciário de toda a colônia.

O primeiro governador geral, Tomé de Souza, promoveu não só o crescimento desta cidade, como também incentivou o povoamento do interior baiano. O rio São Francisco passou a ser o principal vetor desta ocupação. Várias fazendas de gado começaram a se fixar em suas proximidades e delas partiram expedições de desbravamento do sertão, seguindo rio abaixo ao longo de suas margens. Mas com a chegada dos holandeses, as explorações passaram a ir mais além, distanciando-se do leito das águas. Esta viria a ser a mais atuante corrente de povoamento do sertão nordestino chamada São Franciscana ou "Sertão de Dentro".

O Processo de Ocupação do Nordeste

Fazendo uma retrospectiva de todo o processo de colonização, nota-se que primeiramente, em função da cultura da cana-de-açúcar, a expansão e concentração das terras brasileiras se restringia às áreas litorâneas. É sabido que o sistema açucareiro dependia diretamente da pecuária, pois era o gado quem exercia as funções ligadas à tração, transportando a matéria-prima, bem como era a base da alimentação nos engenhos.

Inicialmente complementar, a pecuária futuramente passaria a ser uma nova força econômica, independente, e principal responsável pelo desbravamento do sertão nordestino e pelo intercâmbio entre os extremos geográficos do Brasil, as regiões norte e sul.

A impossibilidade de manter num mesmo espaço físico a lavoura da cana-de-açúcar e os pastos para o gado, bem como a crescente necessidade de mais áreas de plantio fez com que houvesse um deslocamento da pecuária para o interior.

O clima semi-árido, a falta de sombra e a alimentação gerada pelo tipo de vegetação, sempre rala e áspera, determinou os percursos do gado que sempre eram feitos às margens de algum rio. Estas eram então as melhores vias de penetração e ditavam os vetores de expansão do interior.

As primeiras expedições partiram de Salvador. Ocupando inicialmente todo o litoral baiano até o Sergipe e depois seguindo interior a dentro, acompanhando o curso do rio São Francisco e chegando às terras do Piauí, Ceará até o

Maranhão. A esta corrente, como já foi dito anteriormente, deu-se o nome de “sertão de dentro” ou São Franciscana.

De Pernambuco saíram outros aventureiros, compondo uma nova trilha que tinha como ponto partida os grandes centros comerciais da capitania, Olinda, Igaracú e Goiana, em direção às margens do rio Parnaíba, cruzando em determinados trechos com a rota dos baianos. Este caminho foi chamado de “sertão de fora”.

Ao contrário do que se pode imaginar o processo de povoamento do sertão nordestino não foi produto de uma iniciativa heróica dos desbravadores baianos e pernambucanos, mas sim de uma visão lucrativa de Portugal e desses aventureiros que se arriscavam para ter como recompensa a generosa distribuição de terras feita pela Coroa.

A ocupação holandesa no litoral estimulou a fixação no interior de uma maior quantidade de colonos, que antes cultivavam a cana-de-açúcar, e passaram forçosamente a se dedicar à pecuária.

A fase de marasmo em relação à ocupação do sertão chegou ao fim com a instalação das fazendas de gado. Estas eram unidades econômicas auto-sustentáveis e que possuíam internamente relações sociais peculiares de dependência entre os funcionários (vaqueiros) e os donos da terra, mas que diferiam do patriarcalismo da cultura açucareira por serem abertas e dinâmicas, visto que abriam a perspectiva de crescimento do trabalhador.

O Ceará

A resistência dos indígenas, o difícil acesso à costa e a forte ocupação francesa no Maranhão que se estendia até terras cearenses; fizeram com que o Ceará entrasse tarde para a história do Brasil colônia. Entretanto, o principal motivo da falta de investimentos por parte da Coroa para com esta capitania se encontrava no fato de que ela não possuía qualquer atrativo econômico.

Somente a necessidade de afirmação da posse da costa cearense fez com que Portugal se preocupasse em providenciar a sua ocupação, pois esta província serviria de base militar para a defesa da costa brasileira aos ataques holandeses e franceses.

No século XVII a criação do Estado Novo do Maranhão que englobava parte do Ceará reforçou o caráter político de exploração das terras cearenses.

Em 1656 o Ceará passou a depender de Pernambuco. Esta medida administrativa tomada pela Coroa objetivava a busca de novas terras sertão adentro e foi estimulada pelos grandes latifundiários pernambucanos que esperavam, através da venda ou doação destas novas terras, terem a possibilidade de explorá-las com a criação de gado, pois o açúcar começara a entrar em decadência e a pecuária figurava como uma nova possibilidade de enriquecimento.

No Ceará este processo de exploração se tornou bastante efetivo devido a sua conformação geográfica. Serras e chapadas o contornam formando um “grande curral”. Rios

atravessavam as pastagens, dando acesso ao litoral e fornecendo água, elemento essencial às atividades pastoris. Nada mais natural que as sesmarias doadas a partir de 1680 ocorressem nas imediações dos rios mais volumosos, destacando-se o rio Jaguaribe e seus afluentes.

A distribuição das terras desconhecidas era baseada nas relações de compadrio. Embora as várias porções de terras não fossem entregues a uma única pessoa, as influências políticas dos beneficiados garantiam também doações a seus familiares, conseqüentemente extensas faixas de terras ficavam destinadas a umas poucas famílias o que gerou os latifúndios.

No início do século XVIII uma evolução da economia vinculada à pecuária se inicia no Ceará. A produção excedente da carne bovina para o mercado local fez com que começasse um intercâmbio comercial com os engenhos da Zona da Mata e demais concentrações populacionais. Inicialmente esta comercialização era feita com o gado em pé, mas como este perdia muito peso durante o percurso até as feiras de Olinda, Igaracú e Goiana, em Pernambuco, bem como para a Região do Recôncavo Baiano, não se tornava compensadora a venda dos animais. A solução criada pelos fazendeiros da região litorânea foi a de comercializar o gado abatido, transformado em carne-seca, salgada segundo uma técnica indígena local.

A partir de então surgiram as chamadas Oficinas, Charqueadas ou Feitorias; fábricas de beneficiar carne. Estas foram instaladas nos estuários dos rios Jaguaribe, Acaraú e Coreaú, estendendo-se depois aos rios Parnaíba, no Piauí, Açu e Mossoró, no Rio Grande do Norte.

O Povoado de São José do Porto dos Barcos, hoje cidade de Aracati, surgiu como um local muito apropriado para a implantação das charqueadas, visto "que além de matéria-prima abundante, possuía outros fatores locais asseguradores do êxito: ventos constantes e baixa umidade relativa do ar, favoráveis à secagem e duração do produto; existência do sal, cuja importância se não precisa destacar, barras acessíveis a cabotagem da época"².

O Ciclo do Gado, principal responsável pelo povoamento do Sertão, teve com as Charqueadas o seu período áureo. Por estes tempos se reforçou a fixação no interior. Povoados e vilas se formaram em vários pontos da Capitania. Merecem destaque as de: Icó, Aracati, Sobral e Quixeramobim.

Devido principalmente às secas, dentre outros fatores de ordem administrativa e política, o Ciclo do Gado entrou em colapso. Entretanto, logo surgiu uma nova cultura, a do algodão.

Aracati: Aspectos Históricos e Evolução Urbana.

A colonização do Siará Grande começou num povoado chamado Arraial, que se situava às margens do Rio Jaguaribe e que surgiu em decorrência de sesmarias adquiridas pelo Capitão-mor Manuel de Abreu Soares.

A origem deste povoado está ligada ao aumento da indústria pastoril que se desenvolvia ao longo de todo o rio Jaguaribe.

² Braga, 1947, p.150

Com o tempo o lugar seria conhecido por Cruz das Almas, e, posteriormente, por São José do Porto dos Barcos.

O aparecimento das charqueadas seria determinante para a história dessa povoação, como o principal impulso para o seu progresso. O ano em que se instalaram as primeiras salgadeiras é desconhecido, sabe-se entretanto que datam de épocas anteriores a 1740 e que “no ano de 1714, devastadas as carnaubeiras e marizeiros, construíram os charqueadores, vindos de Pernambuco e da Bahia, uma capela de taipa com frente de tijolo e coberta de palha, sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário”³.

Antes mesmo de ser elevada à categoria de vila, Aracati já tinha a hegemonia econômica da capitania. Isto foi consequência da relativa proximidade com Recife e Salvador, principais núcleos urbanos da época; e devido ao seu porto marítimo no qual era realizado intenso intercâmbio comercial marcado pela exportação das riquezas da capitania e pela importação de diversos objetos de luxo.

O desenvolvimento gerou um fluxo populacional em direção à Aracati; as pessoas ali se instalando passaram a desenvolver atividades comerciais, ligadas ao charque e também ao couro, sob várias formas e tipos, transformando em pouco tempo o humilde arraial em um centro dos mais procurados e populosos da capitania.

Em 1743, Aracati se destacava pelo progresso econômico e populacional. O grande número de pessoas, entretanto,

³ Valdelice Girão-As Charqueadas-A história do Ceará (op. cit.) pp 64

acabava por gerar conflitos e insegurança, daí se fazendo necessário o requerimento neste ano de um juiz ordinário e um tabelião que pudessem legalmente impor a ordem ao lugar.

Em 1744, o Ouvidor Manoel José de Faria já fazia uma recomendação para que o povoado fosse elevado à vila, recomendação esta que seria reforçada pela Câmara do Aracati no ano seguinte.

Em 19 de Julho de 1747 uma carta comunica a resolução do rei em criar a vila de Santa Cruz do Aracati. Esta porém só viria a ser fundada efetivamente em 10 de Fevereiro de 1748. O local escolhido como marco inicial foi a Cruz das Almas por ser o mais alto, consequentemente estando livre das inundações do rio Jaguaribe. Segue-se aqui uma descrição desses autos de criação:

Autos da criação da villa que o muito alto e poderoso Senhor Dom João o quinto Rei de Portugal mandou novamente erigir neste lugar do Aracaty porto dos Barcos do rio Jagoaribe pello Doutor Manoel José de Faria ouvidor geral desta Comarca do Ciara Grande: Anno de nassimento de nosso Senhor Jesus Cristo de mil e setecentos e coarenta w oito annos aos des dias do mês de fevereiro do dito anno neste lugar do Aracaty porto dos Barcos do rio Jagoaribe em pouzadas do Doutor Manoel José de Faria ouvidor geral e corregedor da Comarca honde eu escrivão de seo cargo ao diante nomeado fui vindo e sendo ahi pello dito Menistro me foi mandado autuar huma ordem de Sua Majestade pella qual determinava o dito Senhor fizesse erigir no Lugar asima declarado huma nova villa com todas as clauzulas e sirconstancias na mesma ordem declaradas e para constar a todo tempo a execução da mesma

que he a que adiante se segue e as demarcassões tanto da praça ruas lugares para edificios publicos rosios e logradouros como titulo da mesma villa fiz este auto em que asinou e eu Verissimo Thomas Perera escrivam da ouvidoria que o escrevy. Manoel José de Faria.

E sendo em o mesmo dia mês e anno atras declarado foi o sobredito Ministro comigo escrivam ao sitio chamado Crus das Almas por ser o que se acha mais conveniente para se demarcar a praça da nova villa em rezão de ser o mais alto e livre de innundação do Rio Jagoaribe e afastado de la sua rabansseira o que paresseo bastante deicharse para huzo e serventia do mesmo Rio e sendo ahi chegado as cazas do Coronel Domingos Tavares mandoce fincar huma grande carnahuba pera do lugar em que esta se por se cordiar por rumos direitos o lugar que havia de servir de praça a mesma villa e depois de posto o dito marco mandou deitar o rumo da agulha de marcar e cordiando a lessueste com cincoenta e oito braças e meya no fim delas em pouca distancia de humas cazas que se disse herão de Dona Roza se mandou fincar outra carnahuba da qual virando o rumo ao sul sudueste se foi correndo a corda com sento e sinco braças no fim das quais se mandou levantar outra carnahuba donde seguindo rumo de alues-noroeste com otras sincoenta e oito braças e meya no fim delas se meteo outro Marco de carnahuba que fica...com o primeiro que se meteo junto as cazas do Coronel Domingos Tavares e desta sorte ficou fixada a prassa com figura cuadrangular, e seguindo o rumo de nornordeste que he o que faz face pela parte do rio e chegando ao meyo dele com sincoenta e duas braças e meya se botou o rumo de lessueste a buscar o meyo da praça demarcada com vinte e nove

brassas e huma coarta honde se assignou o logar do Pillourinho etc."⁴

"A 24 de Fevereiro levantou-se o Pelourinho, de tijolo barro e cal, tendo em cima no remate coatro brassos de ferro com suas argolas na ponta vindo a ter desde pedestal athe o remate vinte palmos, e a 26 foi demarcado o logar para a casa de camara e cadea, dando se lhes para isso quinze braças de terreno."⁵

Em 1781 existiam provavelmente umas cinco fábricas de beneficiamento de carne, por estes tempos a população fixa de Aracati era grande, mas a flutuante era bem maior. O saldo populacional de cerca de 2.000 pessoas em 1789 faz perceber claramente isto.

Inicialmente, com a instalação da Vila houve um decréscimo no desenvolvimento comercial, pois a partir de então os donos dos barcos tiveram que passar a obedecer às posturas criadas pelas autoridades locais, o que os fez buscar outras oficinas para negociar. Entretanto, logo Aracati se recuperaria e as relações comerciais seriam normalizadas.

A conformação espacial da vila de Aracati ia, então, estabelecendo-se, tendo a sua estrutura urbana e a sua arquitetura influência direta do Ciclo do Gado. Isto fica bastante evidente no traçado das ruas, que objetivava a melhor acessibilidade entre o Porto dos Barcos e as Oficinas. Exatamente por isso, as caixas das vias, adaptadas ao

⁴ Revista do Instituto do Ceará, Tomo IX, pp. 395-397

⁵ SANTOS, Paulo Ferreira. Formação de Cidades no Brasil Colonial. Coimbra-1968

transporte dos animais , são, ainda hoje consideradas bastante largas para os padrões da maioria das cidades do sertão.

Um erro na delimitação do tamanho da vila do pequeno termo de meia légua quadrada gerou um descontentamento na população; entretanto, Aracati expandiu sua malha urbana alheia à discussão que girava em torno desse equívoco.

Em 1770 foi feito um contrato para a edificação da Casa da Câmara na rua do Comércio, no antigo trecho das Flores.

Verifica-se no livro de aforamento de terra da Vila de Aracati de 1775-1812 um pedido de demarcação das oficinas, currais e estaleiros que se localizavam nas ruas centrais da Vila. E no livro de registro de Escrituras de foros de Aracati, ano de 1765-1779, vê-se inúmeros pedidos de aforamentos de menores dimensões e em várias ruas.

As maiores oficinas ficavam na rua principal, a Santo Antônio. Com o crescimento da vila e o conseqüente aumento no número de edificações, a Câmara tentava ordenar da melhor maneira possível a expansão urbana, o que não consistia em tarefa fácil.

Em 1781 a Câmara da Vila de Aracati faz o requerimento de uma Audiência Geral, cuja pauta se referia à questão da rusticidade e má localização das oficinas que provocavam insatisfação na população. Entretanto, nada foi feito, a não ser a comprovação por escrito do fato.

Insatisfeitos com a falta de atitude que solucionasse a problemática, os vereadores e um grupo de republicanos

requiseram uma nova Audiência Geral, na qual a discussão girou em torno de soluções que aliviassem os moradores dos incômodos decorrentes do abate em lugares centrais da Vila. Chegado o final do século XVIII, a Vila do Aracati possuía uma população de aproximadamente “duas mil pessoas... Habitando trezentas casas (muitas delas sobrados), mais de setenta lojas de mercadorias...que arrecadavam quinhentos mil cruzados...”, e recebia melhoramentos que a metrópole só concedia aos mais ricos e adiantados.

Neste mesmo período aconteceram dois fatos: a capitania do Siará deixa de ser dependente da de Pernambuco e acontece uma expansão da cultura do algodão, consequência da Guerra da Secessão nos Estados Unidos que prejudicou totalmente a produção algodoeira daquele país, obrigando-o a sair do mercado internacional. Isto deixou um vácuo que foi preenchido pelo produto nordestino. Um terceiro fato veio se juntar a estes dois, as secas de 1777 a 1778 e 1790 a 1793 praticamente acabaram com o rebanho cearense e, assim, houve uma queda na produção da carne seca, que teve seu pólo de produção transferido para o sul do país.

O algodão surgiria então como a nova cultura dominante e no período compreendido entre o final do século XVIII e o início do XIX, lideraria o cenário da economia nordestina. A sua produção gerou lucros comparáveis aos obtidos com o açúcar e do couro.

Em 1779, foi construído em Aracati o edifício da Alfândega, responsável pela arrecadação dos impostos relativos ao algodão, que, por sua vez, a partir de 1805, já era comercializado diretamente com a Metrópole. Devido a esta

movimentação comercial, Aracati viu seu quadro urbano evoluir enquanto o da maioria das outras vilas existentes permanecia inalterado, continuando, portanto, a ter a hegemonia econômica da capitania.

Até a década de 30 Aracati vai paulatinamente conquistando mais e mais o poder econômico e se destacando como a vila melhor estruturada da Província. Possuía a maior população e sobrados de sofisticada conformação. Entretanto, após este período diversos fatores contribuiriam para que Fortaleza assumisse a posição de maior centro urbano do Ceará .

Em 25 de outubro de 1842, pela Lei Provincial nº 244, Aracati é elevada a condição de cidade. Nesta época ainda possuía a dominância do comércio e a maior população da Província.

Em 1901 Aracati era assim descrita por Antônio Bezerra: “a cidade consta de quatro ruas grandes, mal alinhadas, que se estendem aproximadamente de N.N.E. à S.S.O., a primeira próxima do rio, denominada Apollo, que teve antes os nomes da Parada e do Silvestre; a Segunda, a mais importante, do Comércio, outrora do Pelourinho, na sua primeira parte, das Flores, no centro e de S. Antônio no outro extremo; a terceira Direita e a Quarta do Rosário. Tem 16 menores, com intervalos mais ou menos desocupados, umas no quadro edificado, outras nos arredores que são chamadas de Paradinha, do Tamarindo, da Matriz, da Carnahuba, do Joaquim João, do Cortume, da Bella-Vista, do Velame, da Casqueira, da Ana Calisto, do Soares, do Cemitério, do Porto dos Barcos e da Cacimba do Povo. Cortando as ruas principais quase em direção L.S.E. a O.N.O., cruzam-se as travessas do Bonfim, dos Prazeres, do Encontro, das Flores, do Mercado Novo, da

Cacimba, da Viação, da Matriz, do D. Luiz, da Parada, da Alfândega, da Botica, da Praias, do Triumpho, do Cano e outras a que não se deu ainda nome. São belas as praças do Pelourinho, da Ponte, antiga da Alfândega, da D. Luiz, da Matriz, do Mercado, Dos Prazeres, do Rosário e da Cruz das Almas. A cidade que apresenta magníficos prédios, entre os quais 82 sobrados de um ou dois andares, quase todos situados na rua do Comércio, onde se vê grande número de lojas e armazéns de fazenda e outros objetos de negócios. O edifício da Câmara Municipal, um dos mais importantes do Estado, que fica no lado ocidental da rua do Comércio com dez portas de frente no andar superior, a que dominam duas grandes torres. Entre os templos nota-se a Matriz, bella igreja, alta espaçosa, bem construída, tendo rico trabalho de gravura no altar-mor que resplende aos finos dourados efeito do gosto antigo. Sobre a frontaria montam torres, em uma das quais se acha um excelente relógio, presente que lhe fizera o Coronel Domingos Theofilo Alves Ribeiro, no ano de 1844, que com ele despendera 1: 500\$000rs”⁶. Refere-se também às igrejas: do Bom Jesus do Bonfim, situada à rua do Comércio; a de N.S. do Rosário dos Pretos, localizada na rua do Rosário e a de N.S. dos Prazeres, situada na mesma rua.

Como pólo de grande movimentação comercial e uma população que excedia a da capital, ou seja, como um lugar de destaque dentro da Província, Aracati possuía evoluídas concepções políticas e culturais, tendo inclusive muitos de seus filhos participado do movimento revolucionário de 1824, a Confederação do Equador; bem como da fundação do primeiro clube republicano do Ceará.

⁶ Bezerra, 1902,p.102

Tinha inúmeros jornais de cunho político e humanista que criticavam com bom humor e buscavam fazer da população pessoas esclarecidas, conscientes de seus direitos como cidadãos. Na música destacavam-se as bandas.

Em linhas gerais, Aracati teve sua história marcada por uma fase de intenso progresso, quando se destacava no cenário cearense e pelo seu porto se escoava o grosso do comércio internacional da capitania, depois província. Com o fim desse período, compreendido entre os anos quarenta do século XVIII e a década de trinta do século XIX, a cidade foi-se gradativamente estagnando, como decorrência das secas, das linhas de vapores para Fortaleza, da construção da Via Férrea de Baturité, do declínio da charque e do algodão, etc.

Em 1966 a base da economia do município era a agricultura. Eram explorados o algodão, a cana-de-açúcar, o coco-da-Bahia, a mandioca, bem como era feito o extrativismo da cera de carnaúba e do sal. Empresas de industrialização do caju, indústrias de palha de carnaúba e a produção artesanal de labirintos e rendas mantinham a economia de Aracati que estava longe de se comparar a da época das charqueadas.

Atualmente Aracati é um dos pólos turísticos do Estado e este provavelmente é o mais forte potencial para o seu desenvolvimento. Como centro histórico com grande acervo arquitetônico, ele pode receber estímulos que favoreçam a um turismo cultural, além daquele gerado por suas praias, seu clima ameno e seco e pela hospitalidade da sua população.

6.2. Resumo da Evolução Urbana

O Núcleo Inicial

- Igreja Matriz do Rosário.

A Primeira Expansão

- Acréscimo da rua Coronel Alexanzito, da Praça Cruz das Almas e do entorno da Igreja Matriz ao núcleo inicial.

A Transição entre os séc. XVIII e XIX

- Acréscimo de outras vias, paralelas à rua Coronel Alexanzito (rua Santos Dumont, rua Coronel Alexandrino, rua Coronel Pompeu e rua Agapito dos Santos) e algumas travessas responsáveis por uma ligação transversal (rua Dragão do Mar, travessa Cônego João Paulo, rua S.D.O, travessa Barão de Messejana, travessa Adolfo Caminha, travessa Costa Barros e travessa Senhor do Bonfim);
- Início de uma concentração ao norte da Igreja Matriz (Cambôa), onde se situavam a maior parte das oficinas de charque, e outra no extremo sul (Cacimba do Povo), próximo à entrada do vilarejo, ponto de abastecimento de água potável;
- Configuração do espaço urbano marcada pelo traçado ordenado de ruas retilíneas, pela presença das principais praças e das quatro maiores igrejas (Igreja de N. Sra. do Rosário, Igreja de N. Sra. dos Prazeres, Igreja do Rosário dos Pretos e Igreja do Sr do Bonfim).

A Transição entre os séc. XIX e XX

- Rompimento da rigidez da malha em xadrez por vias que, adequando-se às peculiaridades da circulação local, desenharam quarteirões com formas variadas.

O Século XX

Décadas 30-50

- Melhoria das ligações terrestres (rodovias federais e estaduais) facilitando o intercâmbio comercial com outras regiões e a instalação de indústrias.

A Década 40

- A cidade se expande em direção leste (oeste-área sujeita a alagamentos-Rio Jaguaribe).
- Surgimento de novos bairros e novas denominações para outros mais antigos. Sendo estes: o Centro(núcleo inicial limitado pelas 5 ruas principais e travessas); Cacimba do Povo; Várzea da Matriz (ao redor da Igreja Matriz-a nordeste); Várzea do Rosário (em torno da Igreja do Rosário dos Pretos); Francês (a sudeste); Santarém (que tem origem no Sítio Santarém); Velame (do lado oeste mais próximo ao rio) e Cajazeiras (ao sul do tecido urbano).
- Prolongamento das primeiras ruas (rua Santos Dumont, rua Coronel Alexanzito, rua Coronel Alexandrino e rua Coronel Pompeu) no sentido norte-sul

A Década de 50

- Continuidade da expansão para o leste.
 - Surgimento do bairro Duque de Caxias.
 - Surgimento de casas mais modestas próximas ao rio.
-

A Década de 80

- Afirmção da expansão para o leste
- Surgimento dos bairros: N. Sra de Lourdes, do Aterro e Campo Verde.
- Surgimento do povoamento Marezinha
- Surgimento da Comunidade Pedregal (após a cheia de 1974) à margem ocidental do rio Jaguaribe, acompanhando a BR-304.
- Construção do dique que contorna o rio Jaguaribe (após a cheia de 1985)

A Década de 90

- Tendência de expansão da malha urbana em direção ao dique

RIO
JAGUARIBE



Fonte: Estudo de Tombamento Federal de Aracati. IPHAN - 4º SR, 1998.



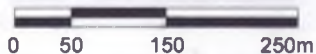
LEGENDA



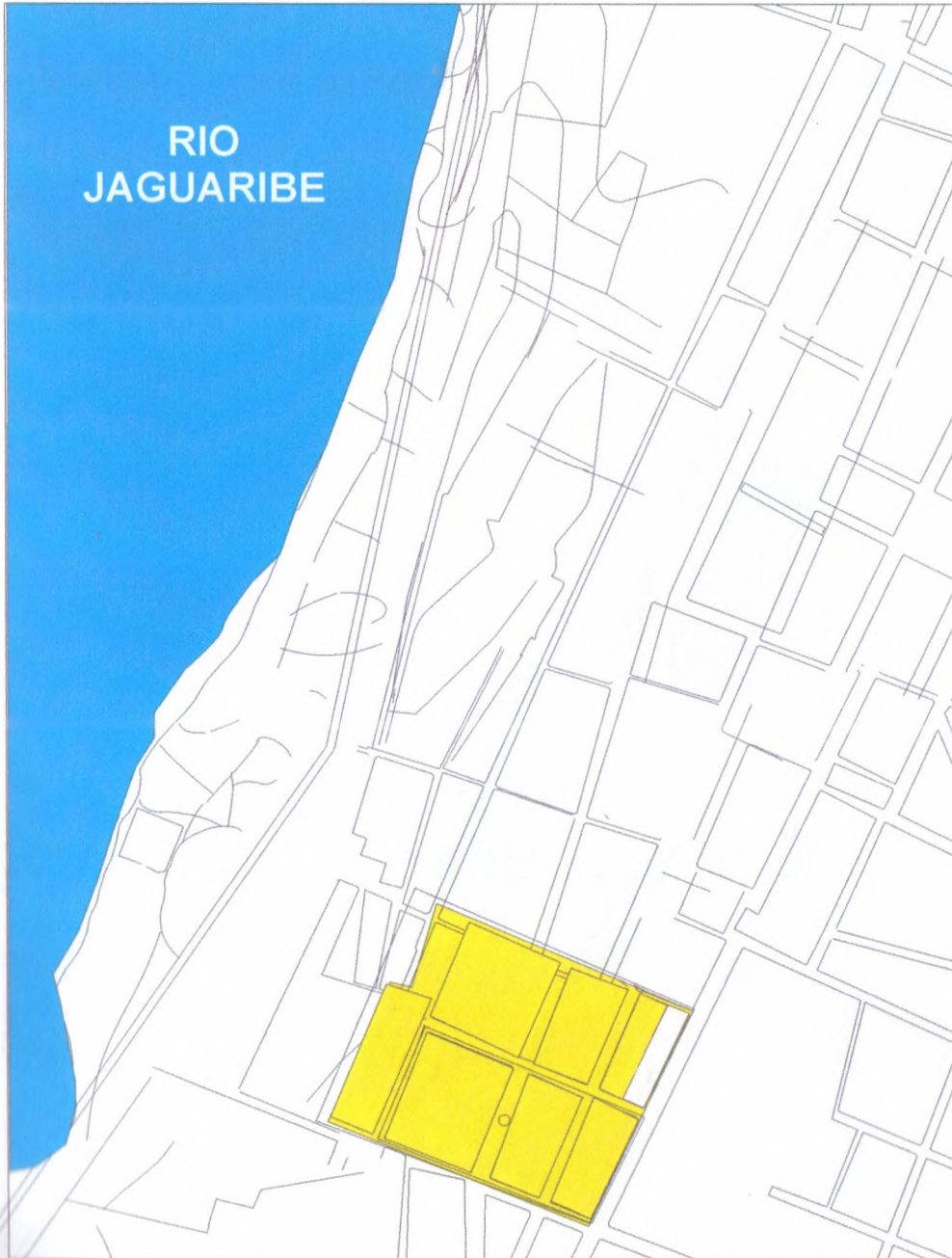
SÉCULO XVIII (INÍCIO):
CAPELA DE NOSSA
SENHORA DO ROSÁRIO

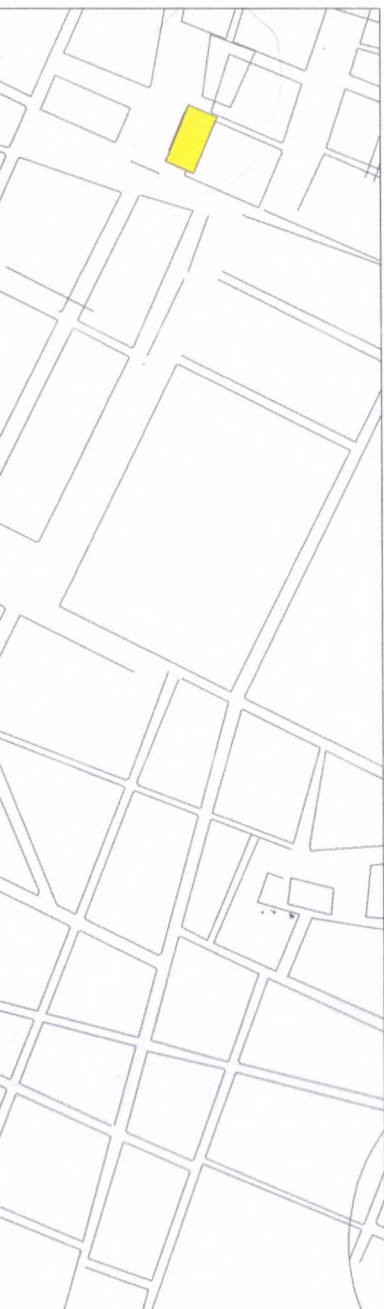
EVOLUÇÃO URBANA 1

ESCALA GRÁFICA



RIO
JAGUARIBE





NORTE

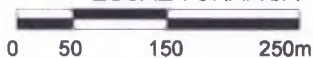
LEGENDA

 SÉCULO XVIII (MEADOS)

EVOLUÇÃO

URBANA 2

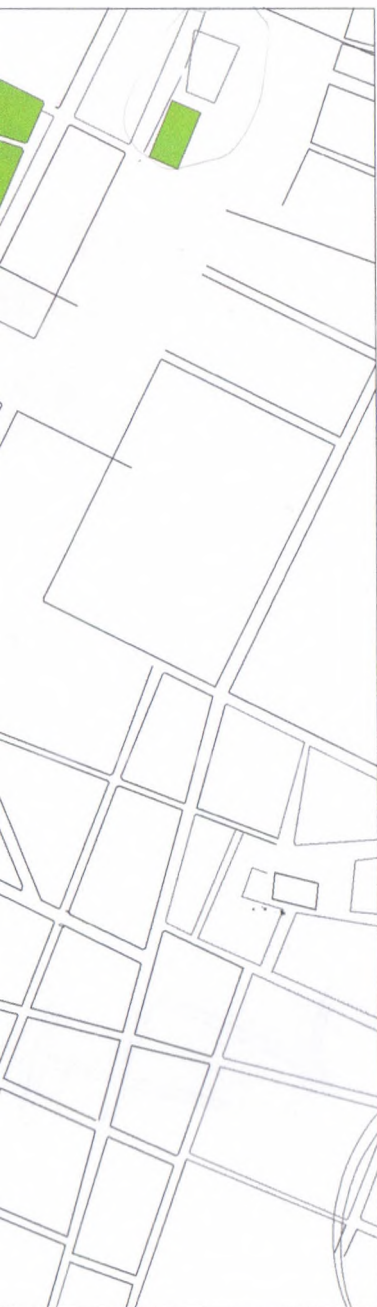
ESCALA GRÁFICA



RIO
JAGUARIBE



Fonte: Estudo de Tombamento Federal de Aracati. IPHAN 4ª SR, 1998.



NORTE

LEGENDA



SÉCULO XVIII (FINAL) E
SÉCULO XIX (INÍCIO)

EVOLUÇÃO
URBANA 3
ESCALA GRÁFICA





RIO
JAGUARIBE



LEGENDA

 SÉCULO XX (INÍCIO)

Fonte: Estudo de Tombamento Federal de Aracati. IPHAN - 4ª SR, 1998.

**EVOLUÇÃO
URBANA 4**
ESCALA GRÁFICA

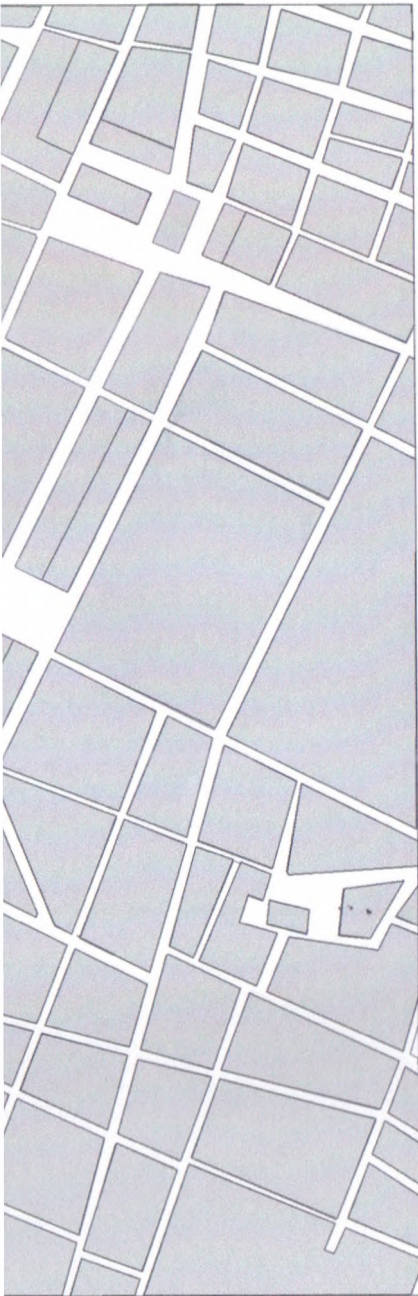




RIO
JAGUARIBE

The image shows a map of the Rio Jaguaribe area. The river is represented by a solid blue area on the left side of the frame. To the right of the river, there is a detailed urban layout with a grid of streets and several large, shaded rectangular blocks representing buildings or industrial structures. The map is overlaid on a white background with a spiral binding visible on the left edge.

Fonte: Estudo de Tombamento Federal de Aracati. IPHAN - 4ª SR, 1998.



NORTE

LEGENDA



SÉCULO XX
(CONFIGURAÇÃO ATUAL)

EVOLUÇÃO URBANA 5

ESCALA GRÁFICA





RIO
JAGUARIBE



NORTE

LEGENDA

-  SÉCULO XVIII (INÍCIO):
CAPELA DE NOSSA
SENHORA DO ROSÁRIO
-  SÉCULO XVIII (MEADOS)
-  SÉCULO XVIII (FINAL) /
SÉCULO XIX (INÍCIO)
-  SÉCULO XX (INÍCIO)
-  SÉCULO XX
(CONFIGURAÇÃO ATUAL)

Fonte: Estudo de Tombamento Federal de Aracati. IPHAN - 4º SR, 1998.

**EVOLUÇÃO
URBANA 6**

ESCALA GRÁFICA





7. CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO

CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO

7.1. SITUAÇÃO GEOGRÁFICA ✓

O município de Aracati, cuja sede dista 122 Km de Fortaleza, localiza-se na porção nordeste do Estado do Ceará, mais precisamente na região do Baixo Jaguaribe.

Com extensão de 1.276 Km² e altitude de 5,74 m acima do nível do mar, limita-se ao norte pelo Oceano Atlântico, ao sul pelos municípios de Itaiçaba, Palhano e Jaguaruana, a leste pelo estado do Rio Grande do Norte e pelo município de Icapuí, e a oeste pelos municípios de Beberibe e Fortim (ver mapa Limites Geográficos).

Sua atual divisão territorial compreende 07 distritos: Sede, Córrego dos Fernandes, Jirau, Santa Teresa, Cabreiro, Barreira dos Vianas e Mata Fresca. A Sede Municipal encontra-se localizada nas coordenadas 4°33'42" de latitude sul e 37°46'11" de longitude oeste de Greenwich.

Seus principais acessos são a BR 304, que interliga, através da BR 116, a capital do Estado do Ceará ao município de Mossoró, no Rio Grande do Norte; e a CE 040, que propicia o acesso aos municípios de Itaiçaba, Fortim, Jaguaruana e Icapuí, bem como aos demais municípios da costa leste, no sentido de Fortaleza (ver mapa Principais Acessos).

7.2. ASPECTOS NATURAIS

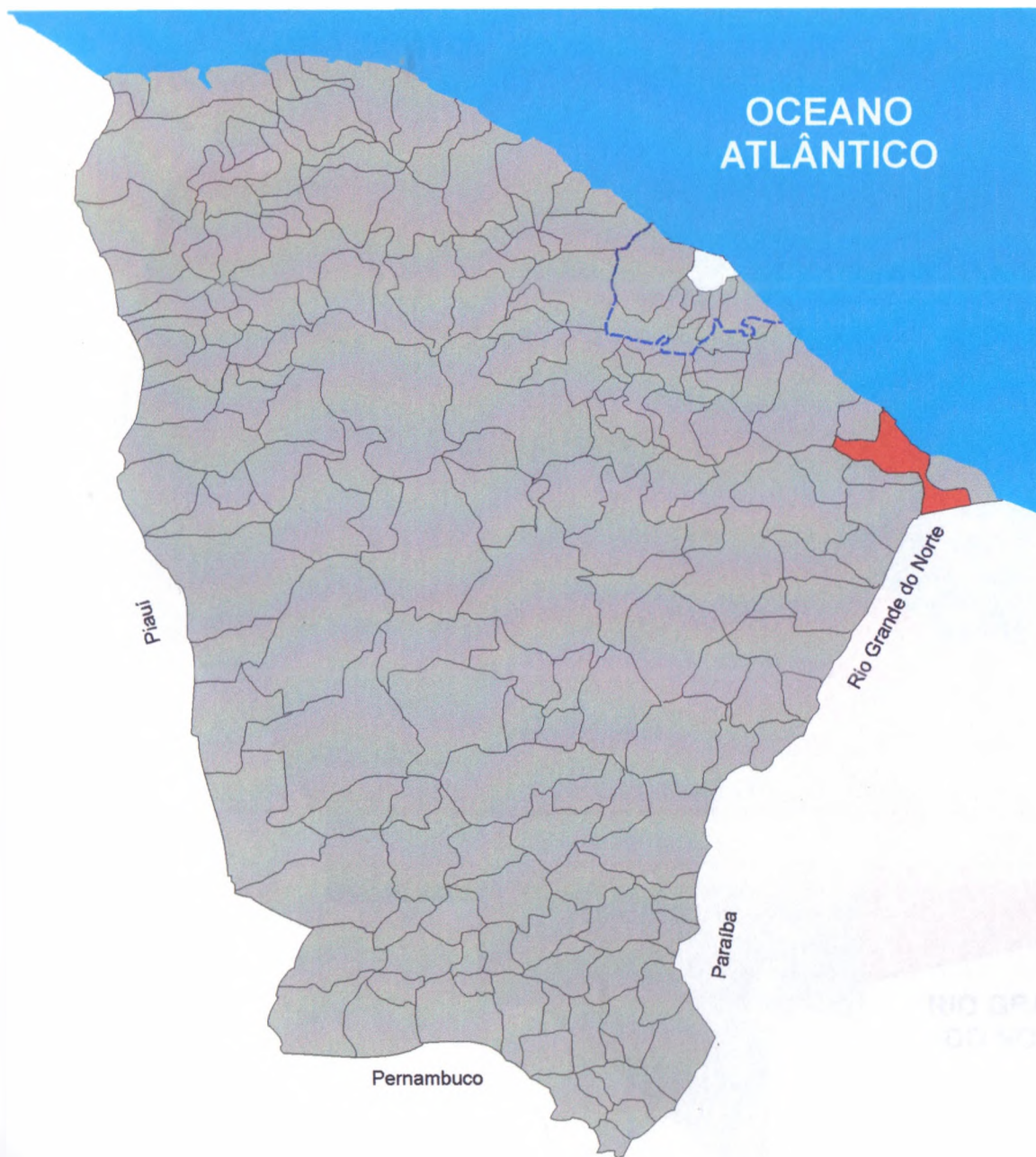
Clima ✓

Aracati possui um clima tropical litorâneo, quente e úmido, suavizado pela brisa marinha. O tempo divide-se basicamente em duas estações distintas: uma chuvosa e outra seca. As precipitações mais freqüentes acontecem de janeiro a junho, com máximas nos meses de fevereiro, março, abril e maio, perfazendo uma média pluviométrica anual de 982,6 mm.




A temperatura média é de 28°C, com pequenas variações na distribuição temporal das temperaturas diárias. As médias máximas e mínimas extremas são, respectivamente, 30,7°C (em dezembro) e 22,1°C (em junho). A umidade relativa do ar registra um maior índice no mês de abril (85%) e um menor em outubro (73%).

A incidência solar direta acontece em 62% do total de 365 dias do ano. A amostra que apresenta os menores valores coincide com o trimestre composto pelos meses de fevereiro, março e abril, período mais chuvoso no Município.

Sendo Aracati uma região costeira, há um predomínio dos ventos alísios leste e sul, que sopram com maior constância no período de maio a outubro. Os ventos alísios nordeste, mais intensos e responsáveis pelas grandes ressacas, acontecem no intervalo de novembro a abril. Percebe-se haver uma maior velocidade dos ventos nos tempos de estio, ocorrendo o contrário na época das chuvas. A circulação terra-mar apresenta uma intensidade moderada.



LEGENDA

-  MUNICÍPIO DE FORTALEZA
-  MUNICÍPIO DE ARACATI
-  LIMITE REGIÃO METROPOLITANA

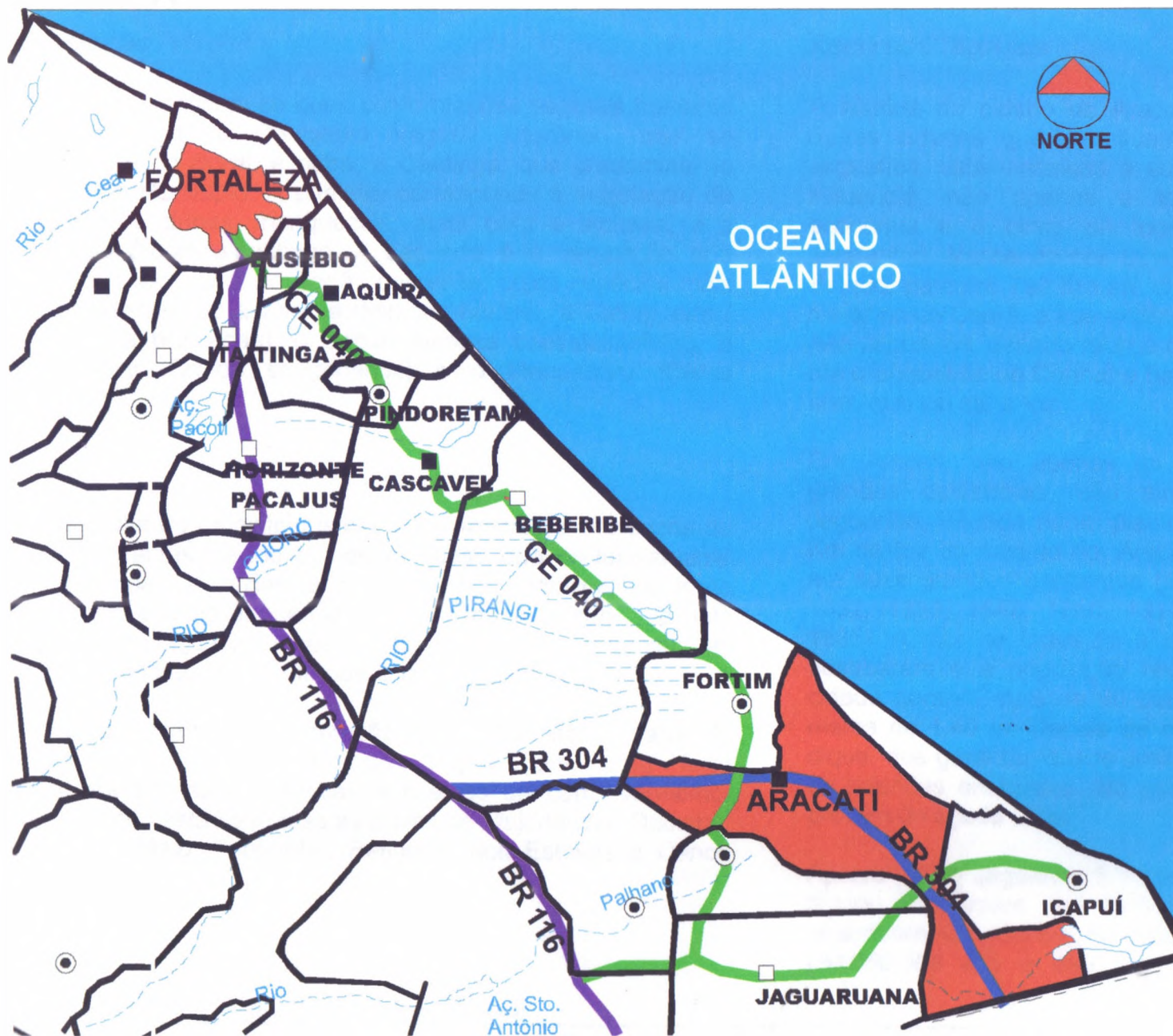
**LOCALIZAÇÃO DE ARACATI
NO ESTADO DO CEARÁ**



LEGENDA

LIMITES
GEOGRÁFICOS
ESCALA GRÁFICA

0 15 30 45Km



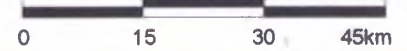
OCEANO ATLÂNTICO

LEGENDA

-  HIDROGRAFIA
-  CE 040
-  BR 116
-  BR 304
-  DIVISA INTERMUNICIPAL

PRINCIPAIS ACESSOS

ESCALA GRÁFICA



Vegetação ✓

Em Aracati verificam-se duas conformações vegetais bastante distintas: uma, o Complexo Vegetal Litorâneo, que se desenvolve no litoral; e outra, a Caatinga, que predomina no interior do Município. A primeira corresponde à vegetação de tabuleiros e dunas, manguezais, mata ciliar e lacustre, e à transição tabuleiro-caatinga. A segunda é a vegetação que ocupa a maior parte do Sertão cearense, cujas espécies mais características são a Jurema (*Mimosa hostile*), a Catingueira (*Caesalpinha bracteosa*), o Sabiá (*Mimosa caesalpiniaefolia*), o Marmeleiro (*Croton sonderianus*) e o Mandacaru (*Cerus jamacaru*).

Relevo ✓

A topografia do município exclui a existência de diferenças de nível relevantes, sendo composta quase que exclusivamente por extensas planícies e várzeas. Seu principal acidente geográfico é o rio Jaguaribe, que atravessa o município pelo centro e deságua no Oceano Atlântico, onde se formam as ilhas das Pedras, Pinto, Grande e Mulungu.

No litoral, como uma alteração na conformação plana do município, surge, dinamizando a paisagem, uma faixa composta por dunas brancas e falésias de barro vermelho. Neste trecho estão situadas as praias de Majorlândia, Quixaba, Lagoa do Mato, Fontainha, Retirinho, dos Esteves e Canoa Quebrada.

Recursos Hídricos

A história da cidade de Aracati, bem como a de inúmeras outras cidades que se situam ao longo do curso do Rio Jaguaribe, está vinculada à sua existência. Ele influenciou e influencia, não apenas a localização, como também a economia e o clima de toda essa região (Vale do Rio Jaguaribe). Nascendo nos Inhamuns, no extremo ocidental do Estado, percorre 760 Km até chegar ao Oceano Atlântico. É o maior rio do Ceará, o que explica a sua divisão nas sub-regiões Alto Jaguaribe, quando recebe o rio Salgado; Médio Jaguaribe, até o Boqueirão do Cunha; e Baixo Jaguaribe, na sua extensão final, que vai até a foz.

Em Aracati, não apenas as vantagens, mas também as grandes catástrofes, são atribuídas à existência do rio Jaguaribe. Situada numa planície baixa que dista apenas 15 Km da foz do mesmo rio, Aracati viu-se, por vezes, inundada em suas grandes enchentes (1732, 1741, 1743, 1789, 1805, 1832, 1839, 1842, 1866, 1917, 1921, 1922, 1924, 1974 e 1985). A pior de todas foi a de 1924, quando várias casas desabaram e a população teve de se manter afastada da cidade durante mais de 60 dias. No centro a água atingiu a marca de 1,40 m. Depois da cheia de 1985 se construiu um dique, que garantiu, desde então, a proteção da cidade contra as referidas enchentes. No estio, boa parte das suas águas provém do açude Orós.

Apesar do rio Jaguaribe fornecer uma razoável quantidade de águas superficiais ao Município, suas reservas hídricas encontram-se limitadas. Ao todo, Aracati conta com 17 açudes (30.050.000 m³) e oito lagoas (589.000 m³). Uma maior

garantia de abastecimento se dará com a conclusão da barragem do Castanhão (4.451.700.000 m³). Há a previsão de se construir, em Iracema, um outro açude, o Figueiredo, com capacidade para 502.000.000 m³.

Quanto às águas subterrâneas (provenientes das dunas, aluviões, formações das Barreiras, e das Jandaíras) serviriam para abastecer as comunidades mais isoladas sem que houvesse a necessidade de se construir novas adutoras, bastante dispendiosas. As águas em aluviões, que têm maiores reservas, vazões regulares e podem ser captadas a pequenas profundidades, encontram-se contaminadas, estando, portanto, impróprias para o consumo.

7.3. ASPECTOS DEMOGRÁFICOS

A análise que se segue corresponde à realidade demográfica de Aracati de 1970 a 1996, período durante o qual houve, no município, uma baixa nos índices populacionais.

A causa desse declínio demográfico deve ser atribuída à emancipação de quatro de seus distritos: Icapuí, Cuipiranga e Ibicuitaba (cerca de 22% do território e 18% da população do Município), e Fortim, que, desmembrado posteriormente, levou consigo mais uma parcela do território e da população (28% da área territorial e 16% da população municipal).

Apresentando um crescimento populacional, Aracati passou de 50.120 habitantes (em 1970), para 56.978 habitantes (em 1996). Entretanto, entre 1980 e 1991 houve, além da emancipação dos três distritos, um provável processo

emigratório no Município (explicado pelo retrocesso da sua base econômica), que determinou um decréscimo populacional.

Dos 56.978 habitantes existentes no município em 1996, 34.713 residiam em áreas urbanas e 22.265 em áreas rurais. A taxa de urbanização do Município era, portanto, de 60,92%.

Não se constata no Município uma dinâmica de esvaziamento de sua área rural. Ao contrário, a população rural cresceu a uma taxa superior (2,59% ao ano) à da população urbana (1,98% ao ano).

A taxa de natalidade do Município foi estimada, entre 1995 e 1996, em 8,91 nascimentos por mil habitantes. A taxa de mortalidade do mesmo intervalo registrou 3,58 óbitos por mil habitantes. Logo, a taxa de crescimento vegetativo resultante foi classificada como insuficiente, da ordem de 5,33 habitantes por mil.

O baixo crescimento vegetativo do Município assinala a presença do fenômeno da transição demográfica que vem ocorrendo no país e no Estado do Ceará, que é decorrência de uma queda nas taxas de mortalidade e natalidade. Tal fato é uma consequência direta da substituição dos métodos anticoncepcionais (pílula anticoncepcional, tabela, preservativos, etc.) pela prática da esterilização feminina que é irreversível. Insere-se também neste quadro de causas uma mudança na estrutura da distribuição etária da população, com uma tendência a uma menor participação da população jovem na pirâmide etária.

A relação entre o número de homens e mulheres na população evidencia uma preponderância feminina sobre a masculina, relativamente estável.

Quanto ao número de domicílios existentes, este era, em 1991, 10.626 unidades, sendo a relação de habitantes por domicílio de 4,80. Em 1996, foram identificados 12.820 domicílios, tendo caído o índice de habitantes por domicílio para 4,44. Vale assinalar que o referido índice é inferior ao referencial do padrão de normalidade habitacional, que é de 5 habitantes por domicílio.

7.4. ASPECTOS ECONÔMICOS ✓

A presença de desenvolvimento empresarial nos setores da agro-indústria e da indústria, que absorvem mão-de-obra; a polarização comercial que exerce na porção do litoral leste e na bacia do Jaguaribe, bem como a forte atividade turística que se desenvolve em seu território, fazem de Aracati um município com forte potencial para um retorno ao desenvolvimento econômico vivenciado no passado.

O Setor Primário

A agropecuária vem mostrando sinais de estagnação. As lavouras sofrem constantes quedas de produtividade e redução na área de plantio, o que também faz cair o nível de renda dos agricultores.

No período de 1992 a 1997 houve um acentuado declínio dos produtos tradicionais, com um incremento da produção de melão, caju em pedúnculo e coco da baía, o que revelou que o Município apresenta forte potencial para a fruticultura, principalmente aquela que é mais direcionada à agroindústria.

A pecuária também está decadente, em consequência, principalmente, da estiagem que dizimou boa parte dos rebanhos. A avicultura apresenta resultados estáveis, porém pouco expressivos. Já a pesca marinha continua em pleno desenvolvimento, sendo responsável por grande parte dos lucros que vêm deste setor.

Quanto à atividade extrativa, silvicultura, é quase que totalmente voltada à produção da castanha de caju, da cera e da fibra de carnaúba. Somando-se a isto há a extração da lenha, da madeira, e a produção do carvão vegetal.

O Setor Secundário

No setor industrial, há fábricas de cerâmica e olarias, bem como a extração e o beneficiamento da cera de carnaúba, da castanha de caju, além da industrialização da pesca e do sal.

Estudo recente, entretanto, identifica que algumas destas indústrias tradicionais, que já tiveram uma posição destacada na economia regional, vêm apresentando mau desempenho. Isso leva à necessidade de formulação de providências que promovam a recuperação da sua competitividade no mercado, como fator importante de estímulo à economia do Município.

Em 1997 havia 72 indústrias em Aracati, duas das quais voltadas para atividades de extração mineral, e setenta vinculadas a atividades de transformação industrial. Entre as últimas, havia preponderância dos seguintes setores: produtos alimentares, que representavam 34,29%; vestuário e calçados, com 18,57%; e minerais não-metálicos, com 14,29%.

O Programa de Promoção Industrial e Atração de Investimentos do Governo do Estado resultou na instalação de duas novas indústrias, já em funcionamento no Município (uma empresa de calçados masculinos e uma de suco integral).

O Setor Terciário

O setor terciário da economia de Aracati tem no comércio a sua maior fatia. Em 1997 existiam 660 estabelecimentos comerciais em funcionamento, dos quais 95,45% se dedicavam ao comércio varejista, e 4,55% ao atacadista.

As principais mercadorias comercializadas eram os produtos do gênero alimentício, seguidos dos produtos de vestuário e calçados.

Os estabelecimentos de serviços, neste mesmo ano, eram em número de 61, havendo uma concentração maior no segmento de serviços pessoais, vindo em seguida o de transportes, e o de reparação, manutenção e conservação. Observa-se hoje um crescimento no ramo da hotelaria.

O Turismo

Existem três formas potenciais de turismo em Aracati: o histórico, o ecológico e o carnavalesco. O turismo histórico é fundamentado na sua cultura popular e no inestimável valor do seu conjunto arquitetônico, recentemente tombado; o ecológico tira partido do patrimônio paisagístico natural dos coqueirais, nascentes, dunas e falésias avermelhadas das praias de Canoa Quebrada, Majorlândia e Quixaba. Quanto ao carnavalesco, que hoje é responsável por uma afluência de cerca de 200.000 foliões ao Município, sabe-se que não encontra infra-estrutura de apoio adequada à sua demanda, devendo inclusive ser repensada a sua localização, em face dos prejuízos irreparáveis que vem causando ao patrimônio histórico e cultural do lugar.

Apesar de todas as vantagens econômicas que podem advir deste setor, deve-se ter em conta os problemas que surgem com ele, e que envolvem, desde a agressão ao meio ambiente, a uma infinidade de problemas sociais, como a presença de drogas, prostituição e violência, que afetam o equilíbrio das populações locais.

Há também a questão da insuficiência de infra-estrutura de apoio ao turismo – hotelaria, telefonia, segurança, equipamentos de saúde, campo de pouso – tanto em relação à quantidade quanto à qualidade dos serviços. Investimentos neste sentido devem ser, portanto, estimulados, já que é justamente neste setor onde se encontram as maiores possibilidades de um retorno ao pleno desenvolvimento econômico do Município.

7.5. ASPECTOS SOCIAIS

Saúde

As condições de saúde estão vinculadas a fatores como educação, renda, saneamento básico e habitação. Assim sendo, Aracati, como a maioria dos outros municípios do Estado, apresenta carências nestas áreas.

O quadro que hoje se vê revela melhorias, como a redução da mortalidade infantil, consequência das eficazes campanhas de vacinação e de programas de saúde que visam à educação das mães a respeito das medidas preventivas e da importância do aleitamento materno. Entretanto, se por um lado isto significa uma evolução, por outro o número de leitos, inferior aos exigidos pela Organização Mundial de Saúde (OMS), apresenta um déficit de 43 para a pediatria e 19 para a clínica médica, o que deixa explícito o muito que ainda precisa ser feito para tornar ideal o sistema de saúde do Município.

Atualmente, existem 31 unidades de saúde ligadas ao SUS, além de dois hospitais (um público e outro filantrópico), que contam com boa estrutura física e atendem, tanto as quatro clínicas básicas (médica, obstétrica, pediátrica e cirúrgica), como a emergência. Esta razoável infra-estrutura hospitalar gera forte dependência de outros municípios (Icapuí, Fortim, Beberibe, Itaiçaba e Jaguaruana) em relação a Aracati, que acaba recebendo habitantes destes locais em busca de atendimento médico mais eficiente. Visando a melhoria deste perfil, estuda-se a possibilidade de se fazer um consórcio de

saúde com estes municípios, tendo como objetivo principal a regionalização do Hospital de Aracati.

O número de profissionais de saúde é insatisfatório. Ainda assim, a cobertura de atendimentos médicos, apesar de não ser ideal, encontra-se acima da previsão da Secretaria de Saúde, o que não se verifica com relação às consultas odontológicas, que foram menores do que o esperado.

Complementando o quadro acima descrito, verifica-se que seis equipes do Programa de Saúde da Família encontram-se implantadas em algumas localidades do município (Santa Teresa, Cacimba Funda, Pedregal, Canoa Quebrada, Barreira das Vianas e Alto da Cheia), fazendo consultas em domicílio, ensinando medidas profiláticas, enfim, garantindo um atendimento mais democrático e eficaz à população mais carente.

Alguns casos de doenças cuja transmissão é veiculada pela água foram notificados (hepatite viral - 183 casos em 1998), e o número de casos de dengue (666 casos em 1997), doença transmitida por vetor (*Aedes aegypti*), também tem aumentado.

Todo este panorama revela que, não obstante o esforço que vem sendo realizado (e seu reflexo na melhoria dos indicadores de saúde), o Município de Aracati precisa superar alguns desafios importantes, sendo o principal a redução de doenças.

Educação

Os níveis de educação formal em Aracati vem passando por melhorias consideráveis. Isto fica claro pelo aumento de

freqüência à escola, pela diminuição na taxa de analfabetismo, e pela expansão da rede física de ensino municipal.

Em 1999 as escolas eram em número de 107 (94 municipais, cinco estaduais e oito particulares). Pode-se afirmar, portanto, que em Aracati a qualidade de ensino e a quantidade de estabelecimentos destinados a este fim são razoáveis. Embora ainda não sejam ideais, suprem uma boa parte da demanda escolar e garantem com isto um bom nível educacional à população, principalmente quando comparado ao verificado em outros municípios.







8. ARACATI HOJE

ARACATI HOJE

Aracati, convive hoje com os problemas decorrentes da falta de estrutura comum à maioria das cidades históricas frente às imposições dos tempos modernos.

Sua área central foi recentemente tombada e passa por uma fase de mudanças em busca de adaptação a esta nova realidade. Precisa-se, dentre outras coisas, que a população, proprietários de edificações dentro deste espaço, seja melhor esclarecida no que diz respeito aos seus direitos e deveres para com o patrimônio edificado. Portanto, são requeridas medidas educativas e uma legislação mais específica que deverá levar em consideração as características particulares de cada quadra, bem como as situações extremas que atingem o centro histórico como um todo.

Neste quadro, um dos principais vilões é o automóvel. Há a necessidade de um maior controle do tráfego, bem como de espaços que possam servir à guarda dos carros. Para esse caso específico, alguns cidadãos de Aracati já deram solução nada sutil, simplesmente abrindo uma porta de garagem na fachada, descaracterizando-a e alterando totalmente o ritmo de abertura dos vãos. Esse é um problema grave e precisa ser resolvido, visto que a maioria das casas e sobrados seguem a tradição portuguesa e são geminados. Em casas implantadas em lotes compridos que começam numa rua e terminam em outra, como é o caso das edificações do lado par da rua Coronel Alexanzito, ou nas situadas em esquinas, é mais fácil dar solução: basta colocar a entrada de carros pelo quintal ou pela lateral (nas de esquina).



Mas como fazer com as casas que estão no meio da quadra e não tem fundos dando para outra rua? Essa questão requer uma série de estudos, de modo que seja dada uma solução satisfatória para a população, contudo, qualquer que seja ela, deverá manter a linguagem arquitetônica e urbana da área.

Um outro ponto a ser abordado é o carnaval de Aracati, reconhecido nacionalmente. Todo ano nos meses de fevereiro ou março uma multidão migra para a cidade. Moradores alugam suas residências durante os dias de festa, vendedores ambulantes circulam pelas ruas, enfim, a cidade e a vida das

peças se transformam neste período. Mas infelizmente, os trios elétricos com seus milhares de decibéis e a trepidação resultante de sua passagem provocam estragos quando adentram a Rua Grande, a Coronel Alexanzito, onde está concentrada a maior parte das edificações de valor histórico. Apesar das vantagens econômicas, o Carnaval causa polêmica entre os moradores. Uns desejam a permanência dele, onde está e como está; outros querem que seja resgatado o antigo carnaval, mais ou menos nos moldes do de Olinda; e ainda há um terceiro grupo, aquele que vota pela mudança de lugar (dique, rua Coronel Alexandrino ou rua Coronel Pompeu).

A verdade é que o centro histórico não possui infra-estrutura para comportar este tipo de evento. Não tendo banheiros públicos as pessoas utilizam a própria rua como mictório; se não tem lixeira, ou mesmo se tem, o lixo é deixado nas calçadas. Não é incomum faltar água nas casas nestes dias. Entretanto, não há como negar que, apesar do forte impacto que o Carnaval provoca sobre o patrimônio edificado, é o cotidiano da cidade que promove os maiores danos. A falta de manutenção por parte dos proprietários e, principalmente, de uma política urbana efetiva da Prefeitura promove uma rápida descaracterização e o arruinamento das edificações do núcleo histórico. Este quadro deve, agora, alterar-se em função do tombamento que impõe uma legislação federal bastante rigorosa, coibindo qualquer manifestação que ponha em risco as características do conjunto arquitetônico.

Uma outra provável consequência do tombamento é referente ao turismo. Esta atividade que já vem sendo feita no Município em função das praias e do carnaval, deve expandir seus horizontes e ter uma abordagem também voltada para o

aspecto cultural da cidade, seja pelo seu patrimônio edificado ou pelo imaterial. É preciso, portanto, preparar a população tanto para as mudanças como para os problemas que com certeza irão advir desta expansão turística e que de certa forma, mas em escala reduzida, já começam a aparecer.

Outro problema que aflige os moradores de Aracati é a falta de saneamento básico. As casas se valem do velho esquema de fossa-sumidouro, mas algumas lançam suas águas servidas nas ruas, favorecendo assim o aparecimento de doenças, bem como provocando um mau cheiro permanente.

A preocupação e o envolvimento de parte da população com toda a problemática da cidade são notórios. Existe um clima favorável às discussões que envolvem temas como a preservação do patrimônio. Entretanto, apesar de todo este interesse, a transformação no centro histórico está se dando com rapidez assombrosa. Da noite para o dia casas originais são descaracterizadas totalmente. Mesmo com a boa vontade, falta a consciência do que pode ser feito para remediar a situação. Faz-se necessária, então, uma fiscalização permanente por parte dos órgãos competentes.

Atualmente está sendo elaborado o novo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Aracati (PDDU), espera-se que ele defina de maneira eficaz determinações que possam vir a incrementar não só o crescimento ordenado da cidade e o seu pleno desenvolvimento, como também as questões ligadas à preservação do patrimônio material e imaterial do Município.



9. DELIMITAÇÃO DA ÁREA -

Normas e Critérios de Intervenção para o Centro Histórico de Aracati



- POLIGONAL DE TOMBAMENTO

DELIMITAÇÃO DA ÁREA – POLIGONAL DE TOMBAMENTO

Área de Estudo

A área de estudo das normas e critérios corresponde ao espaço delimitado pela poligonal de tombamento do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) para o município de Aracati. É considerada área de proteção rigorosa, onde estão concentrados os exemplares mais originais da arquitetura da cidade.

Descrição da Poligonal de Tombamento (ver mapa “Área de Estudo – Poligonal de Tombamento”)⁷

Inicia-se no ponto A, na rua Coronel Alexanzito, na confluência das linhas de divisa frontal e lateral do imóvel de nº 1135 (incluído), deflete à esquerda, atravessa a rua Cel. Alexanzito e segue até o ponto B, na confluência das linhas da divisa frontal e lateral do imóvel de nº 1152 (incluído), e deflete à direita. Segue a divisa do mesmo lote e prolonga-se até encontrar o eixo da rua Santos Dumont, onde encontra o ponto C e deflete à direita. Segue pelo eixo da rua Santos Dumont até o final da praça da Independência, no ponto D, na confluência com a linha de fachada lateral do imóvel nº 404 (numeração pela rua Cel. Alexanzito) da praça mencionada (excluído), onde deflete à direita. Segue pela fachada do mencionado imóvel até encontrar o ponto E, no eixo da rua Cel. Alexanzito, onde

⁷ Fonte: Estudo do Tombamento Federal de Aracati. Fortaleza: IPHAN 4º SR, 1998 (não publicado)

deflete à esquerda. Segue pelo eixo da rua mencionada até encontrar o ponto F, na confluência com o eixo da travessa Dragão do Mar, onde deflete à direita. Segue pelo eixo da mesma travessa até o ponto H, na confluência do prolongamento da divisa do lote da Capela do Bom Jesus dos Navegantes, S/N, onde deflete à esquerda. Segue pela divisa da lateral do lote da Capela (incluído), até o ponto H1, na confluência com a divisa do fundo do mesmo lote, onde deflete à direita até encontrar o ponto H2, na confluência do prolongamento da divisa de fundo do lote da Capela com o eixo da rua Cel. Alexandrino, onde deflete à esquerda, até o ponto H3, na confluência do eixo da rua Cel. Alexanzito com o prolongamento do meio-fio da calçada do INSS (rua Dragão do Mar S/N), onde deflete à direita. Segue pelo meio-fio da calçada do INSS até o ponto H4, na esquina da mesma calçada, onde deflete à esquerda. Segue pelo meio fio da mesma calçada até alcançar o ponto H5, na confluência da linha de prolongamento da calçada dos fundos da Igreja Matriz, onde deflete à direita. Segue pelo meio fio dos fundos da calçada da Igreja Matriz até encontrar o ponto H6, no meio fio da rua 2 de Novembro, onde deflete à direita. Segue pelo meio fio da calçada da mesma rua, até o ponto H7, esquina com a rua Dragão do Mar, onde deflete ligeiramente à esquerda, atravessando a rua até a divisa lateral do lote do edifício nº 861 (pela rua Dragão do Mar), atual sede da Secretaria de Cultura do Município (incluído), no ponto H8, onde deflete à direita até o ponto H9, quando encontra a divisa de fundo do mesmo lote e deflete à direita. Segue pela divisa de fundo do mesmo lote até alcançar

o ponto H10, no eixo da rua Cel. Pompeu, onde deflete à esquerda. Segue pelo eixo da rua Cel. Pompeu, contornando a antiga fábrica de beneficiamento de algodão da família Leite Barbosa até o ponto H11, na confluência do eixo da rua Cônego João Paulo. Segue pelo eixo desta rua até o ponto H12, na confluência da rua Cel. Alexandrino, onde deflete à direita. Segue pelo eixo da rua Cel. Alexandrino, até o ponto H13, na confluência do eixo da travessa, até o ponto G, na confluência da linha de prolongamento das divisas de fundo do lotes da rua Cel. Alexanzito, onde deflete à esquerda. Segue pelas divisas dos fundos dos lotes mencionados até encontrar o ponto I, no eixo da travessa Cel. Valente, onde deflete à esquerda. Segue pelo eixo da mesma travessa até encontrar o ponto I1, na confluência da rua Cel. Alexandrino, onde deflete à esquerda. Segue pelo eixo da rua mencionada até encontrar o ponto I2, na confluência do eixo da travessa Menezes Pimentel, onde deflete à direita. Segue pelo eixo da travessa mencionada até o ponto I3, na confluência do eixo da rua Cel. Pompeu, onde deflete à direita. Segue pelo eixo da rua mencionada até encontrar I4, na confluência do eixo da rua Tabelião João Paulo, onde deflete à direita. Segue pelo eixo da rua mencionada até encontrar o ponto I5, no eixo da rua Cel. Alexandrino, onde deflete à direita. Segue pelo eixo da rua mencionada até encontrar o ponto I1, já referido, onde deflete à esquerda até encontrar novamente o ponto I, onde deflete à esquerda. Segue pelas divisas dos fundos dos lotes da rua Cel. Alexanzito, até encontrar o ponto J, no eixo da rua Costa Barros, onde deflete à esquerda. Segue pela rua mencionada, lateral do lote nº 996 (numeração pela rua Cel. Alexanzito, excluído) até encontrar o ponto K, no eixo da rua Cel. Alexandrino, onde deflete à direita. Segue pela rua mencionada até encontrar o ponto L, na confluência da linha de

prolongamento da calçada do lote da esquina rua Cel. Alexandrino e praça Leônidas Porto, contornando o lote nº 1021 (excluído). Segue pelo passeio do lote mencionado até encontrar o ponto M, na confluência do prolongamento da divisa de fundo dos lotes nº 750 e nº 746 da rua Cel. Pompeu, onde deflete à esquerda. Segue pelos lotes mencionados (incluídos) até encontrar o ponto N, na confluência com a linha de divisa lateral do lote nº 746, já citado, onde deflete à direita. Segue pela divisa lateral do lote referido até o ponto O, na confluência do eixo da rua Cel. Pompeu, onde deflete à esquerda. Segue pela rua mencionada até encontrar o ponto O1, na confluência do prolongamento da divisa da lateral do lote nº 653, onde deflete à direita. Segue pela divisa lateral do lote referido (incluído) até encontrar o ponto O2, na divisa de fundo, onde deflete à esquerda. Segue pela divisa de fundo mencionada até o ponto O3, na confluência do eixo da rua Adolfo Caminha, onde deflete à esquerda. Segue pelo eixo da mesma rua até encontrar o ponto O4, na confluência do eixo da rua Agapito dos Santos, onde deflete à esquerda. Segue pelo eixo da rua Agapito dos Santos até o Ponto O5, na confluência do eixo da travessa Francisco de Assis, lateral esquerda da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, onde deflete à esquerda. Segue pelo eixo da travessa mencionada até encontrar o ponto O6, na confluência do eixo da rua Cel Pompeu, onde deflete à esquerda. Segue pelo eixo da rua Cel Pompeu, retorna aos pontos O1 e O e segue até atingir o ponto P, no meio-fio do passeio da Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres. Segue pelo meio-fio da calçada lateral da igreja mencionada, até o ponto Q, na esquina do lote desta edificação, onde deflete à direita. Segue pela divisa de fundo do lote da mesma igreja até o ponto R, na confluência do eixo da rua Alexandre Lima, onde deflete à direita. Segue pelo eixo

da rua referida e continua pela divisa lateral da edificação de nº 1082 da rua Cel. Alexandrino (excluída), até encontrar o ponto S, na confluência da divisa de fundo do lote mencionado, onde deflete à esquerda. Segue pela divisa lateral de fundo dos lotes nº 1082 a nº 1126 (excluídos), até o ponto T, onde encontra a divisa lateral do último lote mencionado e deflete à esquerda. Segue pela divisa lateral do último lote referido até encontrar o ponto U, no meio-fio da calçada dos fundos do cemitério da Igreja do Bonfim, onde deflete à direita. Segue pelo meio-fio da mesma calçada até encontrar o ponto V, na confluência do eixo da travessa do Sr. do Bonfim, onde deflete à direita. Segue pelo eixo da travessa mencionada até o ponto X, na confluência do prolongamento da linha de divisa de fundo do lote nº 1135 da rua Cel. Alexanzito. Segue pela divisa de fundo do mesmo lote até encontrar o ponto Y, na divisa lateral do mesmo. Segue pela divisa lateral do mesmo lote (incluído) até encontrar o ponto A novamente, início desta poligonal.

Área de Entorno

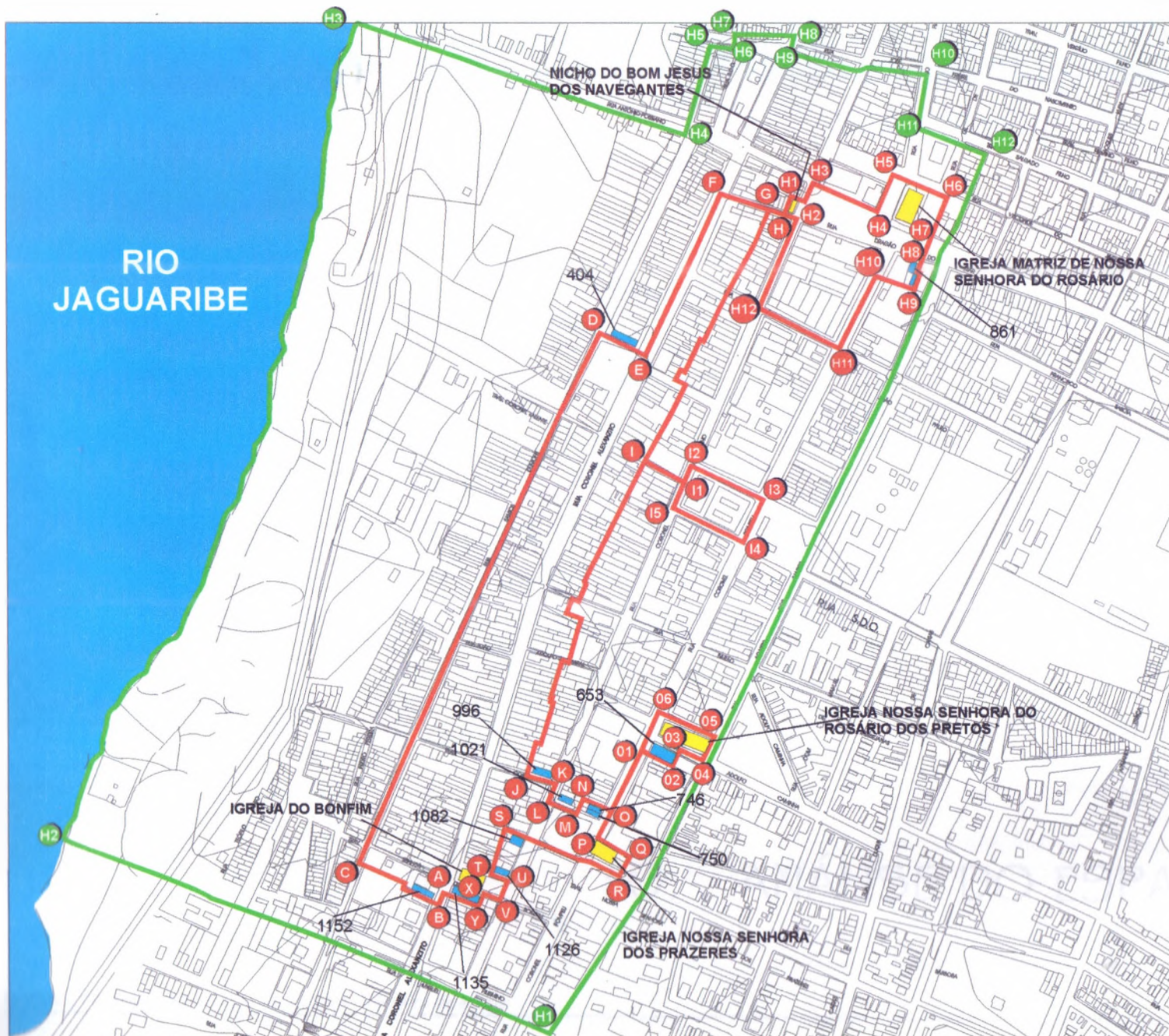
A área de entorno, na qual a legislação patrimonial age com um menor rigor, é parte essencial à poligonal de tombamento para que se garanta um pano de fundo coerente com a área de proteção rigorosa. As maiores limitações construtivas, portanto, referem-se aos gabaritos e aos recuos.

Descrição da Poligonal de Entorno

Inicia-se no ponto 1, na confluência do prolongamento do eixo da rua Miguel Felismino com a divisa de fundo do imóvel nº 973 da rua Cel. Pompeu. Segue por todo o eixo da rua mencionada até encontrar a divisa lateral do imóvel S/N, sede da Prefeitura Municipal de Aracati (incluído), na rua Santos Dumont, por onde continua até encontrar o ponto 2, na margem direita do rio Jaguaribe até encontrar o ponto 3, na confluência do prolongamento do eixo da rua Joaquim Ponciano Costa, onde deflete à direita. Segue pelo eixo desta rua até encontrar o ponto 4, na confluência da rua Santos Dumont, onde deflete à esquerda. Segue pelo eixo na rua mencionada até encontrar o ponto 5, na confluência do eixo da rua Carolina dos Santos, onde deflete à direita. Segue pelo eixo da rua mencionada até o ponto 6, na confluência do eixo da travessa Marechal Deodoro, onde deflete à esquerda. Segue pelo eixo desta rua até o ponto 7, na confluência do prolongamento da divisa de fundo dos lotes nº 53 a nº 7, da face norte da praça Dom Luiz. Segue por esta divisa até o ponto 8, no eixo da rua Cel. Alexanzito, onde deflete à direita. Segue o eixo da rua mencionada até o ponto 9, na confluência do eixo da rua Ricardo Nunes, onde deflete à esquerda. Segue pelo eixo da rua referida até o ponto 10, na confluência do eixo da rua Felismino Filho, onde deflete à direita. Segue pelo eixo desta rua até encontrar o ponto 11, na confluência da rua Salgado Filho, onde deflete à esquerda. Segue pelo eixo da rua mencionada até o ponto 12, na confluência do prolongamento da linha de divisa lateral do imóvel nº 1174 da rua Salgado Filho. Segue pela divisa lateral do imóvel mencionado, continua pelas divisas de fundo dos imóveis voltados para a rua 2 de Novembro, em duas quadras subsequentes, até atingir a divisa lateral do imóvel de nº 279 da rua Dragão do Mar, de onde segue pelo eixo da rua Agapito

dos Santos, em toda sua extensão até encontrar a divisa lateral do lote nº 130 da rua Alexandre Lima. Segue pelas divisas de fundo do lote mencionado até o de nº 973 da rua Cel. Pompeu, retornando até o ponto1, na confluência das divisas de fundo e lateral do último lote mencionado, início desta poligonal.





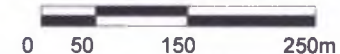
Fonte: Estudo de Tombamento Federal de Aracati. IPHAN- 4ª SR, 1998.



LEGENDA

- ÁREA DE PROTEÇÃO RIGOROSA
- ÁREA DE ENTORNO
- IGREJAS
- EDIFICAÇÕES DE REFERÊNCIA

ÁREA DE ESTUDO
ESCALA GRÁFICA





10.



ANÁLISE DO ESPAÇO URBANO

ANÁLISE DO ESPAÇO URBANO

Entender a estrutura urbana do Centro Histórico de Aracati, assim como de qualquer outra cidade, é questão essencial para elaboração de normas que visam orientar as intervenções que porventura venham a ser realizadas nesse espaço.

Para compreensão da estruturação urbana e arquitetônica da área, valemo-nos da metodologia desenvolvida pelo PROF. KEVIN LYNCH, baseada na medição dos graus de *legibilidade* e *imaginabilidade*.

Infelizmente o fator tempo foi determinante para que seus métodos de análise não fossem aplicados com fidelidade; foi impossível entrevistar a população residente. Isto, apesar de interferir um pouco na qualidade das informações que serão dadas, não tirou a sua veracidade.

10.1. Análise de Lynch

O espaço urbano é mutável. A transformação faz parte da dinâmica da cidade e se dá às vezes acelerada e por vezes, mais lentamente, estando, pois, continuamente existindo.

Neste quadro, os elementos móveis de uma cidade, as pessoas e suas atividades, não são meros agentes passivos, e sim, partes dela, na medida em que a vivenciam e a transformam atuando no seu processo evolutivo. Possuem, portanto, papel tão importante quanto os prédios, ruas, praças e demais espaços que a compõem.

Cada um destes cidadãos traz na memória uma série de associações de imagens subjetivas com alguma parte de sua cidade, carregadas de lembranças e significados. Essas *imagens mentais*, formadas a partir da percepção do espaço e de recordações de experiências passadas, é que irão dar a eles a noção de lugar, seu senso de orientação dentro do espaço e a capacidade de identificação deste.

Segundo Lynch, quanto maior a “*legibilidade*”⁸ ou clareza da paisagem urbana, isto é, quanto mais facilmente se consegue organizar as partes em um todo coerente, mais forte se forma a *imagem mental*.

Um espaço bem definido e facilmente lido pelas pessoas constitui, além de uma base para o desenvolvimento individual, um elo social, visto que pode fornecer uma imagem comum que serviria de matéria-prima para os símbolos e reminiscências coletivas da comunicação de grupo.

Este espaço, acima descrito, é capaz ainda de criar no indivíduo a sensação de segurança emocional que é hoje tão escassa dentro do caos visual da cidade moderna.

Uma cidade “*imaginável*” , ou seja, com alto grau de *imaginabilidade* ou *legibilidade*, daria a seus moradores e

⁸ Kevin Lynch, *A Imagem da Cidade*. Cap. 1. pág. 3

visitantes a possibilidade de compreender sua estrutura, os elementos ou partes que a compõem num todo complexo.

Consequentemente isso faria com que estas pessoas criassem mapas e roteiros mentais que facilitariam sua locomoção diária, dando a elas a exata noção de onde vêm e para onde vão.

As pesquisas de Lynch em três cidades americanas (Boston, Jersey City e Los Angeles) visavam medir os graus de *legibilidade* de cada uma delas. Estas análises consistiam no reconhecimento de campo e entrevistas com uma pequena amostra dos moradores em cada uma delas, que incluíam descrições, identificação e desenhos de lugares, bem como o pedido às pessoas que fizessem passeios imaginários. O pré-requisito básico na escolha dos entrevistados era que morassem ou trabalhassem há muito tempo na área.

Nestes estudos, Lynch detectou cinco elementos que hipoteticamente se repetem: caminhos, limites, bairros, pontos focais e marcos. Ele assim os definiu:

- Caminhos ou Vias: são as redes de linhas habituais ou potenciais de deslocamento através *do complexo urbano*. São *o meio mais poderoso pelo qual o todo pode ser ordenado*.
- Limites: são os *elementos lineares não entendidos ou usados como vias pelo observador*. *Constituem-se em ruptura entre duas partes do espaço urbano, ou realizam as fronteiras deste último com seu entorno*. *Esses limites podem ser barreiras mais ou menos penetráveis que separam uma região de outra, mas também podem ser costuras, linhas, ao longo das quais duas regiões se relacionam e se encontram*.

• *Bairros: são porções das áreas em estudo ou partes da cidade, concebidas como zonas temáticas na estrutura da imagem. A principal característica do bairro é sua temática contínua, conjunto das formas, atividades e significados específicos que o torna uma individualidade em relação aos demais. Os bairros podem ser reconhecidos internamente, como um todo distinto no contexto, às vezes são usados como referências externas quando se vai ou se passa por eles.*

• *Pontos Focais ou Nodais: são pontos, lugares estratégicos de uma cidade, através dos quais o observador pode entrar. São os focos intensivos para os quais ou a partir dos quais ele se locomove. Podem ser basicamente junções, locais de interrupção do transporte, um cruzamento ou uma convergência de vias, momentos de passagem de uma estrutura a outra. Ou podem ser meras concentrações que adquirem importância, por serem a condensação de algum uso ou de alguma característica física.*

• *Marcos: são pontos de referência considerados externos ao observador. São apenas elementos físicos cuja escala pode ser bastante variável. A principal característica física dessa classe é a singularidade, algum aspecto que seja único ou memorável no contexto.*⁹

Dependendo do modo como esses elementos físicos se organizam entre si dentro do espaço é que a *imagem mental* do lugar vai se formar mais ou menos forte.

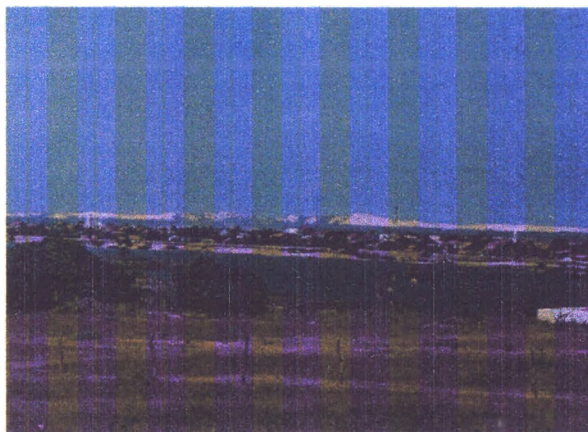
⁹ Fonte: Kevin Lynch, *A Imagem da Cidade*

10.2. O Espaço Urbano do Centro Histórico de Aracati

O centro histórico de Aracati¹⁰ pode ser facilmente lido. Isto revela o alto grau de *legibilidade e imaginabilidade* que possui.

No seu traçado pombalino em quadrícula, uma hierarquia de vias é detectada sem dificuldade, tanto pela largura impressionante das ruas principais, como pela estreiteza das secundárias (ruas de serviço), por vezes chamadas travessas, que cortam perpendicularmente estas grandes avenidas.

Na primeira visão que se tem de Aracati, quando ainda na estrada se avista o seu perfil, destacam-se as torres das igrejas e da Casa de Câmara e Cadeia e, em meio às cobertas, o mais alto sobrado, aquele que pertenceu ao Barão de Aracati e que hoje é o Museu Jaguaribano, tudo isto tendo como pano de fundo as dunas e à frente o rio Jaguaribe.



¹⁰ Considera-se aqui como centro histórico a área de proteção rigorosa delimitada pela poligonal de tombamento do IPHAN e que corresponde à área em estudo.

Continuando o percurso e adentrando o centro histórico, é muito pouco provável se perder. Depois de se ambientar ao lugar, associações começam a ser feitas. Assim, percebe-se que a rua Santos Dumont é a que acompanha em paralelo, mais imediatamente, o rio Jaguaribe; que a rua Coronel Alexanzito é a rua residencial, onde se encontram os exemplares mais originais da arquitetura colonial e onde estão localizados a Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, o Museu Jaguaribano e a Casa de Câmara e Cadeia, referenciais fortes na área; que a Coronel Alexandrino assim como a Coronel Pompeu são ruas comerciais e que ambas desembocam no Largo da Matriz, sendo que a primeira passa pelo Nicho do

Bom Jesus dos Navegantes e a segunda tem à frente a Igreja Matriz do Rosário, um dos principais marcos visuais da cidade.

No Largo da Matriz, forte articulação dentro do centro histórico, outras edificações se destacam além da Igreja do Rosário. Elas servem de balizas, referências que situam o indivíduo dentro do lugar. É o caso da antiga Fábrica Santa Teresa e da residência da Família Leite Barbosa que atualmente abriga as dependências da Secretaria de Cultura, bem como o Nicho do Bom Jesus dos Navegantes.

A localização destas edificações é bastante feliz, visto que, segundo Lynch, locais de confluência de tráfego, como é o caso do Largo, exigem uma maior atenção por parte do pedestre e do motorista. A colocação de marcos nestas áreas serviria para dar ao indivíduo a sensação de segurança na tomada de decisão quanto à direção a seguir.

Outros marcos, estes situados à rua Coronel Pompeu são: o mercado, que volta também uma de suas fachadas para a Coronel Alexandrino; a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e a Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres.

Vale ressaltar que durante toda a semana, o mercado¹¹ é local de concentração de vendedores e compradores que se aglomeram em seu interior e exterior querendo fazer o melhor negócio, comportando-se, portanto, também como ponto focal, além de marco.

Apesar de toda a clareza da conformação espacial urbana do centro histórico de Aracati, num primeiro momento, é comum fazer uma certa confusão entre as ruas Coronel Alexanzito e a Coronel Alexandrino devido à semelhança dos nomes, entretanto, passado mais algum tempo logo se faz a distinção: a primeira é de uso residencial e a outra é comercial.

As vias; rua Santos Dumont, rua Coronel Alexanzito, rua Coronel Alexandrino e rua Coronel Pompeu; estão dispostas quase que paralelas ao rio Jaguaribe, tendo assim a sua mesma direção. São elas sem dúvida alguma, os mais fortes organizadores do espaço neste caso. Cada uma com sua peculiaridade serve para dar identidade ao centro histórico de Aracati. (ver Sistema Viário)

¹¹ O mercado aqui descrito, não é uma edificação única. É composto pelo "mercado velho" que dá para a rua Cel. Pompeu e pelo "mercado novo" que volta sua fachada principal para a rua Cel. Alexandrino. Essas duas edificações aparentemente são uma só, e aqui serão tratadas como tal.

Elas dividem esse espaço em três “*bairros*” denominados sub-áreas I, II e III. Para melhor apreendê-las, cada uma será a seguir descrita separadamente.

A Sub-Área I

Iniciando-se na rua Santos Dumont e se estendendo até o rio Jaguaribe, a Sub-Área I é definida pelo seu caráter popular que se expressa, principalmente, pelas suas formas e pelos usos que nela predominam.

Dos elementos “*lynchnianos*”, destacam-se, principalmente, uma via já configurada, a rua Santos Dumont, e uma outra, potencial, composta pelo dique. Havendo ainda um limite, que também assume a postura de marco, que é o rio Jaguaribe.

Na rua Santos Dumont, a pavimentação em calçamento, a arborização em ambos os seus lados, o pano contínuo das edificações geminadas e os usos que se repetem (fundos e garagens das casas da rua Coronel Alexanzito) lhes confere uma continuidade que determina uma boa qualidade direcional.

À medida que se avança em direção ao rio, a configuração espacial vai tomando outra feição e a regularidade determinada pela rua Santos Dumont se perde em forma de ruelas indefinidas que, surgidas espontaneamente junto com as casas que as alinhavam, dispersam a clareza da leitura e tiram parte do senso de orientação que só é reencontrado junto ao rio Jaguaribe.

O rio, portanto, limita, barra e situa o indivíduo. É marco por suas características físicas, bem como pelo seu valor histórico.

E é limite e barreira por traçar uma linha divisória definindo duas áreas distintas que se dispõem em ambas as suas margens.

Neste trecho da sub-área I, percebe-se com clareza a segregação que há entre o rio e o resto do núcleo histórico. As visuais que são, portanto, apreendidas deste ponto consistem, principalmente, em fundos de residências.

Devido a esta separação, a influência do rio enquanto elemento "lynchniano" se manifesta de forma restrita não abrangendo todo o centro.

Quanto ao dique que contorna o rio, apresenta-se como uma potencialidade dentro sub-área, podendo futuramente assumir de maneira literal a função de via paisagística que atualmente já desenvolve informalmente.

A Sub-Área II

Este trecho é composto pelas residências da rua Coronel Alexanzito. É nele que estão os exemplares de arquitetura mais original. Prédios art-decô, neo-clássicos e ecléticos convivem com edificações coloniais, sendo essa harmonia quebrada somente por construções mais recentes que não respeitam os ritmos, recuos ou gabaritos do lugar, sendo estas, portanto, consideradas conflitantes e responsáveis pela perturbação na ordem do urbanismo colonial.

O indivíduo que percorre esta via faz a leitura de uma continuidade que é gerada, principalmente, pelas casas térreas

e sobrados geminados, pela disposição de marcos visuais ao longo do caminho e pela arborização do canteiro central.

Andando pela rua Coronel Alexanzito em direção à Matriz, vê-se um conjunto arquitetônico de traços horizontais. O observador, então, atento às mudanças no perfil de cada quadra, perceberá elementos que se sobressaem e que se constituem em referências visuais dentro desta paisagem.

A primeira delas é a Igreja do Senhor do Bonfim, situada à direita de quem caminha, que, pelo seu porte de uma monumentalidade vertical e pelo seu caráter religioso, assume uma singularidade em relação às demais construções do seu entorno, horizontais e residenciais.

Continuando, aparece o Museu Jaguaribano, situado deste mesmo lado, é o mais alto e um dos mais sofisticados sobrados do centro histórico. É referencial não só por isto, mas, principalmente, pelo seu uso.

Seguindo o percurso, após a passagem pela Praça Dr. Leite, finalizando esta sequência de marcos, surge a Casa de Câmara e Cadeia que se destaca pela sua estrutura maciça composta por torres robustas e pela sua cor avermelhada.

Ao contrário das ruas Coronel Alexandrino e Coronel Pompeu, que acabam no Largo da Matriz, a rua Coronel Alexanzito não possui um ponto terminal bem definido. Isto, entretanto, não a faz ser uma via sem qualidade direcional, que é garantida pelos referenciais acima citados.

As duas praças da área, a da Independência e a Dr. Leite, interrompem a série de elementos construídos. São espaços

públicos com mobiliário urbano, mas sendo pouco arborizados, não são utilizados durante o dia. Ambas têm alto potencial para se tornarem espaços que possam reunir a população em suas manifestações cívicas e culturais, locais que seriam de convergência e fluxo, verdadeiros pontos focais, entretanto, hoje são sub-utilizadas. Vale ressaltar também que estes espaços se comportam como marcos, pois correspondem a vazios, contrapontos que se destacam dentro de uma área dominada pelos cheios.

As texturas desta sub-área, definidas, principalmente, pela sua pavimentação em calçamento e pelos revestimentos e cores das suas fachadas, e ainda o porte das suas edificações que geminadas marcam uma perspectiva perfeita da via, direcionam de forma patente o indivíduo, dando-lhe a capacidade de medir distâncias e formular em sua mente passeios imaginários que recriam com exatidão a seqüência visual do lugar, podendo, portanto, ser definido como legível e imaginável.

A Sub-Área III

É a parte comercial do centro histórico. Suas edificações se encontram bastante descaracterizadas, as originais existem pontualmente. Esta sub-área é estruturada por duas vias, a rua Coronel Alexandrino e a rua Coronel Pompeu. Analisá-la, portanto, remete a avaliação destes dois importantes eixos.

A rua Coronel Alexandrino, cujo fluxo de carros é mais intenso, tem como um dos principais determinantes da sua qualidade direcional o seu ponto terminal que consiste de uma passagem

por dois marcos, a antiga fábrica Santa Teresa e o Nicho do Bom Jesus dos Navegantes, até morrer no Largo da Matriz.

Entretanto, ao logo do seu percurso, outros elementos também determinam o desenvolvimento de um senso de orientação. O primeiro deles é um marco, a Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres, que apesar de ter endereço na rua Coronel Pompeu, vincula-se visualmente a esta via por possuir à sua frente uma praça aberta que avança até ela. É a partir deste ponto que se verifica também uma alteração na pavimentação, que deixa de ser o asfalto e passa a utilizar o calçamento. Tal diferenciação de texturas funciona também como um indicador que facilita a localização.

Continuando o caminho, outros indicativos são definidos pelos usos que, além do comércio, encontra nas casas bancárias, unidades de referência mais específicas.

O mercado, ponto focal e marco, é outro dos elementos que garantem um bom grau de *imaginabilidade* a esta via. Ele que se desenvolve em dois corpos, mercado novo e velho, e funciona como atrativo de fluxo de carros e, principalmente, de pedestres, destaca-se das demais edificações do seu entorno por se implantar solitário em uma das quadras e por sua linguagem arquitetônica que evoca as características típicas destes equipamentos.

Ao se aproximar da fábrica Santa Teresa, mais especificamente defronte ao Instituto São José, novamente há uma mudança na pavimentação da via, que volta a ser asfaltada e se mantém assim inclusive no Largo da Matriz, seu ponto final.

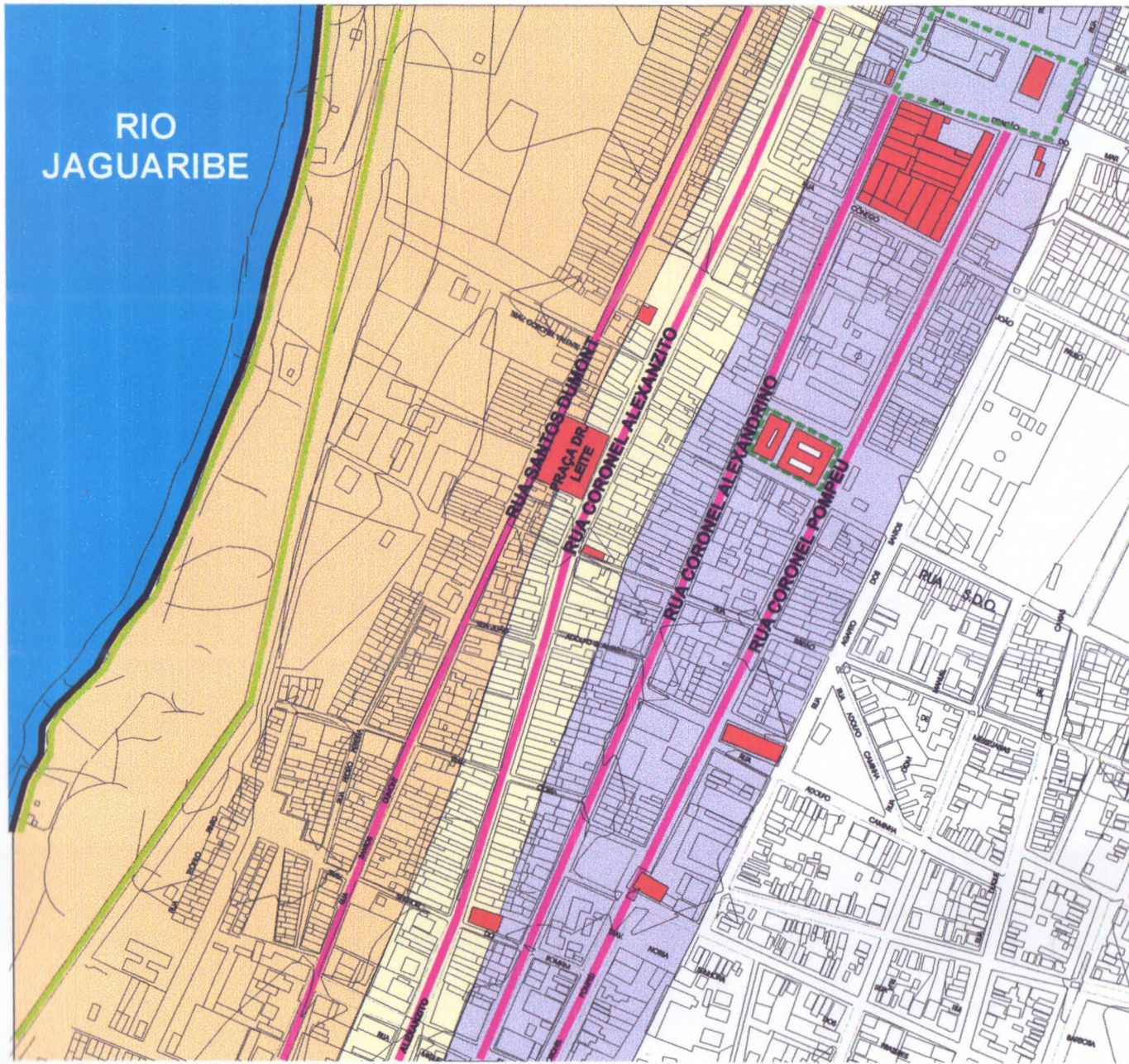
Na rua Coronel Pompeu, a distribuição sequencial de marcos que começa com a Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres, passando pela Igreja do Rosário dos Pretos e depois pelo Mercado, até chegar à antiga Fábrica Santa Teresa e à Secretaria de Cultura, que marcam a entrada para o Largo da Matriz, onde ela termina, garante também a esta via uma alta qualidade direcional.

No seu centro, um canteiro arborizado contribui para a leitura de uma continuidade. Entretanto, compromete a perspectiva, produzida pela linha de edificações alteradas, que tem como foco a Igreja Matriz do Rosário.

A recente pavimentação em asfalto, que recobre toda a sua extensão, aumenta a sua descaracterização, mas ao mesmo tempo funciona como mais um elemento a lhe dar identidade.

Nesta sub-área, o uso indiscriminado de letreiros e placas geram uma linguagem caótica que limita a apreensão de um conjunto e evidencia a imagem de construções particularizadas pela aplicação individualizada e pela sobreposição dos elementos de fachada (placas, letreiros, toldos etc.). Entretanto, esta conformação, embora seja negativa do ponto de vista da sua qualidade visual, não diminui a sua *legibilidade*, pois a presença dos fortes referenciais ao longo de todo o seu percurso dão garantias de uma leitura coerente deste espaço.



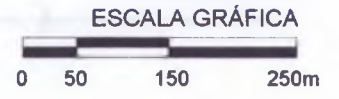


LEGENDA

- SUB-ÁREA I
- SUB-ÁREA II
- SUB-ÁREA III
- MARCO
- LIMITE
- BARREIRA
- PONTO FOCAL
- VIAS

SISTEMA VIÁRIO

ANÁLISE ESPACIAL URBANA







11. SISTEMA VIÁRIO

SISTEMA VIÁRIO

No capítulo anterior, quando da abordagem da configuração do espaço urbano em Aracati, o sistema viário foi por várias vezes citado (de forma geral) como mais um elemento facilitador da leitura da cidade. Aqui as vias assumem uma importância maior, merecendo uma caracterização mais detalhada de suas particularidades.

As razões do Traçado de Aracati

As linhas regulares do traçado em xadrez encontram origem no gosto português dos séculos XVIII e XIX. Esta marca de regularidade, que não é perceptível na metrópole lusa até antes do terremoto de 1755, fica evidente em Aracati e em outras cidades fundadas no Brasil neste período.

Esse desenho, dito “pombalino”, expressa-se, principalmente, pela hierarquização, destinação e alinhamento das vias; pelo rigor no posicionamento das edificações, situadas na testada dos lotes; e pela presença de rocios e demais logradouros para aglomeração popular.

Como já foi visto anteriormente no texto referente à evolução urbana, na Aracati do século XVIII tudo girava em função das fábricas de charque e da comercialização dos seus produtos. O traçado das ruas foi definido tendo em vista os acessos ao porto e às oficinas. Era o gado, portanto, não só o produto gerador de uma economia efervescente, como também determinante do modo de se pensar e construir a cidade.

Em Aracati, as ruas principais (Santos Dumont, Coronel Alexanzito, Coronel Alexandrino e Coronel Pompeu) prolongam-se a acompanhar a direção norte-sul do rio Jaguaribe, o que determina a forma alongada da implantação da urbe. Estas vias, largas e longas, serviam de canal de escoamento das boiadas, sendo bem mais amplas do que o padrão utilizado na época (a principal rua tinha 18 metros de largura, chegando a 24 metros próximo à Igreja Matriz). São elas cortadas perpendicularmente por outras tantas, de largura mais estreita, as travessas, que se prestavam, ou ainda se prestam, aos usos secundários, bem como facilitam o acesso às áreas periféricas do centro. Uma série de peculiaridades as diferenciam das outras, como a escala e os usos que abrigam, que lhes conferem um caráter pitoresco.

O que se pode observar com relação às vias principais é que cada uma delas assume personalidade e identidade próprias, fazendo com que o indivíduo que por elas circula facilmente saiba distingui-las.

A rua de Serviço

A rua Santos Dumont é a que se dispõe imediatamente paralela ao rio. Das quatro é a menos larga. Isto evidencia sua função principal, e razão de ser da sua existência, que é dar acesso aos quintais e garagens das casas da rua Coronel Alexanzito, funcionando, portanto, como via de serviço. É, ainda, rua residencial que abriga edificações mais singelas e populares, recentes ou remanescentes antigos, que dão as

costas ao rio Jaguaribe, formando uma parede divisória entre ele e o centro. Esta segregação física e visual, que antigamente servia para que os ventos nordeste e sudeste levassem para longe os odores dos locais de abate do gado e dos currais, é hoje o maior entrave para que haja uma integração entre estes espaços. A descontinuidade foi agravada com a construção do dique.

Esta via se comporta ainda como corredor local, muito embora seja classificada pelo PDDU de 1980 como um eixo arterial. Sua pavimentação consiste em calçamento, e o tráfego de carros é eventual. O desenho retilíneo é reforçado na perspectiva pela arborização em ambos os lados da pista e pela linha formada por casas e muros conjugados.

A rua do Patrimônio

Embora considerada a mais importante via do ponto de vista arquitetônico e patrimonial, a rua Coronel Alexanzito tem influência restrita enquanto corredor de circulação e eixo arterial, sendo muito mais uma via local, ligada ao próprio centro histórico.

Era dividida em vários trechos, cada qual com um nome diferente, de acordo com a especificidade do lugar. Mais ao norte, era rua Santo Antônio; descendo, era rua das Flores, rua do Comércio, rua do Bonfim, e rua do Pelourinho. Posteriormente recebeu denominação única, passando a se chamar rua Conselheiro Liberato Barroso.

Atualmente, é também chamada de rua Grande, por suas extensão e largura consideráveis. A caixa bastante larga tem

razão de ser no que já foi explicado, ou seja, na sua utilização como eixo de penetração para o gado, que adentrava à cidade em direção às salgadeiras.

O fato de ter sido chamada de rua do Comércio, e hoje ter uso basicamente residencial, surpreende, revelando um quadro reverso, já que na maioria dos centros históricos as residências acabaram por se transformar em lojas, e não o contrário, como foi o caso de Aracati.

Com o tempo, foram edificados os sobrados e as casas que hoje se vê. As construções, obedecendo às determinações coloniais, implantaram-se sem recuos, coladas umas às outras, a formar um painel que cria uma linguagem urbana caracterizada pela continuidade, e faz perceber de maneira clara que o traçado desta via não é completamente reto, que apresenta uma ligeira deflexão que a faz mudar sutilmente de direção.

O canteiro central arborizado não divide somente a rua em duas mãos, mas também reforça a linha contínua do seu traçado. A arborização que nele se encontra promove grande benefício, gerando sombra onde há escassez dela. Seu contraponto, no entanto, está na barreira visual que representa à plena apreciação do casario, o que acaba sendo um problema secundário em face da questão ligada à qualidade ambiental da área (presença de sombras).

Recentemente, neste mesmo canteiro, foram instalados postes de iluminação que, apesar de não causarem grande impacto visual por estarem disfarçados pela vegetação, constituem-se, ainda assim, em elementos descaracterizadores.

A Rua Coronel Alexanzito é calçamentada em todo o seu percurso. Possui passeios que têm em média 1.20 m de largura. O fluxo de automóveis, apesar de não ser considerado intenso, desrespeita totalmente os limites do que seria uma velocidade conveniente para a área. É comum se ver carros estacionados próximos ao canteiro, à sombra das árvores. A falta de locais apropriados ao estacionamento e a problemática das garagens faz com que os proprietários dos veículos se utilizem da rua para este fim.

As ruas Comerciais

As outras vias são as ruas Coronel Alexandrino e Coronel Pompeu, nascidas a partir de um braço que se bifurca da BR 304. Configuram-se como as principais artérias dentro da área central. A primeira, quando analisada numa escala macro, assume também o papel (juntamente com a rua Dragão do Mar) de via de penetração na cidade.

Estas duas ruas são comerciais e, conseqüentemente, mais movimentadas. Verifica-se uma inadequação do tráfego decorrente da inexistência de locais específicos para carga e descarga, de pontos de parada, e de estacionamento para ônibus, táxis e veículos em geral, bem como de sinalização apropriada.

A concentração de barracas nessa área promove um certo conflito entre veículo e pedestre. Apesar de todo este quadro caótico, a largura destas vias garante uma circulação

permanente, sem que haja a formação de grandes congestionamentos.

A rua Coronel Alexandrino é a que possui maior fluxo de automóveis, fato que pode ser explicado pela presença, ao longo da referida via, do comércio mais intenso e do maior número de equipamentos bancários, elementos que acabam funcionando como atrativos para o tráfego. O percurso mais usual que se faz através dela é o que segue até o Largo da Matriz, e de lá rumo em direção às praias.

Sua pavimentação alterna asfalto (trecho que começa na entrada da cidade e vai até pouco depois da Praça dos Prazeres; e outro nas proximidades do Largo, mais especificamente a partir do Instituto São José) e pedra tosca (trechos restantes), e seus passeios não ultrapassam a largura de 1m.

Existe uma ausência quase completa de árvores, embora recentemente tenha sido feita uma tentativa de arborização, iniciativa dos lojistas. Mudas de plantas, tais como jambo, começam a crescer e pontuar as fachadas das lojas que recebem diretamente o sol poente.

Quanto à rua Coronel Pompeu, apesar de não possuir movimento tão intenso quanto o da rua Coronel Alexandrino, configura-se, como já foi dito anteriormente, em uma artéria dentro da área. Encontra-se totalmente asfaltada, o que promove uma perda da sua originalidade ao mesmo tempo em que serve como um critério a ser utilizado para a sua identificação dentre as demais. Os passeios possuem uma largura similar aos encontrados na rua Coronel Alexandrino.

Um canteiro central arborizado contribui para gerar uma leitura caracterizada pela continuidade. Entretanto, as copas das árvores comprometem a mais bela perspectiva da cidade, cujo ponto focal é a Igreja Matriz do Rosário. É inegável a importância da arborização, cujo predicado maior é ser amenizadora do microclima da área, mas é essencial que se recupere a visual perdida.

Nas imediações do mercado, a circulação de carros e de pessoas é das mais intensas. A feira, anteriormente armada na própria rua Coronel Pompeu (trecho que marca as imediações do mercado), sofreu um pequeno deslocamento, com a mudança de localização das barracas para as travessas Menezes Pimentel e Cônego João Paulo. Com isto, o fluxo de veículos, que com a disposição anterior ficava totalmente confuso, provocando congestionamentos, tornou-se mais fluido, e os conflitos carro-pedestre foram amenizados.

Outras Vias

Outra via de fundamental importância para a circulação, e que pode constar atualmente como uma das principais, é o dique de contorno do rio Jaguaribe, construído após a cheia de 1985 para proteger a cidade de outros possíveis alagamentos.

Caso seja pavimentado, alargado, e venha a contar com mais ligações radiais, o dique pode vir a funcionar como anel perimetral e via paisagística. Hoje, este espaço já é utilizado pela população para a circulação de veículos e para a prática de caminhadas e cooper. Entretanto, é necessário que se estimule ainda mais, através de uma urbanização adequada, o

seu uso para fins de lazer contemplativo e recreativo, já que possui visual privilegiada do rio.

Quanto às travessas, são em sua maioria vias locais que, por cortarem perpendicularmente as ruas principais, funcionam como traços de ligação entre elas, bem como com as áreas da periferia do centro. São tão estreitas, que em algumas mal se admite a passagem de um carro pequeno. Possuem pavimentação em calçamento, e algumas têm passeios que não ultrapassam a largura de 40 cm.

Para estas vias voltam-se as fachadas laterais das casas de esquina, cujos endereços são os grandes eixos de circulação (Santos Dumont, Coronel Alexanzito, Coronel Alexandrino e Coronel Pompeu), como também as edificações de conformação mais modesta.

Estas vias são, indiscutivelmente, verdadeiros becos, hierarquicamente menos importantes que as grandes avenidas de circulação. No entanto, não deixam de ser fundamentais na trama urbana para dar vazão ao fluxo de carros e pedestres.





12. ANÁLISE ARQUITETÔNICA

ANÁLISE ARQUITETÔNICA

A volumetria, a ocupação do lote e as fachadas das edificações foram as principais bases que nortearam o processo de análise arquitetônica. Os espaços internos não foram avaliados com mais apuro, uma vez que este tipo de levantamento se apresenta essencial em se tratando de edificações isoladas, mas não quando o olhar se lança sobre um conjunto arquitetônico, como é o caso.

Levou-se em conta também a análise do uso do solo, pois sem ela a caracterização e a apreensão da arquitetura do lugar não se fariam completas, visto que a feição das edificações está fortemente vinculada às funções que nelas se desenvolvem.

Nesta etapa do trabalho, portanto, foram verificados os percentuais de uso do solo e tipologia das edificações e, baseado nestes dados, elaborou-se um diagnóstico que visa tornar evidentes os fenômenos arquitetônicos que acontecem no interior do centro histórico de Aracati, bem como em cada quadra que o compõe.

A partir dessas averiguações, foi possível elaborar algumas conclusões gerais: na área, é predominante o uso residencial e a maioria das edificações mantém seu caráter de originalidade; a paisagem é marcada pela horizontalidade das casas térreas que estão em bom estado de conservação; grande parte das fachadas é do tipo B (ver Conceitos e Critérios) e nas cobertas, cujo material mais freqüente é a telha cerâmica do tipo capa canal, predominam as do tipo A (ver Conceitos e Critérios), ou

seja, de duas águas, cujo escoamento, em sua maioria, se faz para a rua e para os quintais.

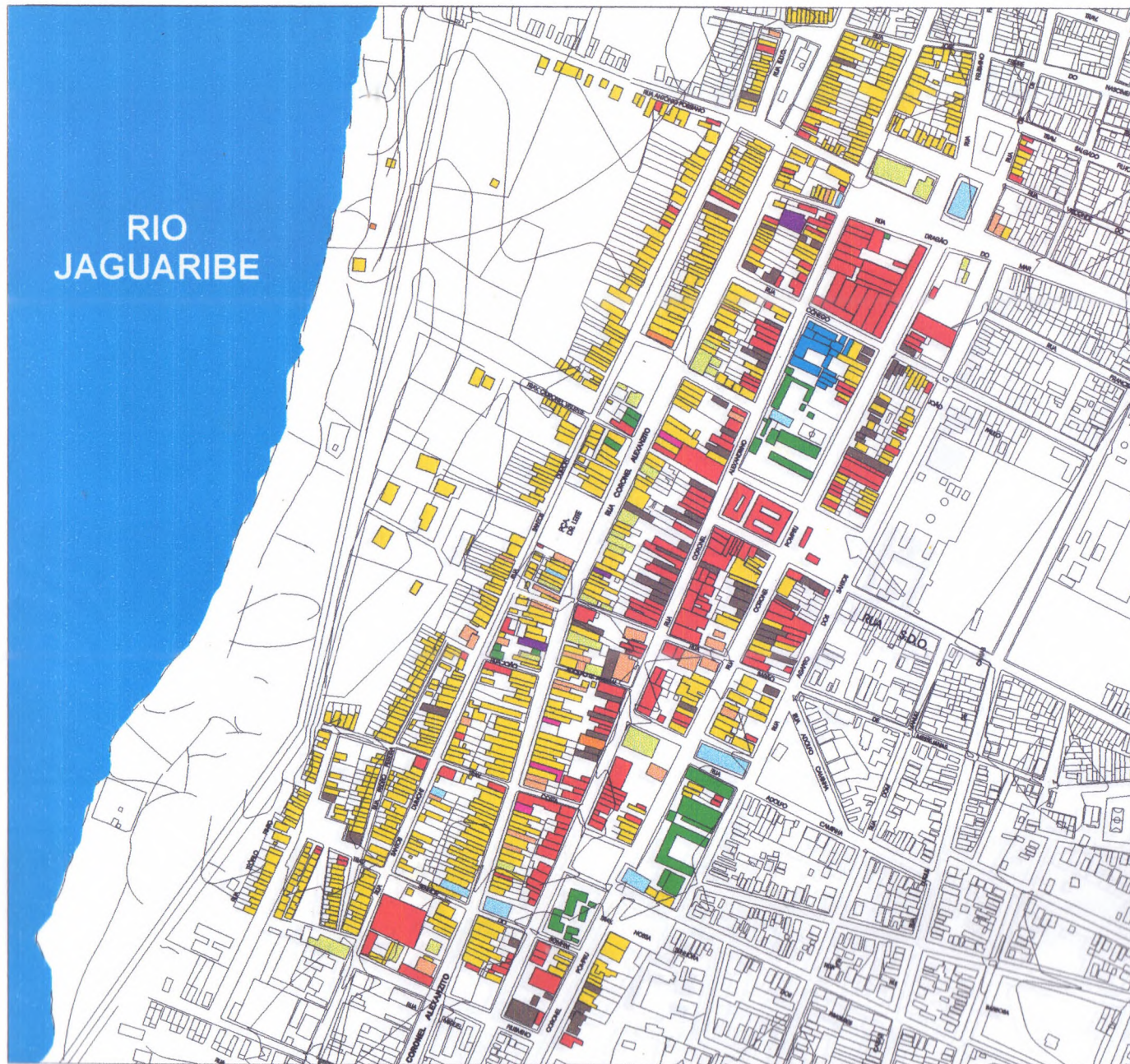
Uso do Solo

Do total de 294 lotes, 62,24% servem às moradias, caracterizando, como já foi dito anteriormente, o uso residencial como predominante. Estas residências estão concentradas quase que totalmente na rua Coronel Alexanzito. Os fundos e as garagens de algumas destas casas se distribuem ao longo da rua Santos Dumont e marcam o caráter desta via como corredor secundário ou rua de serviço.¹²

O número de construções desocupadas (8,50%) aumenta. Algumas, em completo abandono, estão bastante deterioradas pela ação do tempo e pela falta de manutenção por parte de seus proprietários. Outras acabaram por se transformar em ruínas (1,36%) e pouco a pouco vão desmoronando, aumentando assim o percentual de vazios urbanos, que hoje corresponde a 2,72%

O comércio, muito embora ocupe apenas 6,12% das edificações que compõem o chamado centro histórico delimitado pela poligonal de tombamento do IPHAN (ver mapa poligonal), manifesta-se com bastante efervescência em seu entorno e dinamiza a área.

¹² O percentual de fundos e garagens na rua Santos Dumont equivale a 50% dos lotes tombados que se voltam para esta via. Os 50% restantes se distribuem entre os demais usos, destacado-se o residencial e o de serviços.



RIO
JAGUARIBE



LEGENDA

- RESIDENCIAL
- COMERCIAL
- MISTO
- SERVIÇO
- INSTITUCIONAL
- RELIGIOSO
- EDUCACIONAL
- SAÚDE
- RUÍNA
- VAZIO
- LAZER

USO DO SOLO

ESCALA GRÁFICA





RIO
JAGUARIBE



LEGENDA

■ EDIFICAÇÕES

Fonte: Estudo de Tombamento Federal de Aracati. IPHAN - 4a SR, 1998.

MASSA EDIFICADA

ESCALA GRÁFICA



A maioria das edificações que abriga este tipo de uso encontra-se bastante descaracterizada. As consideradas originais ou caracterizadas estão espalhadas de forma pontual sendo, portanto, difícil inseri-las dentro do conjunto tombado, daí seu percentual ser tão reduzido. Poucas também são as de uso misto (2,72%), por motivos similares.

Os equipamentos de lazer são em número de três¹³ e correspondem somente a 1,02% do total de lotes. Pode-se explicar isto pelo fato de que sendo Aracati uma cidade litorânea, as praias, principalmente Canoa Quebrada e Majorlândia, respondem pelo volume de infra-estrutura destinada a este tipo de uso. Entretanto, vislumbra-se um futuro diferente, pois o incentivo dado ao turismo cultural que começa a se desenvolver dentro do núcleo histórico a partir do seu tombamento provavelmente alterará este quadro, visto que novos usos não naturalmente de ir surgindo em função desta realidade, dentre eles os equipamentos de lazer; serviços (atualmente 4,76%) e um novo comércio mais voltado para o turismo.

A religiosidade, marca do povo nordestino, fica explícita em Aracati na atenção dada às igrejas, cuja monumentalidade se destaca na paisagem da área. Este uso corresponde a 2,38%, o que equivale dizer que existem sete igrejas ao todo no centro histórico. Quatro dos templos são de grande porte (Igreja Matriz de N. Sra. do Rosário, Igreja do Rosário dos Pretos,

¹³ Não estão sendo aqui levadas em consideração as duas praças situadas no centro histórico, a Dr. Leite e a da Independência. Estes locais constam como espaços públicos e áreas não construídas com potencial para serem destinados ao lazer, mas que se encontram totalmente sub-utilizados pela população. As razões de ser deste fato, encontram-se, principalmente, na falta de arborização que estimule a permanência durante o dia e de equipamentos ou eventos que incentivem às pessoas a usufruírem do convívio comum.

Igreja de N. Sra. dos Prazeres e Igreja do Sr. do Bonfim) e merecem destaque por serem as que se conservam mais fiéis à sua estrutura original e por serem integrantes da área tombada.

O Nicho do Bom Jesus dos Navegantes guarda sua importância enquanto uma das primeiras construções da cidade, embora sua escala lhe confira uma posição de capela e sua fachada não seja original. As outras duas casas religiosas são menores e ocupam edificações cujo uso primeiro era destinado a outras funções.

Os equipamentos voltados à educação são cinco, ou seja, 2,04%.

Dentre as edificações de cunho institucional (6,12%), destaca-se a Casa de Câmara e Cadeia de Aracati. Hoje abrigando a Câmara Municipal. Seu perfil robusto e maciço e a sua cor de tom avermelhado (original) lhe imprimem um caráter de marco dentro da área.

Tipologia das Fachadas

O centro histórico de Aracati é composto por 333 fachadas. Foram levados em consideração as portas de garagem e muros de fundos que se voltam para a rua Santos Dumont e que pertencem, em sua maioria, às residências da rua Coronel Alexanzito. Apesar desses últimos não constituírem fachadas de edificações, são relevantes para um estudo a nível urbano, pois vão compor o quadro visualizado pelo indivíduo, usuário da cidade ou não, ao circular por esta via.

RIO JAGUARIBE





NORTE

LEGENDA

-  MONUMENTAL
-  TIPO A
-  TIPO B
-  TIPO C
-  TIPO D
-  TIPO E
-  TIPO F
-  MURO
-  OUTROS
-  VAZIO

TIPOLOGIA DAS FACHADAS

ESCALA GRÁFICA



0 50 150 250m

As fachadas que com maior frequência aparecem no conjunto arquitetônico são as do tipo B (ver Conceitos e Critérios) com 27,62%.

Estas edificações geralmente abrigam um uso comercial ou misto. Como explicar seu alto percentual em uma área basicamente residencial? A resposta se encontra em épocas pretéritas, quando a rua Coronel Alexanzito, hoje um corredor basicamente composto por residências, era a chamada rua do Comércio.

Quando térreas, estas edificações geralmente abrigavam (ou ainda abrigam), exclusivamente a função comercial, mas ao possuírem mais de um pavimento, reservavam (ou reservam) a parte de baixo ao comércio e a de cima à residência.

As fachadas do tipo A (ver Conceitos e Critérios) também são bastante comuns em Aracati. Aparecem em 21,32% das edificações. Usualmente, construções com este perfil guardam funções exclusivamente residenciais, ou ainda, neste caso específico, são garagens.

Um único exemplar tipo C(0,30%) (ver Conceitos e Critérios) aparece na área em estudo, outras se espalham pontualmente em seu entorno, mas ainda assim são raras em Aracati.

As edificações do tipo D (ver Conceitos e Critérios) perfazem um total de 2,10%, e, geralmente, abrigam também o uso residencial.

O tipo E (ver Conceitos e Critérios) é uma variação dos tipos A e B. Equivale a 15,61% do total de edificações. São de uso residencial.

O tipo F (ver Conceitos e Critérios) corresponde a 3%. São residências também decorrentes dos tipos A e B.

As construções classificadas como monumentais são em número de cinco (Igreja Matriz de N. Sra. do Rosário, Igreja do Rosário dos Pretos, Igreja de N. Sra. dos Prazeres, Igreja do Sr. do Bomfim e Casa de Câmara e Cadeia), determinando uma porcentagem de 1,50% do total de lotes. A escala desses edifícios confere a eles o caráter de monumentalidade, o que os fazem ser marcos e referências dentro do centro histórico.

As edificações que não se enquadram em nenhum destes perfis foram chamadas de Outras. Geralmente são construções recentes ou que foram alteradas, fogem ao padrão característico da área e possuem um ritmo e forma de aberturas distinto dos demais. O seu alto percentual de 22,52% aponta para a necessidade de medidas imediatas que as requalifiquem e reintegrem ao conjunto.

A soma desses percentuais equivale a 93,97%. O restante se divide entre muros (4,20%) e vazios (1,80%).

Número de Pavimentos

Há basicamente dois tipos de edificações no centro histórico de Aracati: as edificações térreas e os sobrados de dois ou três pavimentos.



NORTE

LEGENDA

-  1 PAVIMENTO
-  2 PAVIMENTOS
-  3 PAVIMENTOS

GABARITOS

ESCALA GRÁFICA



A horizontalidade das casas térreas (62,24%) domina a paisagem da área. Estas edificações possuem uma altura média de 5 m que se torna maior em função de suas cobertas de altas cumeeiras que compõem traços, ora contínuos, a sublinhar a paisagem.

Esta leitura rítmica, onde o domínio é do horizontal, faz sobressair ainda mais a verticalidade das torres das igrejas e da Casa de Câmara e Cadeia, bem como dos elaborados sobrados, denunciadores de tempos de riqueza e dinamismo do lugar. Estas nobres construções refletem o poder aquisitivo de seus ricos moradores. Habitar um sobrado era sinônimo de riqueza e prestígio. Em Aracati é mais comum que estes edifícios possuam dois pavimentos (18,03%)¹⁴; os de três, mais raros, equivalendo a somente 1,02%.

Novas edificações vêm surgindo em Aracati. Algumas são térreas, outras possuem um segundo andar e no máximo um terceiro. Entretanto, o cuidado com a compatibilidade das escalas está sendo relegado a segundo plano. Estas construções chamam a atenção pela total inadequação à estrutura predominante e constituem verdadeiro entrave à tentativa de recuperação da original leitura do espaço.

Grau de Conservação

De um modo geral as edificações do centro histórico de Aracati se encontram em bom estado de conservação. Com 72,10%

¹⁴ O percentual total de edificações de dois pavimentos é de 33,33%. O valor 18,03% equivale somente aos sobrados originais e caracterizados. Foram então excluídos aqui as porcentagens das Igrejas, da Casa de Câmara e Cadeia e das edificações descaracterizadas e conflitantes que correspondem aos 15,30% restantes.

de construções consideradas conservadas e 12,92% semi-conservadas.

Apesar deste quadro otimista, é preocupante a rapidez com que outras tantas vão passando da qualidade de mal conservadas (7,82%) para a de arruinadas (1,70%), chegando a atingir o estágio de ruínas (1,36%).

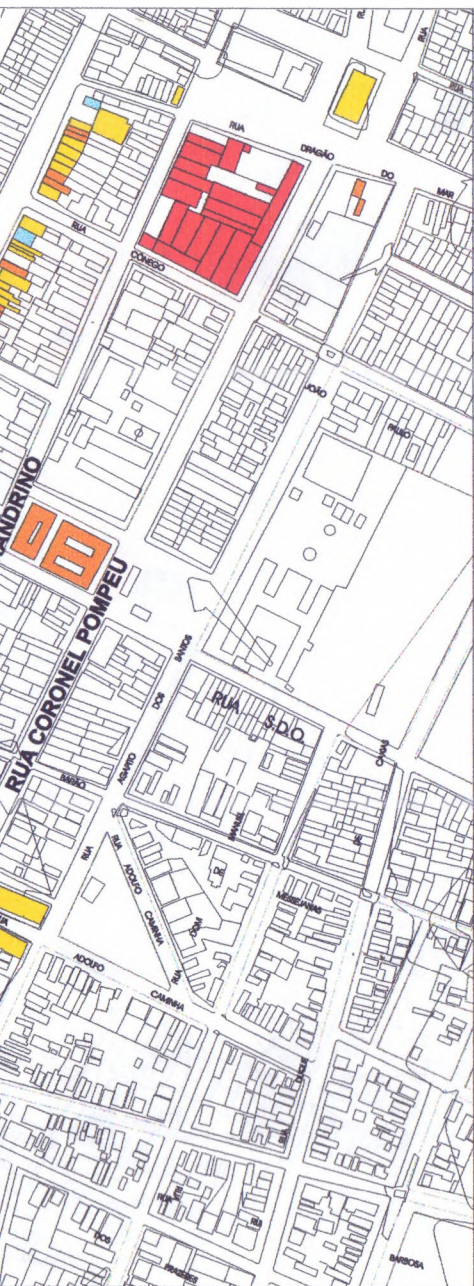
A solução para esta problemática talvez se encontre em uma política de incentivos, através da redução parcial ou total de impostos municipais, já adotada em outros centros históricos, como, por exemplo, no Recife, e que consiste em estimular os proprietários destas edificações a conservá-las através de obras de manutenção e restauração. É imprescindível também uma política educacional que leve em consideração a importância do patrimônio histórico, servindo como meio difusor de uma cultura preservacionista.

Grau de Caracterização

O centro histórico de Aracati vem sendo paulatinamente descaracterizado. Em decorrência disto, edificações de valor ímpar simplesmente desapareceram da paisagem.

Apesar de toda essa agressão, a originalidade das construções ainda prevalece sobre as formas inadequadas que ocuparam o lugar daqueles edifícios que antes eram os verdadeiros coadjuvantes na composição do quadro urbano tipicamente colonial.

As fachadas conjugadas em uma linha contínua passaram a dividir o espaço com construções que, desobedecendo o perfil



NORTE

LEGENDA

-  CONSERVADA
-  SEMI CONSERVADA
-  MAL CONSERVADA
-  ARRUINADA
-  NÃO TERMINADA
-  VAZIO
-  RUÍNAS

GRAU DE CONSERVAÇÃO

ESCALA GRÁFICA



0 50 150 250m



RIO
JAGUARIBE



LEGENDA

- INTERESSE
- ORIGINAL
- CARACTERIZADA
- DESCARACTERIZADA
- CONFLITANTE
- VAZIO
- RUÍNAS

**GRAU DE
CARACTERIZAÇÃO**



adotado, teimam em criar recuos ajardinados totalmente desrespeitosos, vão que se abrem aleatoriamente, sem um estudo dos ritmos, ou, ainda, usando cores e revestimentos incompatíveis com a harmonia do conjunto. Enfim, constroem-se edificações que, de tão “inovadoras”, acabam por quebrar, nos trechos em que se inserem, a seqüência visual característica do lugar.

É surpreendente portanto, que ainda existam 37,75% de edificações originais (neste percentual estão incluídas as edificações de interesse que correspondem a 2,72% e as ruínas com 1,36%) e 23,80% caracterizadas, ou seja, com pequenas alterações de fachada que não chegam a comprometer a leitura primeira do edifício. Em compensação 22,44% estão totalmente descaracterizadas e 13,60% são conflitantes, a soma destes valores perfaz 36,04% - um alto número, quase equivalente ao de casas originais, que precisa ser urgentemente reduzido através de medidas que visem a recuperação destes bens.

O que fazer para reintegrar essas edificações ao conjunto ou amenizar sua presença?

No caso das construções descaracterizadas, a volumetria e a falta de recuos diminuem a dificuldade de se tentar reenquadrá-las ao perfil original, mas ainda assim é complicado o processo de reordenamento. Quanto às edificações conflitantes, estas sim, são as que constituem o maior desafio.

Vários questionamentos então surgem. Deve ser feita a restituição da feição original destas construções? Deve-se

projetar uma nova fachada na qual os ritmos sejam respeitados? Deve-se tentar conviver com esta realidade gerada pela falta de compromisso com a preservação do patrimônio edificado?

Estas dúvidas norteiam e fazem parte da vida de quem lida com o patrimônio histórico, entretanto, uma posição precisa ser assumida e a postura a se adotar deve, principalmente, levar em consideração a cidade e seus habitantes, pois o espaço público, assim como tudo que abrange o coletivo, deve primar sobre os aspectos particulares do que é privado. Sendo assim, o conjunto arquitetônico é mais relevante do que a edificação e as medidas a serem tomadas deverão se voltar para a criação de uma unidade entre as diferentes partes do todo.

Tipologia e Material das Coberturas

As cobertas do tipo A são as que mais aparecem no centro histórico de Aracati com 70,74%. A este valor pode ser acrescido 1,36%, se forem levadas em consideração as ruínas que deixam evidentes resquícios desta tipologia. Estes telhados de duas águas, bastante característicos do período colonial, lançam parte da chuva recebida sobre a rua e parte sobre os quintais.

Em Aracati, a adoção majoritária desta tipologia associada ao alinhamento de casas térreas ou sobrados geminados de alturas idênticas geraram a formação de grupos de edificações com cobertas contínuas que garantem a proteção de suas empenas contra as intempéries e ainda reforçam a leitura de uma horizontalidade, marca deste centro histórico.











RIO JAGUARIBE





NORTE

LEGENDA

-  TIPO G (UMA ÁGUA)
-  TIPO A (DUAS ÁGUAS)
-  TIPO E (TRÊS ÁGUAS)
-  TIPO F (QUATRO ÁGUAS)
-  TIPO B
(COM ÁGUA FURTADA)
-  TIPO D
(DUAS ÁGUAS EM DIAGONAL)
-  TIPO C
-  MONUMENTAL
-  OUTROS
-  RUÍNA

TIPOLOGIA DAS COBERTAS

ESCALA GRÁFICA







0 50 150 250m

RIO JAGUARIBE



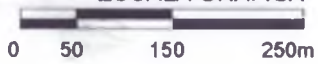


LEGENDA

-  CAPA-CANAL
-  AMIANTO
-  METÁLICA
-  OUTROS
-  RUÍNAS

MATERIAIS DE COBERTURA

ESCALA GRÁFICA



As demais tipologias se restringem a um número bastante reduzido.

Exemplares do tipo B, cobertas com águas furtadas, são em número de três, ou seja, 1,02%.

Há alguma variação em casas de esquina, onde aparecem exemplos pontuais de cobertas do tipo D (1,02%) e E (3,06%), mas em Aracati, de um modo geral, até as edificações com esta implantação adotam as cobertas em duas águas. Estas construções então, valorizam suas fachadas laterais e empenas com a abertura de vãos elaborados caracterizando os chamados "oitões valorizados".

A inclinação que em alguns casos pode chegar a 50%, define cumeeiras bastante altas que determinam a formação de um outro pavimento, os sótãos. Comuns em Aracati este andar abre a possibilidade de um maior aproveitamento do espaço interno em casos de adaptações e reformas.

A tipologia C aparece em uma única construção, um sobradinho de linhas bastante delicadas, no qual um corpo central se destaca do restante do volume da edificação, gerando assim dois planos de cobertura em níveis diferenciados.

As cobertas de quatro águas (tipo F), só correspondem a 1,02% , ou seja, são 3 de um total de 294. Uma das edificações que adotam este modelo é a Secretaria de Cultura, antiga residência da Família Leite Barbosa.

A tipologia G, comum em construções mais simples e populares erigidas há pouco tempo, equivalem a 5,10%.¹⁵

Nas edificações de destaque como: a Igreja Matriz de N. Sra. do Rosário, a Igreja do Rosário dos Pretos, a Igreja de N. Sra. dos Prazeres, a Igreja do Sr. do Bonfim e a Casa de Câmara e Cadeia; seus telhados receberam a classificação de Arquitetura Monumental e perfazem um total de 1,70%.

O restante das edificações, cujas cobertas não se enquadram em quaisquer dos modelos acima citados foram chamadas Outras (11,90%). Estas geralmente pertencem às novas edificações, construídas ou reformadas.

A soma de todas estas tipologias equivale a 97,26%. O restante são vazios urbanos(2,72%).

O material de cobertura empregado em quase todas as edificações são as telhas cerâmicas capa-canal (91,83%). Raros são os casos em que se adotam outros tipos como por exemplo as de amianto (0,34%) ou as metálicas (1,02%).

O Conjunto Arquitetônico

Como cidade histórica, Aracati, nascida no século XVIII, já não apresenta a sua feição primeira, dos tempos em que era a dinâmica vila, hegemônica na Capitania do Siará Grande, e famosa por sua carne de charque, seus couros, seu gado.

¹⁵ Esta tipologia (Tipo G) também é encontrada com muita frequência cobrindo as garagens da rua Santos Dumont

A riqueza, gerada pelas charqueadas, trouxe com ela a construção de uma arquitetura sofisticada para os padrões do lugar.

Pouco a pouco foram surgindo sobrados em locais que guardavam simples construções de pau-a-pique. Azulejos portugueses foram importados para revestir as suas fachadas e as pinhas para ornar os seus beirais.

Uma cidade portuguesa surgia em pleno Nordeste. Isto é bastante evidente pelo traçado pombalino em quadrícula, pela implantação das casas na testada dos lotes, sem qualquer recuo, e muitas vezes também pelos elementos de fachada (azulejos, balcões, pinhas).

A metamorfose não parou por aí e com o passar dos anos as sóbrias construções coloniais foram adquirindo pouco a pouco os tratamentos que a moda de cada período determina.

As fachadas de Aracati, portanto, não dizem a verdadeira idade do edifício, mas falam do tempo, dos gostos, das mudanças, enfim, da dinâmica vida urbana que se transforma diariamente, mas que só se faz perceber claramente quando detidamente analisada.

Ao estudar os elementos de composição das fachadas se percebe que eles variam de acordo com cada escola arquitetônica. Assim, fachadas art déco são verticais e acabam em platibandas recortadas; as ecléticas desenham-se profusas enfeitando, principalmente, o contorno dos vãos; as neo-clássicas apresentam balaustradas e janelas encimadas

por frontões; enfim, cada período exibe detalhes decorativos característicos.

Em Aracati há um pouco de cada uma destas linguagens. As diferentes expressões arquitetônicas geram movimento, quebram a monotonia da padronização, conseguem se harmonizar entre si, pois respeitam, sobretudo, os compassos ritmados das aberturas dos vãos de tendências verticais, as texturas e as cores, os gabaritos e os recuos.

Estas são as premissas para se construir no centro histórico. A discricção no tratamento das fachadas em reverência e respeito à História, também é essencial. Assim, fica evidente que toda e qualquer edificação que não esteja enquadrada neste perfil é geradora da desarmonia.

Estes conflitos são realidades em Aracati. O centro histórico não acolheu ao longo dos anos somente edificações totalmente contextualizadas. Apesar disto, o peso da arquitetura do passado se impõe às novas construções e o que na verdade se vê, apesar de tudo, é uma unidade arquitetônica.

A rua Coronel Alexanzito é concentradora da maior parte dos bens de valor histórico.

A implantação das edificações nos lotes, como já foi citado anteriormente, obedece às posturas coloniais e não admite recuos, o que gera um pano contínuo de edifícios geminados.

Ao caminhar pelo centro histórico de Aracati, o observador atento percebe que o verde abundante que ele avista quando a cidade ainda está ao longe se localiza, em sua maioria, nos

quintais, principalmente nos lotes ímpares; que o número maior de sobrados também está situado neste lado da via e que o de casas térreas fica do lado oposto e têm seus fundos e garagens voltados para rua Santos Dumont, antiga rua de serviço.

Os vãos, como também já foi dito, obedecem a um ritmo que é marcado pela repetição do desenho verticalizado das aberturas e pela distribuição simétrica nas fachadas. Os números variam de 2 a 10 vãos.

As vergas são encontradas retas ou em arcos que podem ser abatidos, plenos, ogivais ou trilobulados.

Em sobrados, os vãos abertos nos pavimentos são correspondentes, o que, quando se analisa a edificação isoladamente, evidencia as linhas verticais da fachada. É preciso, entretanto, ficar claro que a horizontalidade é dominante no centro histórico. Os agrupamentos de sobrados ou mesmo de casas térreas de dimensões similares criam uma continuidade que gera o domínio da largura sobre a altura.

O acabamento superior das edificações se apresenta de várias formas: em beira seveira; cornija com cimalha e acabamento com telhas; cornija com cimalha e platibanda em desenhos variados; simples platibanda; e frontão triangular, mais raro.

Essas construções historicamente têm se utilizado de revestimentos como azulejos ou a simples argamassa pintada com tintas à base d'água em cores de tons pastéis. Mas, recentemente, outros materiais têm-se empregados que atuam como desagregadores da percepção visual e tectônica

tradicional. É o caso de um tipo de pedra da região, usada em faixas na base das edificações ou revestindo a fachada inteira, e também das cerâmicas que aparecem em alguns dos novos exemplares arquitetônicos.

Os balcões, elementos que criam uma ligação entre o espaço privado da residência e o público (rua), têm gradis de desenhos variados e marcam freqüentemente as fachadas dos sobrados, constituindo, assim como os azulejos, herança árabe. São descendentes diretos dos muxarabis.

As gárgulas também aparecem com alguma freqüência. Em dias de chuva, são responsáveis pelo escoamento das águas que caem diretamente sobre os passeios.

As cobertas, com suas altas cumeeiras que ora se encontram ora se desencontram, criam um jogo de volumes que imprime bastante movimento ao conjunto, apesar da repetição das soluções que geralmente são em duas águas.

Em algumas casas de esquina aparecem os oitões valorizados, ou seja, as fachadas laterais e as empenas desses edifícios recebem um tratamento mais elaborado. Havendo uma utilização dos mesmos elementos da fachada principal como balcões e esquadrias.

Os edifícios de porte monumental, como as igrejas e a Casa de Câmara e Cadeia, pontuam o centro histórico, riscam a paisagem com suas altas torres. São testemunhas do passado e do presente. Suas fachadas também não passaram pelo tempo sem sofrer transformações. As Igrejas do Bonfim e do Rosário dos Pretos, por exemplo, foram alteradas no século

passado, quando devem ter recebido elementos neoclássicos (frontão triangular, capitéis e outros).

Na rua Coronel Pompeu e Coronel Alexandrino as edificações tomam outra feição. Têm um caráter mais comercial e estão mais descaracterizadas. Poucas são as construções deste setor que estão incluídas na poligonal de tombamento, o mercado é uma delas. Esta é uma edificação térrea cuja planta define um partido composto por pátios internos (dois) e elevações periféricas que se voltam para eles. Externamente, caracteriza-se por uma seqüência de portas em arco ogival.

Retornando à rua Coronel Alexanzito, os sobrados e as casas térreas criam uma perspectiva que estimula o indivíduo a percorrer a via sempre atento às mudanças, ora sutis ora evidentes, no perfil arquitetônico do lugar e que, independentemente de se mostrarem claras ou obscuras, são sempre geradoras de sensações e emoções variantes em todo e qualquer visitante ou morador que circule pelo centro histórico de Aracati.

Análise Arquitetônica das Quadras

A leitura do conjunto arquitetônico remete, num primeiro momento, à visão do geral, mas exige, em seguida, a análise de pormenores ou particularidades que evidenciem as características dos micro espaços, neste caso, as quadras.

Com o intuito de absorver todos os detalhes da arquitetura do centro histórico de Aracati, segue-se a análise das 24 quadras que estão inseridas na poligonal de tombamento.

Destes 24 quarteirões, 13 foram analisados por inteiro (Quadras: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 16, 19, 20, 21 e 23), os demais (Quadras: 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 22 e 24) sofreram uma análise parcial. Isto se explica pelo fato de que nem todos entram completamente na área de proteção rigorosa (ver mapa-Poligonal), sendo avaliados, portanto, somente os trechos de interesse, aqueles que estão incluídos no centro histórico demarcado pelo IPHAN.

Quadra I

São em número de 5 o total de lotes desta quadra.

Quando analisada pela rua Cel. Alexanzito, vê-se a Praça da Independência e três edificações uma das quais é a Casa de Câmara e Cadeia, que por sua escala e tipologia monumentais se impõe sobre as demais contíguas a ela. É sem dúvida o elemento principal. As outras construções, térreas e originais, funcionam como coadjuvantes que ajudam a formar um perfil dominado pelas suas altas e robustas torres.

A Praça da Independência evidencia a imponência da Casa de Câmara e Cadeia na medida que dá o distanciamento necessário à contemplação de todo o seu volume.

Do lado da quadra até aqui descrito não há qualquer construção conflitante, à exceção de uma, voltada para a rua Santos Dumont. Também é para essa via que se abre o único terreno caracterizado como um vazio urbano.

Os lotes, à exceção do da Casa de Câmara e Cadeia e dos da rua Santos Dumont, são estreitos e compridos com as

edificações implantadas em suas testadas sem recuo. Neste caso, não chegam a avançar seus quintais até a rua Santos Dumont; param com eles no meio da quadra.

Resumindo, o quadro que se tem é de um quarteirão pouco extenso e quase que totalmente ocupado pela Casa de Câmara e Cadeia. A única edificação que está em desarmonia com o conjunto não chega a interferir ou agredir o cenário. Muito disso se deve ao fato de estar ela voltada para a rua Santos Dumont. O vazio urbano em um dos lotes aponta para a possibilidade de sua futura ocupação por uma novo edifício que deverá respeitar, em termos de gabarito principalmente, à estrutura predominante da Casa de Câmara e Cadeia.

Quadra 2

Esta quadra possui um total de 9 lotes. Seis têm edificações que se voltam para a rua Cel. Alexanzito e três para a rua Santos Dumont.

Nos lotes da rua Cel. Alexanzito há um predomínio de sobrados de dois pavimentos, um dos quais, o de nº 504, se destaca dos demais pela sua singularidade. É uma edificação de forma e proporções delicadas no qual o primeiro pavimento, recuado das laterais, se destaca em um corpo central definido por cunhais e por um balcão único.

A seqüência criada pelos sobrados originais neste lado da quadra é interrompida por duas edificações, uma conflitante (nº538) e outra descaracterizada (nº542). A primeira destoa do restante não só por deixar de respeitar os recuos e ritmos, mas também por ser a única construção térrea em meio a edifícios de dois pavimentos. Por ela se constituir no maior entrave à

continuidade, deve-se buscar uma solução que amenize seus efeitos, deturpadores da linguagem do conjunto.

Os três lotes da rua Santos Dumont estão ocupados por duas edificações de dois pavimentos que estão bastante descaracterizadas e por uma térrea original. Quatro são os fundos de residências da rua Cel. Alexanzito que chegam até esta via, o que evidencia o seu caráter secundário.

Deste lado da quadra a tipologia de fachada dominante é a tipo B, enquanto do outro nenhuma prevalece.

Os lotes ainda seguem a estrutura de parcelamento definida pelas antigas Cartas Régias, bem como a implantação das edificações, exceção feita a de nº 538 (conflitante).

A Quadra 2 é, portando, marcada pela seqüência de prédios com dois pavimentos, pela ausência de recuos e pelos ritmos definidos pelos vãos. As edificações com desenho original estão no lado da rua Cel Alexanzito.

Há possibilidade de construção de novas edificações no espaço que hoje é ocupado pelos quintais. Entretanto, não é aconselhado o remembramento desses lotes, pois são eles testemunhas da estrutura urbana dos tempos coloniais, quando a rua Santos Dumont era uma via de serviço.

Quadra 3

A Quadra 3 é composta por 7 lotes. Cinco são ocupados por edificações da rua Cel. Alexanzito e dois por outras da rua Santos Dumont.

As casas térreas, originais e caracterizadas, definem um perfil de escala modesta, cuja altura idêntica das edificações e das cumeeiras criam um volume único, como se fossem elas uma só construção.

Esta leitura que fala do que hoje é aparente, revela uma verdade do passado. Eram essas edificações, hoje subdivididas em residências, um prédio único que abrigava a Alfândega.

A quadra se mostra pouco alterada, pelo menos em suas fachadas. O parcelamento do solo guarda as mesmas características do período colonial, lotes estreitos e compridos com quintais que por vezes chegam até a rua Santos Dumont.

Quadra 4

Um total de 23 lotes estrutura este quarteirão. 18 são ocupados por construções voltadas para a rua Cel. Alexanzito e 5 para a rua Santos Dumont.

Estes lotes, assim como a maior parte dos que compõem as quadras do centro histórico de Aracati, são estreitos e compridos e recebem edificações cujas implantações, em sua maioria, dá-se sem recuos, exceção feita às de nº 670, 690, 696 (SEFAZ), 706 e 726 da rua Cel. Alexanzito. Consideradas conflitantes, estas construções, não contextualizadas com seu entorno, geram leituras dúbias e uma ruptura brusca no painel formado pelas edificações geminadas, caracterizadas(6), originais (5) e descaracterizadas (2). Alguns trechos se mostram mais críticos, tal como o composto pela seqüência de edificações de nº 690, 696 e 706.

Na rua Santos Dumont existem apenas 5 lotes ocupados por residências; o restante são fundos ou garagens (11) das edificações da rua Cel. Alexanzito. As construções deste lado da quadra se apresentam descaracterizadas, exceto a de nº657 (caracterizada).

Esta é uma quadra bastante horizontal, apesar do número de edificações de dois pavimentos se equiparar ao de térreas. A altura média das edificações se mantém constante, elevando-se apenas nas extremidades, através dos sobrados de nº650 e 654, no extremo da Praça Dr. Leite, e do sobrado de nº744 situado na esquina da rua Barão de Messejana com rua Cel. Alexanzito.

Obedecendo ao padrão verificado no conjunto, há um predomínio de cobertas de duas águas e de telhas capa-canal.

Quanto às fachadas, na rua Cel. Alexanzito aparecem com mais freqüência as chamadas Outras (6) e as do tipo E (5). Na rua Santos Dumont são as do tipo A (8), seguidas pelas do tipo B (4).

Assim como na Quadra 2, os espaços que podem vir a ser ocupados por novas construções são os quintais, mas se repete a questão; usar dessas áreas é agredir a estrutura urbana típica.

Quadra 5

São 17 o número de lotes desta quadra.

Na rua Cel. Alexanzito 11 são ocupados por edificações que se dividem entre os usos residencial (7), serviços (1), educacional (1), institucional (1) e de lazer (1).

Esta quadra se encontra bastante alterada. Somente três construções são originais e duas caracterizadas, uma das quais se volta para a rua Santos Dumont. As demais edificações se dividem entre descaracterizadas e conflitantes.

A tipologia de fachada mais freqüente nas edificações que se voltam para a rua Cel. Alexanzito é a chamada Outras, as demais são do tipo A (2) e do tipo E (2). Na rua Santos Dumont metade são do tipo A (portas de garagens), a outra metade se compõe dos tipos B (4) e E (2).

O grau de conservação é bom e a maioria das construções se classifica como conservada ou semi conservada.

O número total de edificações de dois pavimentos é 7. Estas se situam nas extremidades do quarteirão. Apesar da quantidade razoável, a horizontalidade é dominante devido à altura destas construções, que pouco se destacam frente às térreas. Nota-se que estes edifícios de dois andares foram construídos a partir da descaracterização de casas que antes tinham um só pavimento, exceção feita ao sobrado de nº 758 que coincidentemente é o mais alto da quadra.

Chama a atenção do lado da rua Cel. Alexanzito um exemplo da total falta de consciência do que é preservar. A edificação nº 812, antes uma casa térrea revestida por azulejos portugueses, teve sua fachada transformada em muro para uma construção nova e conflitante de dois pavimentos.

A boa intenção do proprietário ao manter a fachada original, entretanto, não esconde a sua ignorância no que se refere ao tema preservação patrimonial. Esta é mais uma evidência da necessidade urgente de se criar uma política educacional visando a conscientização da população.

Quadra 6

São 25 os lotes desta quadra, dos quais 16 se voltam para a rua Cel. Alexanzito e 9 para a rua Santos Dumont.

É uma quadra basicamente residencial, de perfil horizontal determinado pela quase inexistência de edificações com mais de um pavimento, exceção feita à de nº 884 e à de nº 87616, ambas em fase de construção. Essas novas edificações, ainda inacabadas, vão rapidamente tomando forma e já mostram a face da desarmonia. Possuem altura, recuos e abertura de vãos totalmente inadequados.

Neste quarteirão, os níveis de conservação são muito bons, as casas se dividindo em conservadas, a maioria, semi-conservadas e inacabadas.

Os telhados das construções da rua Cel. Alexanzito são basicamente do tipo A, ou seja, de duas águas. As residências de nº 842, 846, 850, 858, 864 e 872 têm alturas idênticas e

¹⁶ Há pouco tempo atrás este lote era um vazio urbano. Foi ele o terreno escolhido para se fazer a implantação da residência/atelier/restaurante, projeto complementar do estudo de elaboração de normas e critérios de intervenção. A ocupação atual, uma construção inacabada e conflitante, ao invés de provocar qualquer forma de impedimento, na verdade serve de estímulo e desafio à criação de uma edificação mais contextualizada que conseqüentemente gerará análises comparativas entre as duas.

formam um conjunto de casas de cumeeira única o que aumenta, neste trecho, a percepção da horizontalidade.

Há algumas edificações revestidas com azulejos portugueses, as de nº 864, 872, 936, 942 e 950.

Ao se analisar a quadra pela rua Cel. Alexanzito, existe um predomínio de edificações originais e caracterizadas, exceção feita à de nº858 (descaracterizada) e às de nº884 e 876 (conflitantes). A rua Santos Dumont, ao contrário, revela uma maioria descaracterizada.

A maior parte dos lotes obedece ao padrão colonial, são estreitos e compridos, alguns avançam com seus quintais até a rua Santos Dumont.

A premissa básica para se construir nesta quadra é o respeito à horizontalidade. O ideal seria a manutenção de uma linha de casas térreas e sem recuos. Entretanto, pelo menos três construções, as de nº 876, 884 e 890, já romperam com esta norma primordial e se apresentam conflitantes com seu entorno.

Reenquadrá-las ao perfil original se mostra tarefa bastante delicada, por envolver não só a questão físico-espacial, mas também concepções ideológicas referentes à preservação e recuperação do patrimônio edificado.

Quadra 7

A Quadra 7 possui um total de 31 lotes, dos quais 21 se voltam para a rua Cel. Alexanzito e 10 para a rua Santos Dumont.

O parcelamento do solo obedece ao mesmo padrão que vem se repetindo nas demais quadras. São estreitos e compridos, alguns (08), chegam até a rua Santos Dumont.

O seu perfil é horizontal, havendo trechos onde esta característica se apresenta ainda mais evidente, tais como o que começa com a residência de nº1000 e vai até a de nº1046 e o que se inicia com a casa nº1070 e vai até a de nº1100. Nestes pedaços de quadra, as edificações formam planos contínuos de fachadas, de alturas idênticas, e de cobertas do tipo A com uma única linha de cumeeira.

Os sobrados de nº978 e de nº984 se destacam dentro da quadra por serem as edificações mais altas, além de possuírem um especial valor histórico por terem pertencido à família de Adolfo Caminha. O de nº 978 é particularmente importante, pois foi nele que o escritor nasceu. Ambos se encontram bastante deteriorados, o primeiro a um passo do total arruinamento e o segundo mal conservado. O restante das construções se encontra em bom estado de conservação.

Quando analisada a partir da rua Cel. Alexanzito, revela-se o predomínio da originalidade. As casas conflitantes (nº1064, 1070, 1086, 1110 e 1128) se encontram espalhadas, alternadamente, a partir do meio do quarteirão depois de uma seqüência de casas originais e caracterizadas.

Na rua Santos Dumont há duas edificações originais (nº933 e 905), duas descaracterizadas (nº945 e 973), três

caracterizadas (n°1029, 999 e outra s/n) e duas conflitantes (n°961 e 943), o restante das fachadas correspondem a muros ou entradas de garagens.

Um único vazio existe. Volta-se para a rua Santos Dumont e é nele, provavelmente, que surgirá uma nova construção que deverá obedecer ao padrão de gabaritos e recuos da quadra.

Quadra 8

Apenas duas edificações desta quadra foram incluídas pela poligonal de tombamento a de n°1136 e a de n°1152, ambas situadas à rua Cel Alexanzito. O terceiro lote inserido na área corresponde a um vazio urbano e se localiza na esquina da rua Santos Dumont com travessa Senhor do Bonfim.

Em decorrência disto, foram levados em consideração apenas os lotes que se voltam para a rua Cel. Alexanzito, não se fazendo necessária, portanto, uma análise dos situados na rua Santos Dumont, pois a partir deste quarteirão começam a se constituir em área de entorno.

O total de lotes analisados foi 7.

O trecho da quadra analisado possui um perfil horizontal, no qual se destaca a única edificação de dois pavimentos, o sobrado de n° 1152, um edifício original, revestido por azulejos portugueses e com os vãos de arcos trilobulados.

Todas as edificações estão muito bem conservadas. Quanto ao grau de caracterização, a originalidade está presente apenas

no sobrado nº 1152. As demais se dividem igualmente em casas caracterizadas e conflitantes.

Quadra 9

Nesta quadra a única edificação incluída na área de proteção rigorosa pela poligonal de tombamento do IPHAN foi o Nicho do Bom Jesus dos Navegantes.

O Nicho é uma capela. Possui, portanto, a escala modesta das edificações com este caráter. Está implantado na esquina da rua Dragão do Mar, para onde sua fachada principal se volta, com a rua Cel. Alexandrino, no trecho em que esta se confunde com o Largo da Matriz.

Sua fachada principal foi totalmente modificada, mas sua volumetria permaneceu intacta. Apesar de carecer de originalidade arquitetônica, esbanja em valor histórico como uma das primeiras construções da cidade.

Relacionando-o com as demais edificações que compõem o seu entorno na quadra, verifica-se que ele quase se confunde com elas, devido ao seu pequeno porte. Juntos se alinham numa altura regular de perfil horizontal. A maior parte das construções, inclusive o Nicho, é térrea, exceção feita a de nº49 (rua Dragão do Mar), a de nº217 (rua Cel. Alexanzito com rua Dragão do Mar) e a de nº138 (Largo da Matriz) que possuem dois pavimentos.

Este trecho do quarteirão está bastante descaracterizado, não há, entretanto, qualquer edificação conflitante, o que, de certa forma, facilitaria uma possível tentativa de recuperação da

feição original ou criação de uma composição mais harmoniosa para o conjunto.

Quanto ao grau de conservação, ele é satisfatório, apenas uma única casa foi classificada como mal conservada. As tipologias de fachada se alternam, em sua maioria, entre os tipos A e B.

Não há espaço vazio neste trecho de quarteirão, portanto, as novas edificações que venham a surgir na quadra serão decorrência de reformas das que já existem.

Quadra 10

Esta é uma das quadras que foram analisadas parcialmente, pois é a partir dela que a poligonal de tombamento passa a dividir os quarteirões em duas metades, uma que se volta para a rua Cel. Alexanzito e que está incluída na área tombada e outra que se volta para a rua Cel. Alexandrino que foi excluída.

Esta linha divisória levou em consideração os graus de caracterização das edificações: aquelas situadas na rua Cel. Alexandrino, bastante descaracterizadas, não se apresentaram suficientemente relevantes para serem incorporadas à área de preservação rigorosa.

Segue-se então a análise dos lotes e respectivas construções que neles se inserem e se abrem para a rua Cel. Alexanzito que são em número de 15.

A Quadra 10 obedece ao mesmo padrão de parcelamento adotado nas demais quadras já descritas. Possui lotes estreitos

e compridos que, neste caso, avançam até o meio do quarteirão somente.

Seu perfil é marcado por trechos bastante definidos, nos quais alternam-se faixas mais horizontais (n°237 ao n°261 e as casas de n°277 e n°281 e n°309) e outras mais verticais (n°287 ao n°303 e os de n°267 e n°273 e n°317). Mesmo assim, de uma maneira geral, destaca-se no conjunto a presença dos edifícios com mais de um pavimento.

Os sobrados de n°267 e n°273 são os mais altos e interrompem uma seqüência de casas térreas. O mesmo faz as residências térreas n°277 e n°281 que, em contrapartida, rompem uma linha de sobrados. Esta alternância entre construções térreas e de dois pavimentos deixa explícita, portanto, uma distribuição bastante eqüitativa de ambas.

As construções originais são a maioria, um total de dez, conclui-se com isto ter sido a quadra pouco alterada. Entretanto, duas edificações conflitantes, situadas em cada uma das extremidades do quarteirão, rompem o plano das edificações geminadas.

Os grau de conservação é bom, as edificações se dividem em conservadas e semi-conservadas. Há somente uma classificada como arruinada, a de n°237, que está situada ao lado do único vazio urbano.

Nesta quadra três são os lotes que admitem a construção de novas edificações, o de n°231 que corresponde ao vazio urbano e os de n°247 e n°317 ambas edificações conflitantes.

Quadra 11

A Quadra 11 possui 15 lotes voltados para a rua Cel. Alexanzito, que foram incorporados pela poligonal de tombamento, e que serão aqui analisados.

A maior parte deles corresponde a edificações que se destinam ao uso residencial. São estreitos e compridos com quintais que chegam até o meio da quadra.

As tipologias das edificações se dividem em tipo A (n°365 e n°417), tipo B (n°353, n°423, n°429 e n°433), tipo E (n°343, n°397, n°403, n°411 e n°447) e Outras (n°357, n°369, n°379 e n°391).

Seu perfil é dominado pelos sobrados de dois e três pavimentos, exceção feita ao trecho que se inicia com a casa de n°403 e vai até à de n°423 e à construção de n°343, isolada na esquina da rua Cel. Alexanzito com rua Cônego João Paulo.

A mais alta edificação da quadra é um sobrado de três pavimentos (n°353), original, que revela ser dos mais antigos pelo predomínio dos cheios sobre os vazios em sua fachada, e que se encontra bastante arruinado pelas ações do tempo e falta de manutenção. O restante das edificações está em bom estado de conservação, assumem ora a classificação de conservadas e ora a de semi conservadas.

Os exemplares originais e caracterizados dividem espaço com um razoável número de construções descaracterizadas (6) e

com uma edificação conflitante. A recomposição da feição primeira da quadra se mostra, portanto, um desafio.

Três tipos de intervenção, com respeito à volumetria e as fachadas, podem vir a se dar neste quarteirão. São eles: de manutenção das edificações originais, de restauração das fachadas caracterizadas e de reestruturação das casas descaracterizadas e da conflitante (n°391).

Quadra 12

Assim como as quadras 10 e 11, somente uma parte deste quarteirão suscitou interesse e foi incorporado pela poligonal de tombamento à área de preservação rigorosa. Segue-se, portanto, sua análise, também parcial, na qual foram levados em conta apenas os lotes e edificações da rua Cel .Alexanzito que são em número de 13.

O padrão de parcelamento do solo verificado neste quarteirão é o colonial, os lotes são estreitos e compridos com quintais que vão até o meio da quadra. O de n°537, com ruínas que deixam perceber uma fachada tipo B e uma volumetria térrea, destaca-se dos demais por ser mais largo e possuir uma testada de 15 m, enquanto predomina uma média de 6 m.

A maioria das edificações tem uso residencial, com exceção do n°537 e do n°549, que são respectivamente ruínas e comércio.

As construções se dividem em: tipo A (n°467, n°471 e n°507), tipo B (n°537 e n°549), tipo E (n°477, n°489 e n°495), tipo F (n°483) e Outros (n°503, n°511, n°517 e n°541).

O perfil original da quadra era basicamente composto por casas térreas, exceto pelo único sobrado de dois pavimentos (n°549), situado na esquina da rua Cel. Alexanzito com travessa Cel. Valente e que nela permanece, com poucas alterações, até hoje. Atualmente o quarteirão é pontuado por cinco edificações de dois pavimentos (n°467, n°503, n°511, n°517 e n°549) que, apesar de serem mais verticais, não conseguem romper com a linguagem horizontal.

As fachadas ao longo do tempo sofreram modificações, umas maiores e outras mais sutis, assim como novas construções surgiram no lugar do que antes deveriam ser casas originais. Nesta quadra são três as construções descaracterizadas (n°467, n°511 e n°517) e cinco as caracterizadas (n°471, n°489, n°495, n°507 e n°549). Há somente duas construções originais (n°477 e n°483). As conflitantes (n°503 e n°541) também são em número de duas.

O grau de conservação é muito bom. Há apenas uma ruína (n°537) e uma edificação semi conservada (n°549). O restante foi classificado como conservado.

Quadra 13

São 26 os lotes cujas edificações se abrem para a rua Cel. Alexanzito e que aqui serão analisados.

O parcelamento do solo é idêntico ao das quadras 10, 11 e 12, ou seja, possuem testadas pouco largas e grande comprimento que avança até a metade do quarteirão.

O uso predominante é o residencial (17 edificações), seguido pelo institucional (6 edificações). O restante se constitui em duas edificações desocupadas e uma destinada ao lazer.

As tipologias de fachada que aqui surgem são: a tipo A (n°645, n°723 e n°729); a tipo B (n°593, n°623, n°629, n°651, n°663, n°711, n°719 e n°743); a tipo E (n°563, n°571, n°581, n°607, n°615, n°705, n°715 e n°735) e as classificadas como Outras (n°637, n°657, n°669, n°675 e n°685).

No perfil da quadra se alternam trechos de edificações mais altas, sobrados de dois e três pavimentos (n°607 ao n°629; n°711 ao n°719 e n°729 ao n°743), que são intercalados por construções térreas mais baixas (n°651 ao n°705).

É neste quarteirão, na esquina da rua Cel. Alexanzito com rua Barão de Messejana, no n°743, que se situa uma das construções mais altas do centro histórico, o Museu Jaguaribano.

Este sobrado que pertencia ao Barão de Aracati é um marco na paisagem da área. Consiste de uma edificação original; de três pavimentos, cada um possuindo três vãos em arco pleno; revestida por azulejos portugueses e adornada com balcão corrido no primeiro pavimento e isolados no segundo. Possui fachada de oitão, com tratamento bastante elaborado, na qual quase todos os elementos da fachada principal foram repetidos, exceção feita aos balcões e aos azulejos. Nesta fachada lateral, percebe-se um quarto pavimento que é composto pelo sótão.

Há um predomínio de edificações originais (11 edificações) e caracterizadas (10 edificações). As poucas construções descaracterizadas (2 edificações) e conflitantes (3 edificações) corrompem a linguagem primeira da quadra, entretanto, devido a grande extensão deste quarteirão, um dos maiores dentro da área tombada, seus efeitos se tornam menos evidentes.

Os graus de conservação são muito bons, não havendo qualquer construção mal conservada ou arruinada.

As possibilidades de surgimento de novas construções na quadra são restringidas na medida em que só serão possíveis a partir de reformas das edificações descaracterizadas e conflitantes.

Quadra 14

Os lotes que serão avaliados são em número de dez, tendo as edificações que neles se inserem endereço na rua Cel. Alexanzito.

O parcelamento segue o padrão que vem sendo descrito nas demais quadras já analisadas e os lotes são estreitos e compridos.

As tipologias de fachada que aqui aparecem são: a tipo A (nº783), a tipo B (nº757, nº763, nº801, nº811 e a nº819/821), a tipo F (nº769) e Outros (nº779, nº789 e a nº807).

Esta quadra possui uma linha dominante de sobrados de dois e de três pavimentos, existindo, somente, três casas térreas (nº779, nº783 e nº811). O sobrado de nº769 é a única

construção com três andares sendo, portanto, a mais alta e a que destaca na quadra. Apesar dessa massa mais vertical, a implantação sem recuos que gera um pano de casas geminadas e faz a largura prevalecer sobre a altura fornece uma leitura horizontal ao observador. Entretanto quando comparada a qualquer quarteirão composto por uma maioria de casas térreas, diz-se ser esta uma quadra vertical.

Os graus de conservação são bons. Existem somente duas edificações classificadas como mal conservadas.

As edificações originais, a maioria, dividem espaço com as descaracterizadas que são três (n°779, n°783 e n°807). A ausência de casas conflitantes nesta quadra facilitaria um futuro trabalho de recuperação das fachadas que porventura venha a ser feito.

Quadra 15

O número de lotes analisados corresponde a um total de dezenove. São eles estreitos e compridos. Há, entretanto, alguns mais largos (n°831, n°847/851 e o n°949). Mas, de um modo geral, as testadas apresentam sempre dimensões bastante inferiores à profundidade.

O uso é basicamente residencial, havendo algumas edificações que guardam funções voltadas à prestação de serviços (n°841, e n°847/851), as outras são ruínas (n°889 e n°941) ou se encontram desocupadas (n°863, n°955 e n°963). Existe um único vazio urbano (n°897), onde ainda se vê resquícios do que seria a coberta da edificação que ali antes existia.

Predominam as casas térreas, geradoras de uma horizontalidade que é interrompida por alguns sobrados de dois pavimentos que se distribuem ao longo do quarteirão, intercalando-se aos trechos mais horizontais (n°857 ao n°871 e o de n°883 ao n°941).

As edificações se encontram em bom estado de conservação e se alternam em conservadas e semi conservadas. A exceção se encontra nas ruínas (n°889 e n°941) que precisam ser urgentemente recuperadas, de modo que se evite o desmoronamento e conseqüente perda de mais exemplares de arquitetura original.

A maior parte das construções do quarteirão são originais (n°847/851, n°871, n°877, n°883, n°919, n°949 e n°963) e caracterizadas (n°831/835, n°841, n°911, n°927, 935 e n°955). A ausência de casas conflitantes garante o respeito aos recuos, mas em compensação, o ritmo de abertura dos vãos fica comprometido nas edificações descaracterizadas n°857 e n°905. A terceira casa descaracterizada, a de n°863, destoa pelo revestimento cerâmico escolhido. Há ainda duas ruínas (n°889 e n°941), bastante deterioradas, que podem vir a aumentar o número de vazios urbanos, que hoje se conta em um.

Quadra 16

O número total de lotes neste quarteirão é 25, dos quais 16 se voltam para a rua Cel. Alexanzito e 9 para a rua Cel Alexandrino. A quadra, portanto, foi totalmente analisada, entretanto, nem todas as edificações da rua Cel. Alexandrino foram incluídas pela poligonal de tombamento à área de

proteção rigorosa. Somente o trecho entre as edificações de nº1004 a de nº1030 foi incluído.

O parcelamento do solo é idêntico ao verificado nas demais quadras já descritas.

Na rua Cel. Alexanzito, a maior parte das construções se destina às residências. Os outros usos correspondem a: serviços (nº1031 e nº1045/1047), institucional (nº1069), comercial (nº977) e religioso (Igreja do Sr do Bonfim). Verifica-se também a presença de uma ruína (nº993) e duas casas desocupadas (nº1039 e nº1093). Já na rua Cel. Alexandrino todas as edificações se destinam ao comércio, que enfim é o seu uso típico, como já afirmado.

A tipologia de fachada predominante é a B (em número de 10 na rua Cel. Alexanzito e 6 na rua Cel. Alexandrino). Na rua Cel. Alexanzito aparecem também uma tipo A, duas tipo E, uma "Outros" e uma monumental (Igreja do Sr. do Bonfim) e na rua Cel. Alexandrino, além do tipo B, só aparecem mais três edificações tipo A.

Avaliando o perfil da quadra pela rua Cel. Alexanzito, evidenciam-se partes mais horizontais (nº1063 ao nº1093) e outras mais verticais (nº1023 ao nº1051/1053), mas a verticalidade, de fato, só é verificada na Igreja do Sr. do Bonfim que com suas torres e escala monumental funciona como marco visual dentro e fora do centro histórico. Quando visto a partir da rua Cel. Alexandrino, o perfil toma uma feição totalmente horizontal pela ausência de edificações que não sejam térreas.

Esta é uma das quadras com maior quantidade de construções mal conservadas, que são em número de quatro. Há também uma ruína, mas ainda assim o grau de conservação é considerado bastante satisfatório, com um predomínio de casas conservadas e semi-conservadas em ambos os lados.

Na rua Cel. Alexanzito as edificações originais e caracterizadas ocupam quase totalmente a quadra que, com exceção da única casa descaracterizada (nº999), manteve-se praticamente inalterada nos últimos anos. Na rua Cel. Alexandrino o quadro é outro: há o predomínio das edificações descaracterizadas, em número de cinco, sobre as duas originais e as duas caracterizadas. As duas construções originais, que se situam deste lado da quadra são das mais antigas, deixam perceber isto pelos vãos em arco abatido e pelo o uso do beiral com cimalha, ambos elementos típicos da arquitetura colonial.

Quadra 17

Apenas uma única edificação foi tombada nesta quadra, a de nº1125. As demais compõem sua área de entorno. Foram aqui, portanto, analisados somente os lotes vizinhos a esta construção e que junto a ela formam o perfil do quarteirão pela rua Cel. Alexanzito.

O parcelamento do solo obedece às normas de divisão definidas pela Carta Régia. São estreitos e compridos como os demais, à exceção do lote vazio do quarteirão, um terreno de esquina razoavelmente largo, cuja função atual é guardar uma alta torre de telefonia celular.

As edificações abrigam o uso residencial e são térreas em sua maioria, exceto duas casas de dois pavimentos (n°1151 e a n°1177) e o vazio urbano.

O grau de conservação é bom, dividem-se as edificações em conservadas e semi conservadas.

Há somente duas casas originais nesta quadra, a de n°1125 e a de n°1159. O restante é composto por: duas caracterizadas (n°1165 e n°1173), uma descaracterizada (n°1177) e três conflitantes (n°1145, n°1151 e a de n°1191).

Não há qualquer tipologia de fachada predominante. Elas se distribuem em: tipo A (n°1145), tipo B (n°1125 e n°1177), tipo C (n°1173), tipo F (n°1159 e n°1165) e Outras (n°1151 e n°1191).

Quadra 18

Esta quadra, situada entre as ruas Cel. Alexandrino e Cel. Pompeu, possui duas das edificações mais antigas que foram incluídas à área de tombamento, as de n°750 e de n°746. São elas casas vizinhas, térreas e originais, que se localizam na esquina quase defronte à igreja de N. Sra. dos Prazeres na rua Cel. Pompeu.

Essas duas construções evidenciam em suas fachadas de aparência desgastada, traços de uma arquitetura colonial que se desenha, principalmente, nos vãos em arco abatido e nos beirais.

As outras edificações avaliadas neste lado do quarteirão não foram incorporadas à área de proteção rigorosa, constituem o

entorno e são fundamentais na composição do perfil em que se inserem as construções de maior interesse, por isso também foram analisadas.

O parcelamento já está bastante descaracterizado em alguns pontos, nas edificações tombadas os lotes estreitos são quase que totalmente ocupados e chegam ao meio da quadra.

O uso predominante é o residencial com um número de seis moradias. Aqui dividem elas espaço com uma edificação que abriga função mista, outra de serviços, uma desocupada, uma comercial, um vazio e uma institucional.

A fachada predominante é a do tipo A, seguida pelas de classificação "Outros". Há apenas duas do tipo B.

O perfil pelo lado da rua Cel. Pompeu se divide em um trecho mais térreo e horizontal (n°750 à vizinha ao n°730) e outro mais elevado, composto por edificações de dois pavimentos, que não chega, entretanto, a traçar alturas de grande verticalidade.

Três das onze edificações analisadas se encontram mal conservadas. As outras estão em bom estado de conservação.

Quanto aos graus de caracterização, são somente duas as construções originais que, quando juntas às caracterizadas, equivalem à metade das casas da quadra. A outra metade é composta por edificações descaracterizadas e conflitantes.

Quadra 19

Esta quadra, é totalmente ocupada pelos dois mercados, o novo e o velho. Ambos são edificações que servem ao uso comercial.

O mercado velho é uma construção térrea e original, cuja planta se desenha na periferia de dois pátios internos. A fachada tipo B, é composta por muitos vãos em arco ogival que se abrem para o exterior e geram um ritmo. Há a marcação de uma entrada principal que se abre para a rua Cel. Pompeu e que é detectada por ser uma abertura mais alta e larga de contornos mais elaborados.

Numa primeira observação, acha-se que os dois mercados são uma única edificação. Entretanto, o mercado novo se constitui em edificação descaracterizada surgida em épocas posteriores e que de certa forma inibe uma leitura de plena originalidade.

As funções desenvolvidas no interior destas edificações avançam sobre as calçadas e vias do entorno sob a forma da feira livre o que gera um maior fluxo de pessoas nesta área.

Quadra 20

A antiga Fábrica Santa Teresa é a construção de grande porte que ocupa toda esta quadra que se situa quase defronte à Igreja Matriz.

Em tempos passados a fábrica serviu ao beneficiamento do algodão. Hoje está totalmente subdividida e abriga várias lojas, servindo, portanto, ao uso comercial.

Apesar de não ter dois pavimentos, esta construção possui um grande pé direito, constituindo-se em uma das mais altas da área.

Sua cobertura é tipicamente fabril, compõe-se de ondulações formadas por seis elevações em duas águas que atualmente estão recobertas por telhas metálicas, elementos que acabam contribuindo para a descaracterização do edifício.

Algumas das casas comerciais que formam a construção atual estão relativamente bem conservadas. Entretanto, ela como um todo está bastante desgastada e descaracterizada.

Externamente, a edificação fornece os indícios do que era no passado, o que garante uma maior facilidade à tentativa de sua recuperação e adaptação a um uso mais condizente com a sua estrutura original.

Quadra 21

Esta quadra abriga a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, marco inicial da cidade, edificada em 1785. Vale lembrar que neste mesmo local, em 1714, já havia sido construída uma capela de taipa, coberta de palha, sob a mesma invocação.

A implantação da igreja, que tem à frente um grande largo (que no passado se estendia até à sua esquerda, onde hoje se localiza o INSS) e situada na extremidade da rua Coronel Pompeu, é bastante feliz, pois dá o destaque merecido a esta edificação de valor ímpar, um dos cartões postais de Aracati.

Representante de uma arquitetura “barroca sertaneja”, ela apresenta singelos elementos de fachada que se evidenciam pelo “frontispício que compõe-se de um setor central, ladeado por dois outros, um dos quais recebe uma torre que termina em bulbo, e outro que tem cobertura em discreta cúpula. No vão central repousa um frontão triangular, contornado por frisos em curvas côncavas e convexas. A maioria dos vãos tem arco abatido”¹⁷.

Devido à sua importância enquanto bem isolado, de inestimável valor histórico e arquitetônico, foi tombada pelo IPHAN bem antes da cidade ter seu núcleo histórico recebido também uma proteção federal.

No âmbito do urbano, a igreja funciona como marco visual que situa e dá referência. Sua torre, como um dos elementos mais verticais dentro da área, é avistada de quase todos os pontos da cidade. O Largo à sua frente funciona como forte articulação que dá acesso às estradas que seguem no rumo das praias.

Um cuidado maior de como se construir em seu entorno deve ser ressaltado. Sendo esta edificação das mais importantes, as novas construções que venham a surgir devem não só preservar as suas visuais como tomarem formas que não causem impacto, ou seja, devem ser discretas e guardar um devido respeito arquitetônico a este bem que deve ser o destaque.

¹⁷ Cf. IPHAN-4^a SR: Estudo de Tombamento Federal - Aracati-CE. Fortaleza, 1998

Alguns exemplos do que não deve ser feito já estão constituídos na área sob a forma do INSS e do Centro de Artesanato que se situa atrás da Matriz.

Quadra 22

Nesta quadra, a edificação que sem dúvida se sobressai e desperta maior interesse é a atual Secretaria de Cultura, antiga residência da família Leite Barbosa, tendo sido, portanto, a única escolhida no quarteirão para pertencer à área de proteção rigorosa.

A análise das edificações vizinhas a ela, entretanto, é de extrema importância, pois falam do perfil e dão uma noção do contexto na qual está inserida. Juntas elas criam uma linguagem para este lado da quadra.

Foram, portanto cinco os lotes analisados. Voltam-se eles para a rua Coronel Pompeu, exceção feita à Secretaria de Cultura que tem a fachada principal a se abrir para o Largo da Matriz.

O parcelamento do solo aqui se apresenta diferenciado. Sendo os lotes mais largos, demonstram ser de épocas mais recentes, quando já não mais existia uma obrigatoriedade em seguir os padrões coloniais cujo desenho era estreito e comprido.

A horizontalidade é dominante, há somente uma edificação com dois pavimentos neste lado da quadra, a Secretaria de Cultura. As demais são térreas.

Chama a atenção, entretanto, uma edificação também de dois andares, recentemente construída que, sem a menor sensibilidade, implantou-se na testada do terreno que se abre para o outro lado do quarteirão, na rua Agapito dos Santos, e se cola à fachada de fundo da Secretaria de Cultura, dando a impressão de ser um apêndice posterior desta casa interferindo, parcialmente, na sua leitura.

A maioria das construções não tem recuos, exceto a Secretaria de Cultura que os possui nas suas laterais, um dos quais se abre para a rua Coronel Pompeu sob a forma do que antes deveria ter sido um jardim.

O uso predominante é o comercial.

A tipologia das edificações que mais surge é a "Outros" o que deixa implícito ser esta quadra bastante descaracterizada. A única edificação original é a Secretaria de Cultura, que é um exemplar de arquitetura eclética.

Quanto aos graus de conservação, das cinco casas analisadas, três estão conservadas, uma mal conservada e outra arruinada.

Quadra 23

Aqui está implantada a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, edificação construída provavelmente no final do século XVIII.

Possui ela uma aparência maciça, de proporções avantajadas e poucos vãos abertos na fachada principal. Provavelmente

sofreu alterações no século passado, quando foram introduzidos alguns elementos neoclássicos.

Tendo endereço na rua Coronel Pompeu, esta construção é um marco que direciona o indivíduo em seus percursos pelo centro histórico.

Nas suas proximidades, do lado direito de quem a olha de frente, está a Quadra 24, onde se implanta a Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres e à sua esquerda uma quadra bastante descaracterizada, mas que não possui qualquer edificação que chegue a interferir na sua ambiência.

Quadra 24

Quando analisada a partir da rua Coronel Pompeu esta quadra se compõe por cinco edificações.

O parcelamento no qual se percebem lotes estreitos e compridos se manifesta somente nos números: 653, 655 e 665; o restante é ocupado pelo Colégio da Salesianas, edificação conflitante que ocupa quase todo o quarteirão, e pela Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres.

Possui usos que variam entre o institucional (nº653), o residencial (nº655 e nº665), o educacional (Colégio das Salesianas) e o religioso (Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres).

As tipologias de fachada se dividem em: tipo A (nº655 e nº665), tipo B (nº653 e Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres) e tipo D (Colégio das Salesianas).

São duas as edificações originais desta quadra, ambas situadas nas suas extremidades, uma das quais é a Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres. A única construção conflitante, o Colégio das Salesianas, apesar de ser vizinha à igreja, não chega a corromper a sua leitura, pois é recuada da fachada principal da mesma. As demais casas são caracterizadas.

A praça defronte à Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres dá a ela uma distância que gera uma linguagem de destaque para esta construção monumental, marco na paisagem e que foi construída provavelmente no final do séc. XVIII ou início do XIX. Tem aspecto pesado e sua fachada principal lembra muito a da Igreja Matriz. As torres são baixas e os sinos estão situados quase na altura da cornija. Apresenta vãos em arco trilobulado nos setores laterais. Vista pela rua Coronel Alexandrino aparece solitária, pois a visão das demais casas é bloqueada pelas outras quadras.

Quanto ao grau de conservação, é muito bom, todas as edificações estão classificadas como conservadas.

Conclusão

Todo o estudo realizado, cujo produto primeiro foi a elaboração do diagnóstico servirá de embasamento para que agora sejam definidas diretrizes para o centro histórico de Aracati.

Estas diretrizes visam determinar encaminhamentos que possam vir a sanar ou amenizar alguns dos problemas detectados, bem como acentuar e promover o desenvolvimento das potencialidades da área.

As normas e critérios de intervenção, que dão título a este Trabalho Final de Graduação, constam como um destes itens e serão posteriormente detalhadas.

ESTUDIOS

RIO
JAGUARIBE





NORTE

QUADRAS ESTUDADAS

ESCALA GRÁFICA

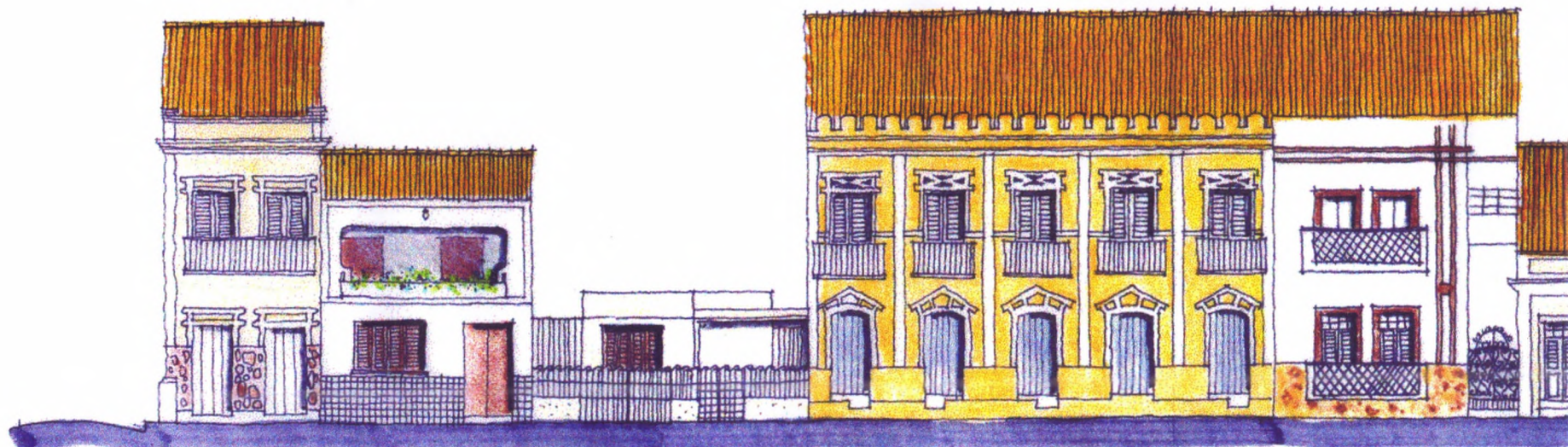


PERFIS DA RUA CORONEL ALEXANZITO



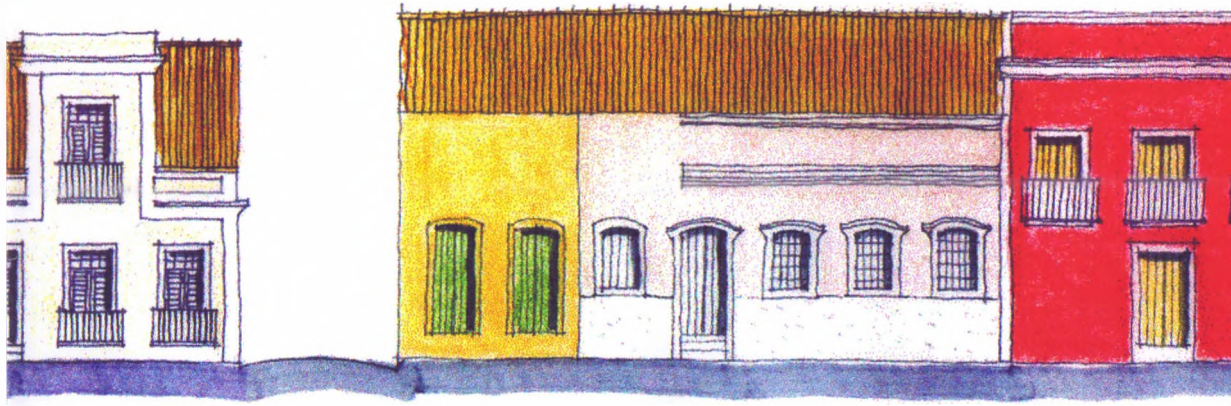


QUADRA 4



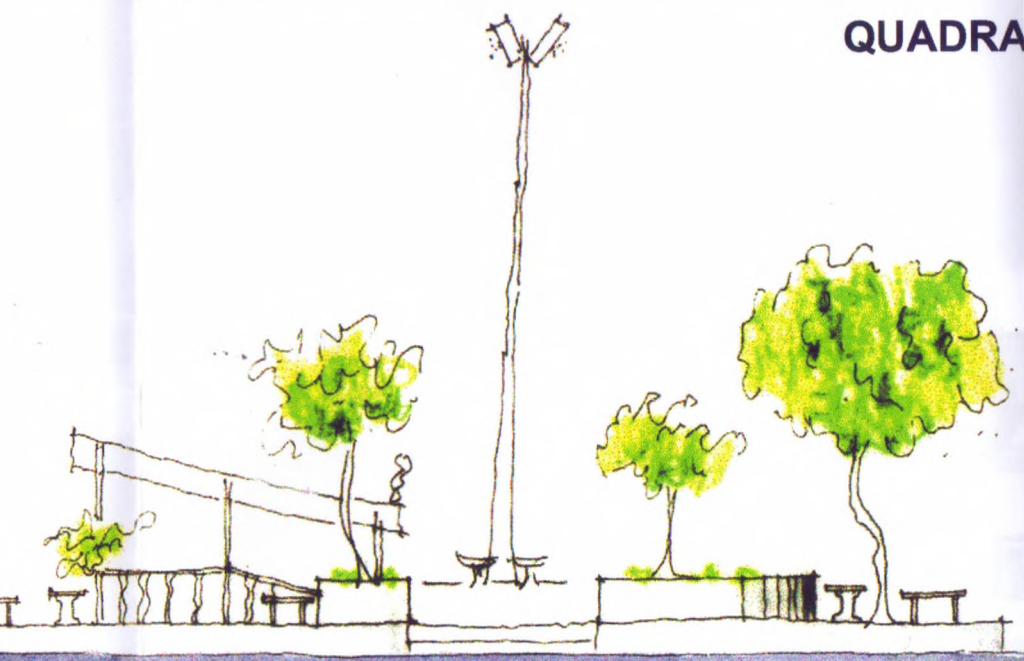
QUADRA 2





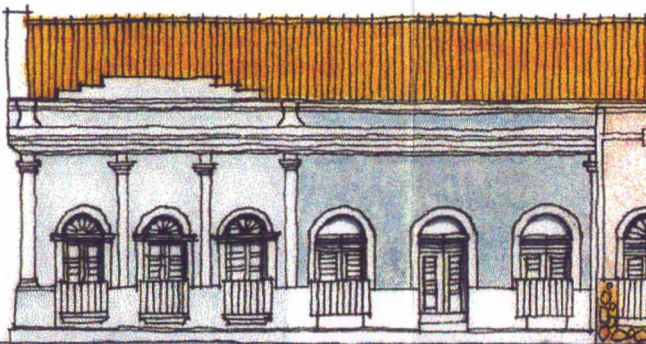


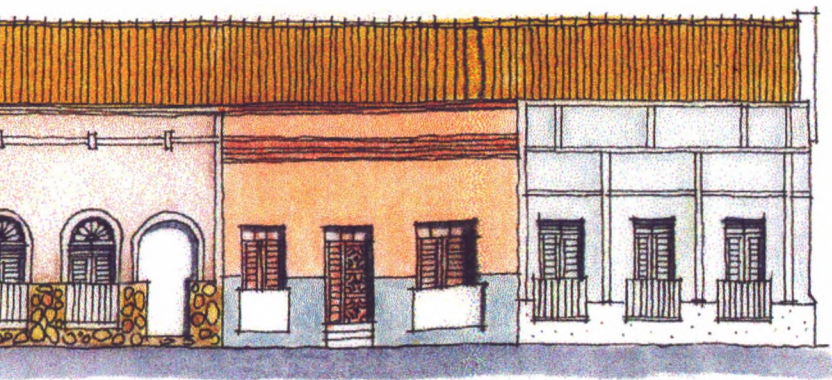
QUADRA



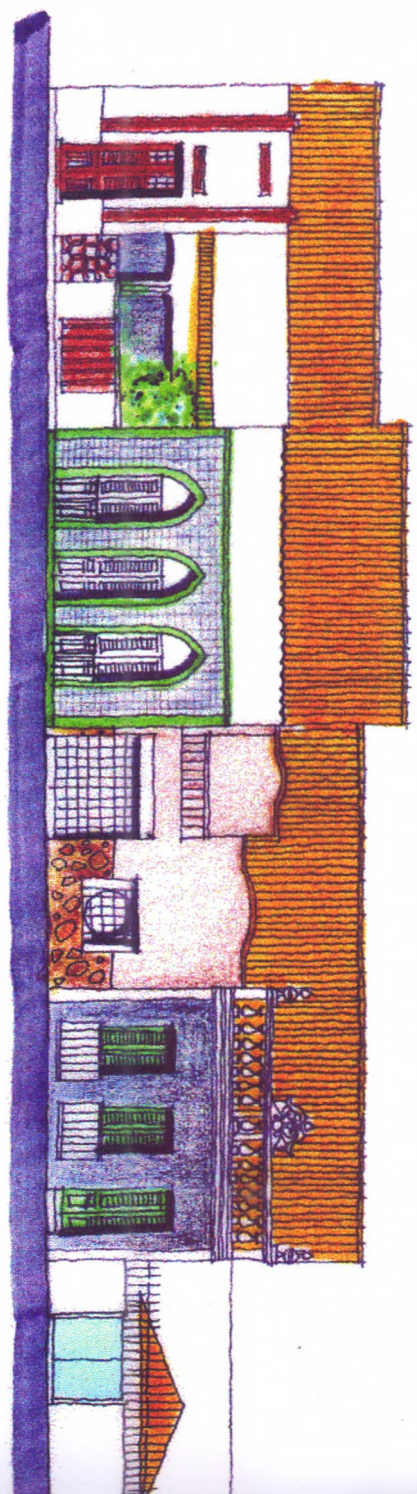
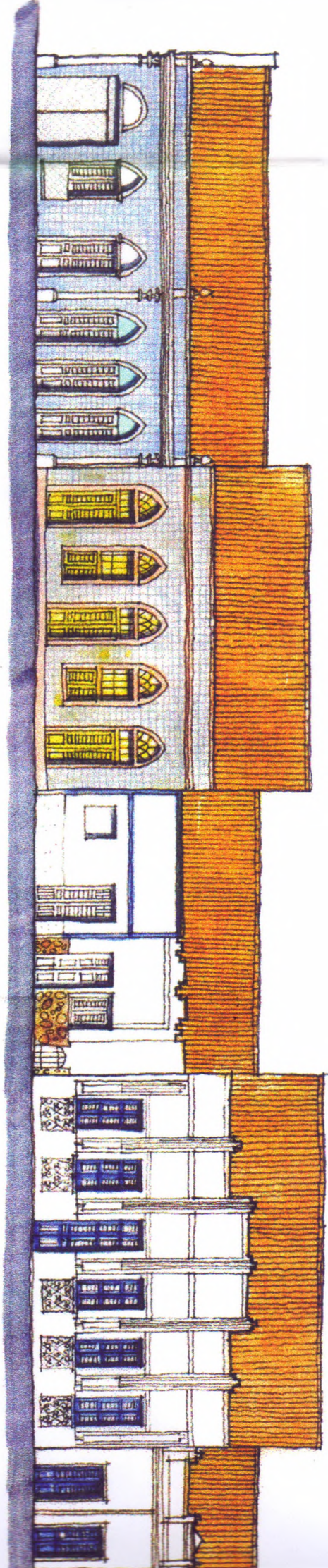


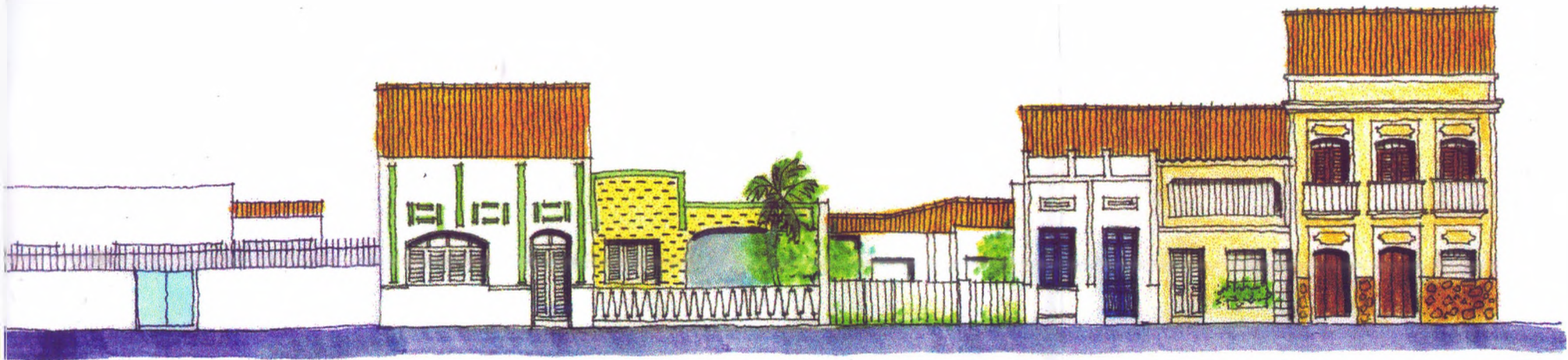
A 1



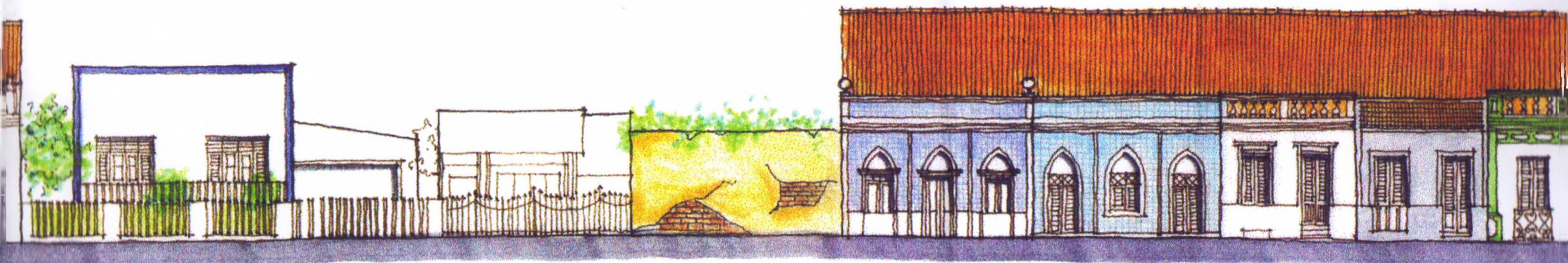


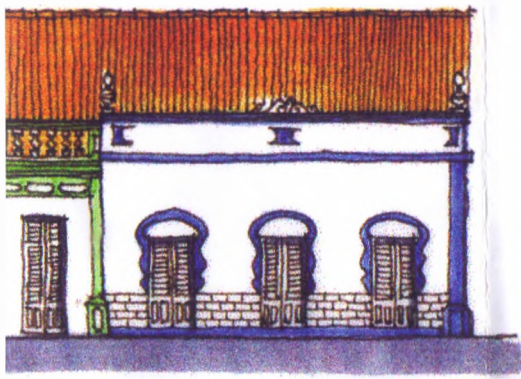
QUADRA 3





QUADRA 5

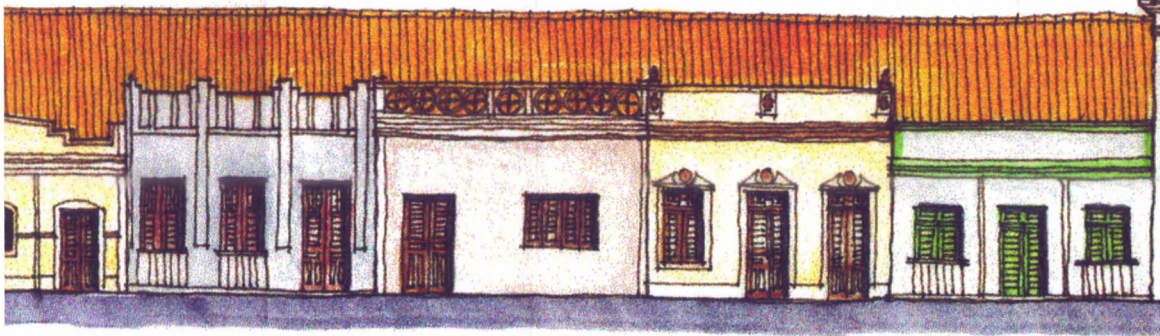




QUADRA 6



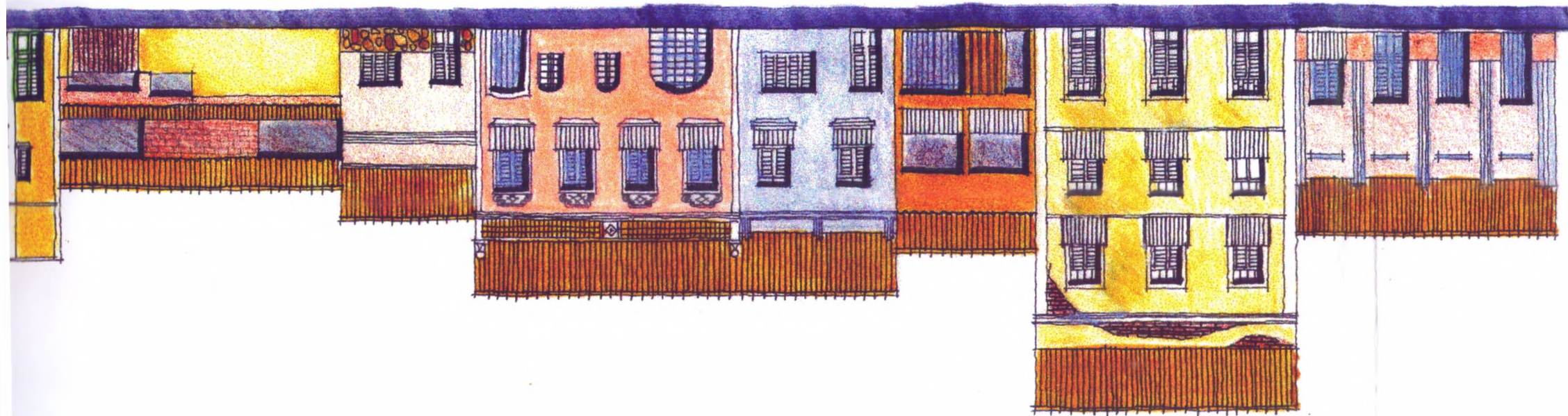
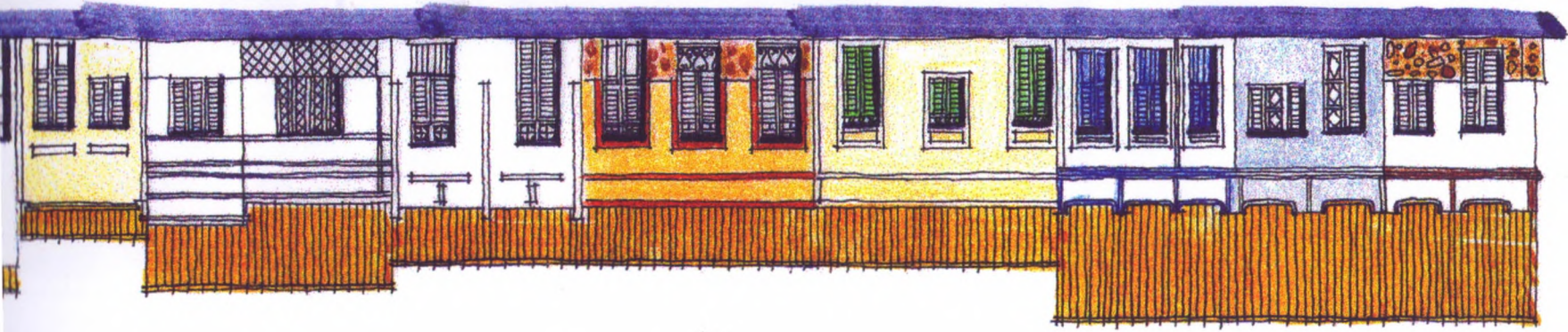




QUADRA 10

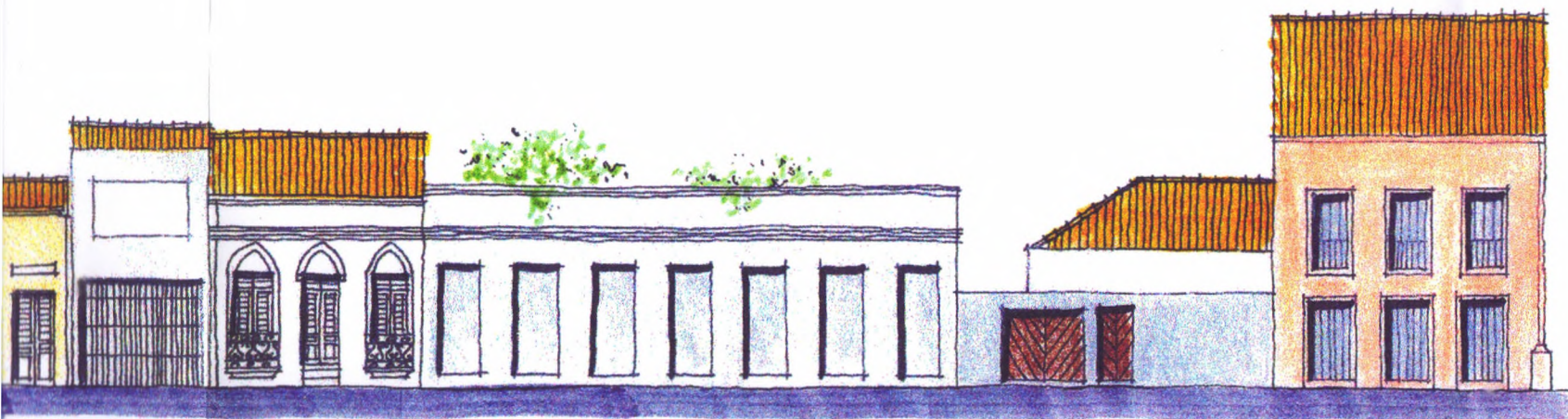


QUADRA

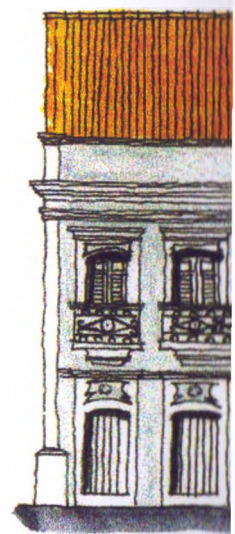


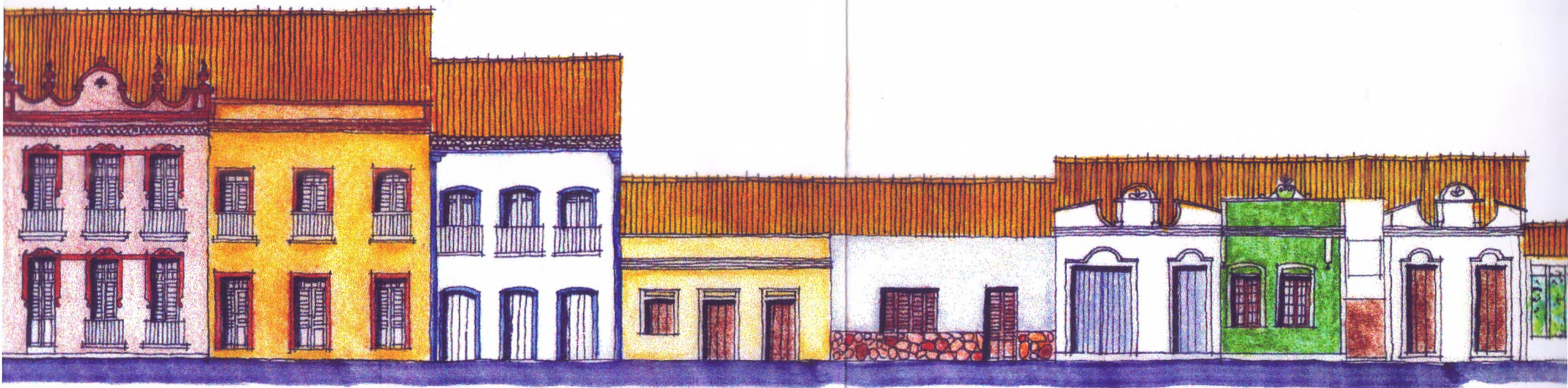


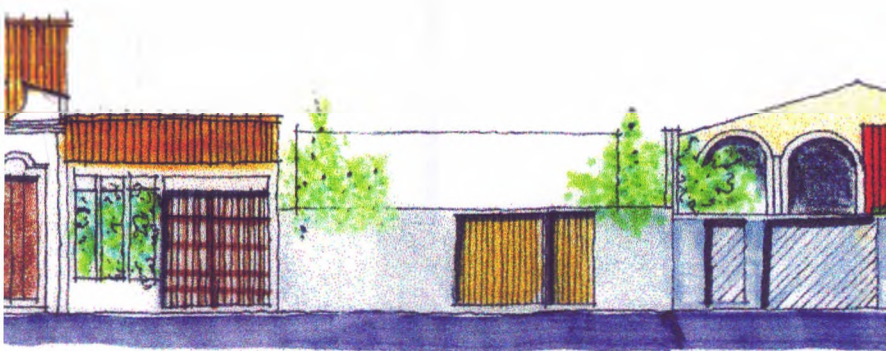
QUADRA 11



QUADRA 12

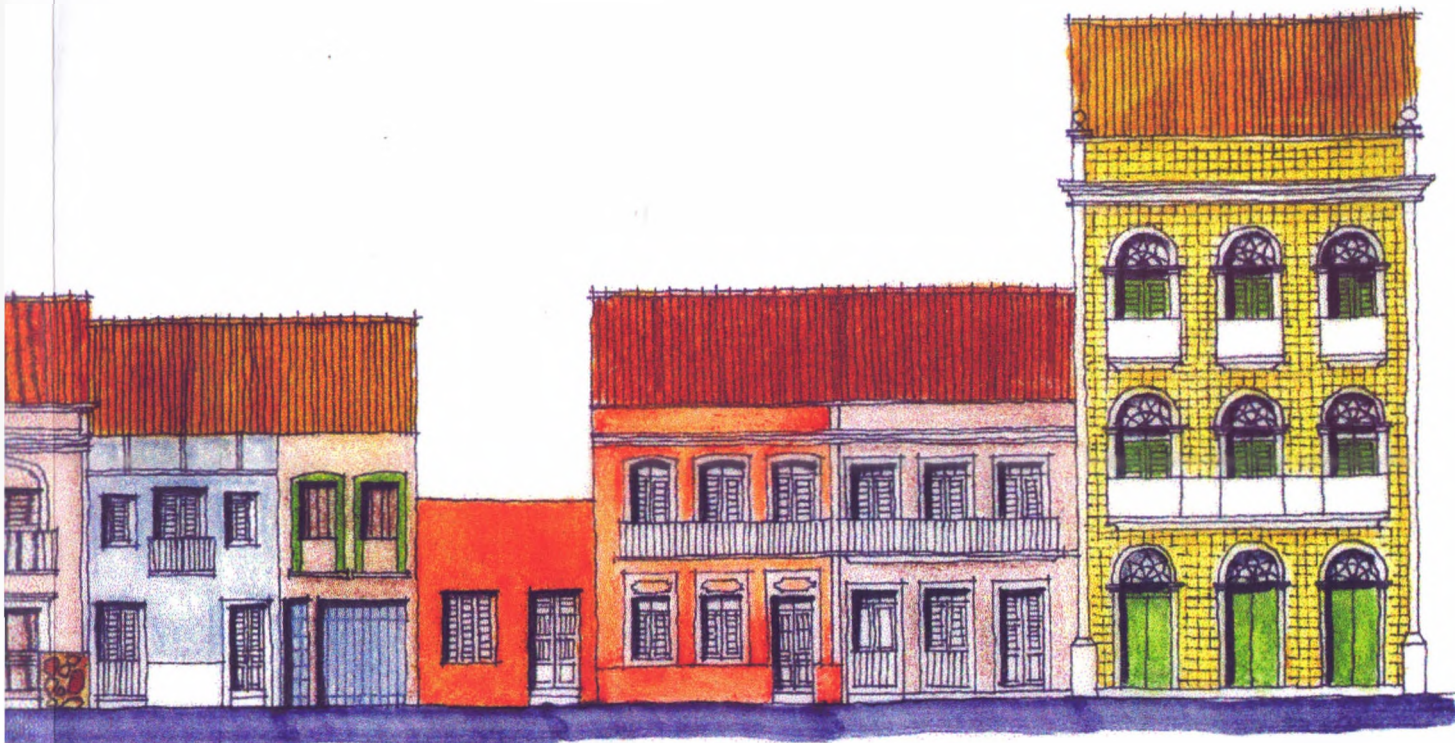






QUADRA 14

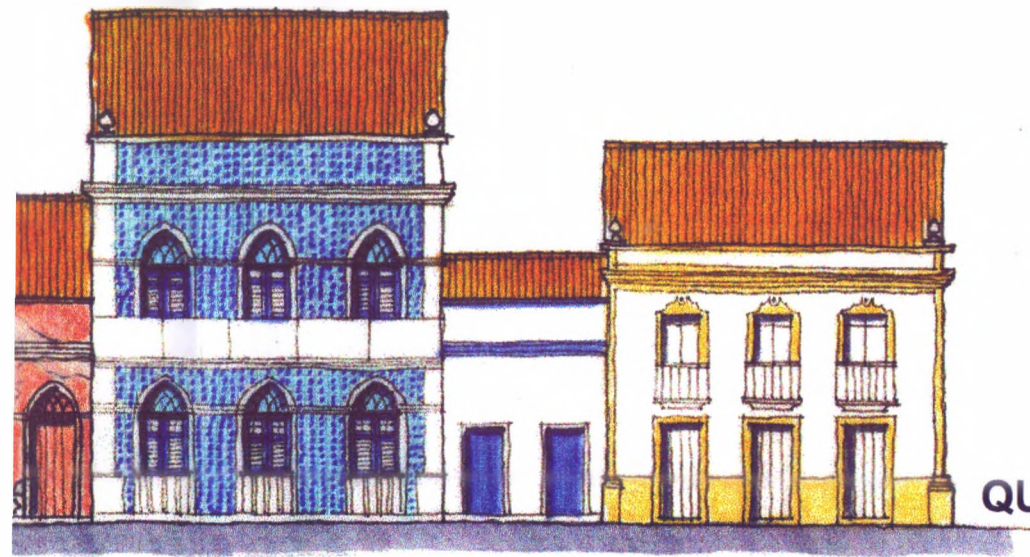




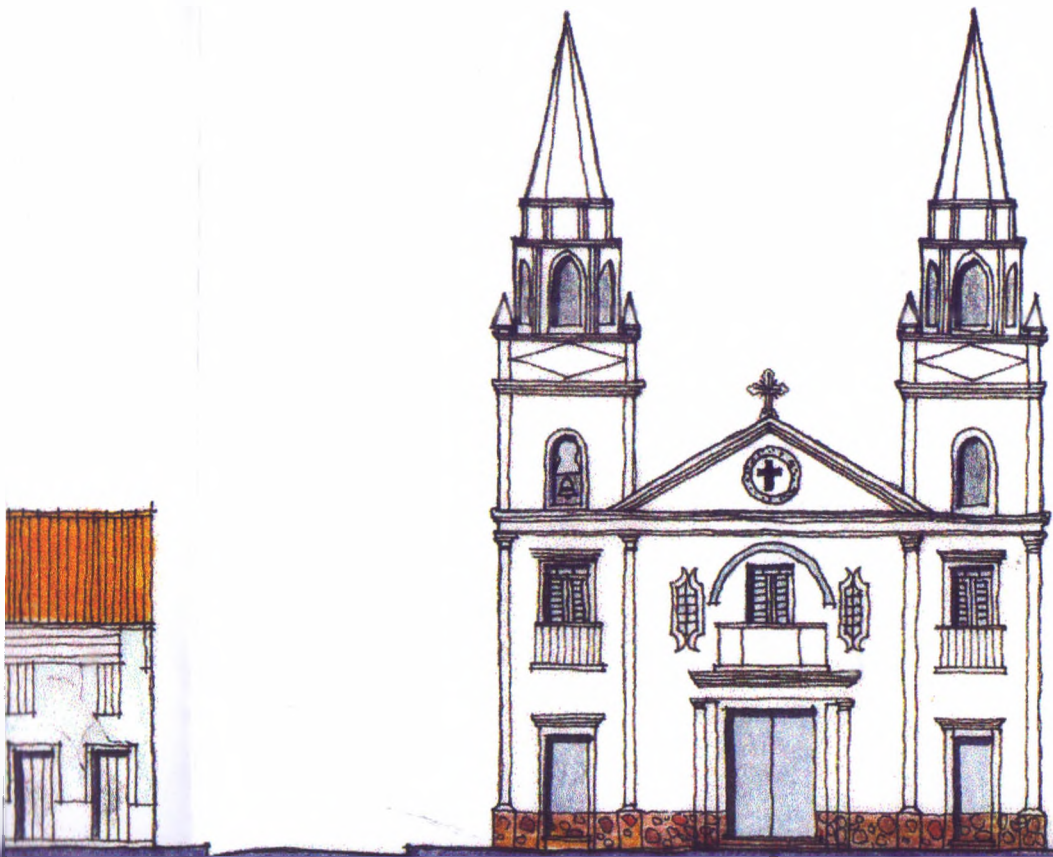
QUADRA 13



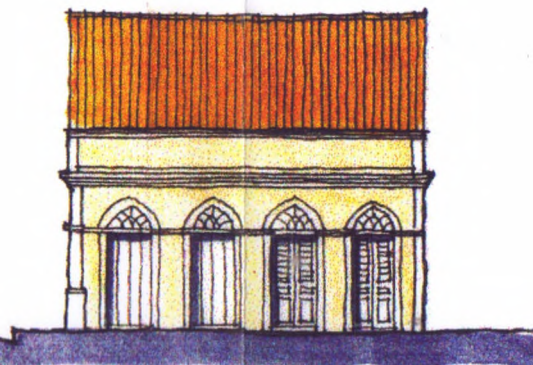




QUADRA 15



QUADRA 16



QUADRA 17





1998 10 10

1998 10 10

1998 10 10

1998 10 10

1998 10 10

1998 10 10

1998 10 10

1998 10 10

1998 10 10

1998 10 10

1998 10 10

1998 10 10

1998 10 10

1998 10 10

1998 10 10

1998 10 10

1998 10 10

1998 10 10

1998 10 10

1998 10 10

1998 10 10

13. DIRETRIZES

DIRETRIZES

13.1. AS GARAGENS

Sugerimos a criação de garagens coletivas que deverão ser destinadas à guarda exclusiva de veículos que pertençam aos proprietários de casas localizadas na área de proteção rigorosa e que por sua situação dentro da quadra, bem como pela conformação do seu lote, não possuem condições de criar um cômodo para este fim sem promover a descaracterização da edificação.

Um estudo dos possíveis terrenos que possam vir a ser utilizados deverá ser feito. A triagem destes lotes levará em consideração, principalmente, a distância entre as residências, as garagens e o entorno.

A princípio, dois terrenos despontam como as melhores opções: ambos têm proporções razoáveis e, estando localizados nas quadras 1 e 10 da área de tombamento, não oferecem grandes percursos aos usuários; além disso eles se voltam para a rua Santos Dumont, corredor que já tem tradição na acolhida deste tipo de uso secundário.

Quanto à comodidade da solução, que induz a um pequeno deslocamento a pé, e que poderia vir a ser criticada por alguns, aqui se justifica pela interação mais direta do indivíduo com o espaço urbano, através do ato de caminhar, perdido pelo homem moderno acostumado à vida sedentária.

13.2. O CARNAVAL

Evento que traz vantagens e desvantagens para a cidade, o Carnaval gera questionamentos. É certo que ele movimentava uma boa parte da economia do Município, apesar de acontecer somente em um curto período do ano. Entretanto, nos moldes em que se apresenta atualmente, ou seja, utilizando trios elétricos e sendo realizado na rua Coronel Alexanzito, promove grave deterioração na estrutura das edificações de valor histórico. Faz-se, portanto, necessário e essencial que seja repensado um novo percurso. Opções devem ser, então, propostas e posteriormente votadas pela população que elegerá a que mais lhe convier e, independente da escolha que se faça, deverá ser previsto um plano estratégico que abranja, principalmente, circulações, infra-estrutura e acessibilidade.

Fica a sugestão de que se analise, também, a possibilidade de remodelação na estrutura dos festejos, e da adoção de uma postura semelhante à utilizada no centro histórico de Olinda. Caso seja constatada a viabilidade deste feito, que a utilização dos trios elétricos fique, então, preferencialmente, restrita a um circuito cujo principal eixo seria a rua Coronel Pompeu e que o carnaval tradicional se faça na rua Coronel Alexanzito. Novamente é preciso enfatizar aqui que a participação popular é de suma importância em todo processo decisório.

13.3. AS NORMAS E CRITÉRIOS DE INTERVENÇÃO

As constantes dúvidas dos proprietários de edificações de valor histórico, inseridas na recente área tombada, são referentes, principalmente, às obras e intervenções que podem ou não ser feitas em seus prédios.

De modo a esclarecer e nortear de forma específica cada morador quanto às posturas a serem por ele adotadas, é que se determina a necessidade da elaboração de normas e critérios de intervenção para o centro histórico de Aracati.

Esta legislação forneceria, então, informações que abordem tópicos tais como: gabaritos, recuos, parcelamento e uso do solo, cores e revestimentos, ritmos de abertura de vãos, comunicação visual, volumetria das edificações, etc. Enfim, uma gama de propostas e respostas seriam dadas a partir do perfil de cada quadra objetivando com isto, preencher as lacunas deixadas pela Legislação Municipal vigente.

13.4. O TURISMO

A atividade turística já vem sendo desenvolvido a um certo tempo em Aracati. Entretanto, resume-se ~~esta~~ às praias e ao Carnaval. Hoje, já se vislumbra a ampliação deste quadro para um turismo cultural que incluirá o centro histórico em seus roteiros. É preciso, portanto:

-
- Capacitar a população local para que seja absorvida como mão-de-obra pelo mercado de trabalho que certamente irá se desenvolver;
 - Criar equipamentos de suporte dentro do centro histórico tais como: hotéis, restaurantes e um comércio mais voltado para o turista.
 - Implantar um plano de requalificação das edificações do centro histórico nos moldes do Monumenta-BID.

13.5. A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Todo o processo de degradação que vem acontecendo nos últimos anos no centro histórico de Aracati tem como um dos principais responsáveis a falta de (re)conhecimento do que é, e como se constitui patrimônio histórico e cultural do Município. Isto, conseqüentemente, promove sua desvalorização por parte não só dos proprietários de edificações mas também da população como um todo.

A educação patrimonial se faz, portanto, essencial para que se desenvolva a consciência de preservação. A abordagem neste sentido deve ser dada de forma abrangente, buscando atingir não só as diversas camadas sociais do Município, como também os visitantes da cidade. Determina-se, para se conquistar esta meta, que:

- Nas escolas locais, este tema seja incluído no currículo associado à disciplina de História;
-

-
- Palestras e seminários elucidativos sejam organizados periodicamente para a população;
 - Campanhas publicitárias veiculadas por todos os meios de comunicação de massa sejam realizadas;
 - Publicações especiais relativas ao sítio histórico e à sua preservação (cartilhas, roteiros, etc.) sejam confeccionadas e distribuídas à população para seu esclarecimento.

13.6. SISTEMA VIÁRIO

i. PAVIMENTAÇÃO

Um dos elementos que ajudam a compor a ambiência carregada de originalidade dos centros históricos está sob os pés de quem caminha. A pavimentação, ou a ausência dela, fala do passado e de como se configuravam as vias públicas. O asfalto, que surgiu com o automóvel, quando aplicado nestes logradouros, promove a sua descaracterização. Em Aracati, duas das ruas principais, a Coronel Alexandrino e a Coronel Pompeu e, ainda, a rua Dragão do Mar (trecho do Largo da Matriz) receberam, de maneira parcial ou total, este tipo de revestimento que tira o seu aspecto original, mas que ao mesmo tempo facilita a identificação delas dentre as demais que são calçamentadas. Entretanto, este dado de identidade não se apresenta suficientemente positivo para que não se recomende a retirada desta pavimentação e a conseqüente recuperação do calçamento. Quanto às ruas Santos Dumont e

Coronel Alexanzito suas pavimentações devem ser mantidas inalteradas.

ii. O DIQUE (AV. BEIRA-RIO)

Construído após a cheia de 1985 para que futuros alagamentos da cidade fossem evitados, o dique que contorna o rio Jaguaribe se apresenta como um grande potencial dentro da área. O seu prolongamento e transformação em via paisagística seria fundamental para a valorização desta faixa da cidade que é atualmente sub utilizada.

13.7. O RIO

Determinante para a formação e localização da cidade, o rio Jaguaribe é o elemento de maior destaque dentro da área. Entretanto, um obstáculo se interpõe para o seu pleno aproveitamento, que é a segregação entre ele e o centro histórico. A cidade lhe dá as costas, e as suas visuais estão totalmente comprometidas, assim como os seus acessos, que são inadequados e pouco valorizados. Este quadro desfavorável, aqui apresentado, agravou-se com a construção do dique. É preciso, portanto, abrir caminho para que se promova uma integração entre estes espaços. Assim o estudo visando a escolha de trechos de ligação que abram uma comunicação deve ser feito.

Recomenda-se, ainda, uma urbanização voltada ao lazer da população, para a qual sejam pensados equipamentos e pista para caminhada e *cooper*, pontos destinados a apreciação da

paisagem, bem como píeres para o embarque e desembarque de barcos de passeio.

13.8. A VEGETAÇÃO

Num clima como o nosso, os espaços sombreados são fundamentais para a criação, durante o dia, de áreas públicas de permanência. No centro histórico de Aracati, como já foi dito anteriormente, há a quase ausência de arborização urbana. Três das quatro vias principais possuem canteiros (rua Santos Dumont, rua Coronel Alexanzito e rua Coronel Pompeu) dois dos quais são centrais (rua Coronel Alexanzito e rua Coronel Pompeu), que se apresentam insuficientes para suprir a carência de sombra. As praças, pelo mesmo motivo, comportam-se como locais de passagem. É necessário, portanto, que se faça um estudo para o plantio estratégico de novas mudas, guardado-se especial cuidado na escolha das espécimes que deverão ser adequadas para que se evite a perda de visuais importantes.

Esta vegetação poderá ser ainda utilizada para disfarçar elementos construtivos dissonantes dentro da composição da paisagem e para compor efeitos que ressaltem ângulos e perspectivas.

Na rua Coronel Pompeu, cujo canteiro central arborizado corrompe a mais bela perspectiva da área, tirando quase que totalmente a visual da Igreja Matriz, surge a necessidade de uma aplicação do que foi recomendado acima. Sugere-se, então, que as árvores sejam replantadas nas faixas laterais da pista. Esta nova localização teria tripla finalidade: marcar ainda

mais a linha da perspectiva, manter o sombreamento e amenizar os efeitos da poluição visual gerada pelos luxalons, placas e toldos das casas comerciais, edificações em sua maioria bastante descaracterizadas.

Quanto à rua Coronel Alexanzito, que também possui uma arborização centralizada que tira parcialmente a visão do casario, deve permanecer tal como se encontra hoje, pois esta questão se apresenta menos relevante do que o contraponto positivo que é amenização do microclima por ela gerada.

Deve-se ainda estudar um novo paisagismo para as praças de modo que se transformem em ilhas sombreadas a atrair a população à permanência.

13.9. OS ESPAÇOS PÚBLICOS: PRAÇAS

Em Aracati, a carência destes equipamentos não se refere à quantidade, pois esta é bastante razoável, mas sim, à sua qualidade. Tanto o seu mobiliário como o seu paisagismo se mostram inadequados, pouco favorecendo a sua utilização. Apresentam-se, portanto, as praças como potenciais que podem vir, a partir de uma remodelação, a se transformar e passar a assumir seu papel fundamental que é ser opção de lazer, local onde as pessoas venham a se encontrar e trocar idéias, bem como manifestar em ato público sua cultura e seu civismo. Enfim, todas as praças que se encontram dentro do centro histórico (Praça Dr. Leite, Praça dos Prazeres e Praça da Independência) devem passar por um processo de

avaliação e posterior criação de projetos paisagísticos que estejam de acordo com os aspectos particulares de cada uma.

A Cruz das Almas, apesar de não estar incluída na área de proteção rigorosa merece especial atenção por ter sido a partir dela que a cidade começou a se expandir. Hoje esta praça se encontra totalmente descaracterizada e seu tamanho que antes correspondia a três quadras foi bastante reduzido. O visitante mal informado passa por ela sem olhá-la duas vezes, pois seu aspecto é realmente de decadência. Este quadro revela uma total incoerência para com o seu *status*. Recomenda-se que ela passe por um processo similar ao das outras praças que a requalifique enquanto espaço público de relevante valor histórico.

13.10. COMUNICAÇÃO VISUAL

Alguns trechos do centro, localizados, principalmente, nas ruas Coronel Alexandrino e Coronel Pompeu, não inseridos pela poligonal de tombamento, mas que constituem o seu entorno, estão deveras poluídos visualmente pelas inúmeras placas e toldos que compõem as fachadas das suas edificações, quase todas pontos comerciais. Faz-se preciso uma avaliação e recuperação ou redesenho dessas fachadas, bem como a colocação estudada das propagandas e nomes dos estabelecimentos para que estes não venham competir entre si nem com a arquitetura do lugar. Com isto, pretende-se a criação de um conjunto mais harmonioso.

O estudo de uma comunicação visual com a disposição estratégica de placas informativas e de sinalização e mapas

que sirvam à orientação dos visitantes também se faz necessário.

13.11. USO DO SOLO

- A fábrica Santa Teresa, local que servia ao beneficiamento do algodão, possui estrutura e porte que deixam claro o seu uso no passado. Apesar de descaracterizadas, suas fachadas ainda deixam evidentes os traços originais - o que facilitaria uma possível recuperação. Recomenda-se, portanto, que esta edificação seja desapropriada e posteriormente restaurada e que um novo uso, público e voltado para fins culturais, seja nela implantado.
- As ocupações irregulares situadas próximas ao rio, em uma área de risco sujeita a alagamentos, devem ser remanejadas para locais apropriados, onde previamente deverão ter sido projetadas e construídas moradias coletivas de caráter popular.

13.12. ILUMINAÇÃO

A iluminação merece especial atenção em se tratando de áreas históricas, pois se não bem projetada pode promover a descaracterização mesmo que parcial dos logradouros públicos. A falta deste tipo de cuidado é detectada atualmente no centro histórico Aracati. Logo, o estudo de uma iluminação, com postes de desenho mais adequado e a utilização de fios subterrâneos para as vias e praças, faz-se necessário.

Uma iluminação cênica que ressalte a beleza e as características das edificações de interesse tais como as igrejas e a Casa de Câmara e Cadeia também é aqui proposta.

DE INTT



14. NORMAS E CRITÉRIOS DE INTERVENÇÃO

NORMAS E CRITÉRIOS DE INTERVENÇÃO

1.4.1. RECOMENDAÇÕES ESPECÍFICAS

No centro histórico de Aracati as diferentes tipologias das edificações remetem a distintas formas de intervir construtivamente.

O verbo construir, então, assumirá posturas diferenciadas frente à caracterização e ao grau de conservação de cada edifício, ora se constituindo em necessidade de manutenção, preservação, restauração e reconstrução (edificações de interesse, originais, caracterizadas e descaracterizadas), ora sendo de fato o erigir, o erguer o novo (vazios urbanos).

As diretrizes relativas às normas e critérios de intervenção serão, então, elaboradas levando em consideração especificidades e características vinculadas às tipologias das edificações tais como: implantações, volumetrias, cobertas, ritmos, fachadas, gabaritos, aberturas, revestimentos, cores, etc; e também os aspectos e as demandas referentes ao conjunto como um todo. Estas diretrizes regulamentarão, corrigirão e ordenarão toda e qualquer obra de construção ou de demolição que venha a ser feita na área, bem como a ocupação e o uso do solo, a instalação de engenhos publicitários, o mobiliário urbano, a iluminação, enfim, abordando todos os aspectos primordiais para que se promova a preservação e recuperação do patrimônio edificado e da sua ambiência.

Cada construção será analisada enquanto elemento isolado, sem, no entanto, deixar de ser considerada inserida no perfil da quadra, que é aqui abordada como a verdadeira unidade fundamental na composição do conjunto arquitetônico e elemento determinante da nova arquitetura.

Quanto aos espaços públicos, estes também receberão recomendações para que se requalifiquem e se tornem condizentes com as pretensões preservacionistas e desenvolvimentistas do trabalho.

O maior ou menor nível de originalidade e conservação irá determinar de que maneira se dará a intervenção em cada bem. Assim sendo, as edificações foram classificadas em: tradicionais (edificações de interesse, originais, caracterizadas e descaracterizadas), novas (vazios urbanos), conflitantes e ruínas. A cada uma dessas tipologias corresponderá um grau de intervenção que irá variar num intervalo de I a IV.

14.2. ALGUMAS DEFINIÇÕES

Antes de iniciar a explanação de fato, referente às diretrizes das normas e critérios de intervenção, faz-se necessário que sejam definidos alguns termos, retirados da "Carta de Burra", que facilitarão o entendimento das determinações expressas em cada grau de intervenção.

-
- o termo *bem* designará um local, uma zona, um edifício ou outra obra construída, ou um conjunto de edificações ou outras obras que possuam uma significação cultural, compreendidos, em cada caso, o conteúdo e o entorno a que pertence;
 - o termo *significação cultural* designará o valor estético, histórico, científico ou social de um bem para as gerações;
 - a *substância* será o conjunto de materiais que fisicamente constituem o bem;
 - o termo *conservação* designará os cuidados a serem dispensados a um bem para preservar-lhe as características que apresentem uma significação cultural. De acordo com as circunstâncias, a conservação *implicará ou não a preservação ou a restauração*, além da manutenção; ela poderá, igualmente, compreender obras mínimas de reconstrução ou adaptação que atendam às necessidades e exigências práticas;
 - o termo *manutenção* designará a proteção contínua da substância, do conteúdo e do entorno de um bem e não deve ser confundido com o termo *reparação*. A reparação implica a restauração e a reconstrução, e assim será considerada;

- a *preservação* será a manutenção no estado da substância de um bem e a desaceleração do processo pelo qual ele se degrada;
- a *restauração* será o restabelecimento da substância a um estado anterior conhecido;
- a *reconstrução* será o restabelecimento, com o máximo de exatidão, de um estado anterior conhecido; ela se distingue pela introdução na substância existente de materiais diferentes, sejam novos ou antigos. A reconstrução não deve ser confundida, nem com recriação, nem com reconstituição hipotética, ambas excluídas do domínio regulamentado pelas presentes orientações.
- a *adaptação* será o agenciamento de um bem a uma nova destinação sem a destruição de sua significação cultural.

14.3. GRAUS DE INTERVENÇÃO

Seção I – Grau de Intervenção I

Este grau de intervenção é destinado às edificações aqui chamadas tradicionais, ou seja, àquelas que mantêm com maior ou menor intensidade a originalidade das características arquitetônicas anteriormente destacadas (ausência de recuos, vãos verticalizados, volumetria que tende à horizontalidade, cobertas em duas águas, etc.). Estas construções agrupam numa só classificação os edifícios de interesse, originais,

caracterizados e descaracterizados (ver conceitos e critérios), muito embora cada um deles receba as recomendações particularizadas que aqui se seguem:

QUANTO À VOLUMETRIA

- Nas edificações de interesse, não serão permitidas quaisquer modificações que deturpem, mesmo que parcialmente, a integridade da sua leitura espacial e construtiva. As obras que porventura venham a ser feitas deverão ter, portanto, natureza restauradora, preservadora ou de manutenção;
- Nas construções originais, serão terminantemente proibidas as modificações na sua volumetria. No que se refere aos seus espaços internos, serão autorizadas mediante a comprovação da sua extrema necessidade pelos órgãos competentes, que também serão responsáveis pela análise e aprovação do respectivo projeto arquitetônico. Quando a edificação já se encontrar internamente descaracterizada, a avaliação do projeto será feita com menor rigor e se permitirá uma maior flexibilidade à ação projetual;
- Nas edificações caracterizadas, devem-se manter inalteradas a suas volumetrias. Se forem detectadas modificações, recomenda-se a sua restauração. Internamente, serão permitidas as obras de adaptação sendo aqui repetidas as mesmas exigências, referentes a atividade projetual, aplicadas às construções originais;

- Nas edificações descaracterizadas, recomenda-se a manutenção das volumetrias, caso sejam originais. Obras de demolição ou anexação, só serão admitidas quando forem no sentido de resgatar a originalidade perdida. No caso de construções descaracterizadas apenas externamente, deverão ser aplicadas internamente as mesmas recomendações e exigências feitas às construções originais e caracterizadas. Quando todo o edifício estiver descaracterizado, internamente será dada total flexibilidade projetual;
- Será proibida a construção de reservatórios d'água, cujo volume se projete para além da coberta.

QUANTO À FACHADA

- Nas edificações de interesse e originais, deve-se manter a total integridade da fachada. Nenhuma das unidades compositivas deve ser alterada ou retirada. Salvo em caso de restauração, quando forem detectados, mediante prospecção, elementos mais antigos que apresentem uma maior relevância, e, portanto, devam ser evidenciados.
- Os vãos originais, devem se manter inalterados. As modificações, portanto, só serão admitidas quando se derem no sentido de restituir características originais perdidas;
- Nas edificações caracterizadas admite-se a retirada de elementos da fachada e a alteração na abertura e

disposição dos vãos quando estas modificações se derem no sentido da recomposição da fachada original;

- Nas edificações descaracterizadas, recomenda-se a reconstrução da fachada. Vale ressaltar, que esta postura só será admitida quando houver a posse de uma documentação que assegure a captação de dados de referência totalmente seguros, jamais podendo se estabelecer parâmetros baseados em hipóteses. Quando estas informações não forem obtidas, sugere-se que sejam feitas reformas que visem harmonizar estas construções com o restante do conjunto através do redesenho das suas fachadas;
- Os elementos de fachada (esquadrias, ornamentos ou gradis) que se mostrarem tão desgastados ao ponto de não serem passíveis de restauração, deverão ser substituídos por outros de desenho idêntico ou similar;

QUANTO ÀS DEMOLIÇÕES

- Nas edificações de interesse e originais, são vedadas as demolições. Salvo nos casos de restauração quando se derem no sentido de recuperar a originalidade ou evidenciar outros elementos arquitetônicos que se apresentem de maior relevância;
- Nas edificações caracterizadas são permitidas as demolições que visem à restituição da originalidade da construção;

- Nas edificações descaracterizadas são autorizadas as demolições parciais ou totais, desde que sejam estas para possibilitar uma plena adequação ao conjunto.

QUANTO ÀS COBERTAS

- A linha da cumeeira deve ser mantida inalterada, paralela a via.
- É permitida a substituição das estruturas da cobertura quando for constatada a impossibilidade de recuperação das mesmas. Será dada, neste caso, a liberdade de escolha quanto aos materiais a serem empregados, observados os desenhos próprios ao conjunto, que também são definidos neste capítulo.
- É vedada a utilização de outros materiais de cobertura que não sejam as telhas cerâmicas do tipo capa canal. Recomendando-se, portanto, uma substituição progressiva destes materiais incompatíveis:
- É proibida a alteração da inclinação original das cobertas.

Sugestão: A utilização da área destinada aos sótãos para a criação de novos pavimentos, possibilita um melhor aproveitamento do espaço interno ao mesmo tempo que exclui a necessidade de promover uma alteração na inclinação da cobertura. Esta solução arquitetônica é classificada como ideal. É, portanto, em se tratando dos projetos de reforma, postura preferencial a ser adotada.

QUANTO AOS REVESTIMENTOS E À PINTURA

- É vedada a retirada dos azulejos portugueses originais que revestem externamente algumas edificações do sítio histórico. Nas fachadas que hoje apresentam a falta de alguns destes elementos, recomendando-se a aposição de novas unidades pré-fabricadas idênticas às perdidas.
- É vedado o uso de azulejos novos nas novas e antigas edificações do sítio histórico que apresentam outro tipo de revestimento;
- É proibida a utilização de revestimentos cerâmicos contemporâneos nas fachadas. Nos edifícios que hoje já se revestem com este material, recomenda-se a sua retirada e substituição por pintura com tinta à base d'água;
- Os revestimentos em barra de pedra que, formando um embasamento dividem visualmente algumas das fachadas, bem como, em determinados casos, as revestem por inteiro. Recomenda-se a sua retirada e substituição por pintura adequada, com tinta à base d'água;
- *
107 • Deverão ser utilizadas tintas à base d'água sobre os rebocos;

QUANTO ÀS CORES

É vedada a utilização de cores que diferem daquelas utilizadas pelo conjunto, ou seja, que não se enquadrem na gama dos tons pastéis. Para tanto, será necessário um levantamento dos padrões de pintura dos paramentos e das esquadrias, mediante prospecção, de modo que sejam resgatados os pigmentos originais.

Seção II – Grau De Intervenção II

Este grau de intervenção deverá ser aplicado às novas edificações que surgirão no centro histórico, vindo a ocupar o lugar dos vazios urbanos que hoje existem.

QUANTO À VOLUMETRIA

- As novas edificações devem obedecer aos padrões volumétricos verificados no conjunto onde predomina uma linguagem horizontal.

QUANTO AOS GABARITOS

- O gabarito máximo das novas edificações deve ser equivalente à altura média verificada na quadra em que irá se implantar;
- Recomenda-se que a nova edificação adote, preferencialmente, os gabaritos das construções que anteriormente ocuparam o lote. Entretanto, esta postura só poderá ser adotada quando as antigas alturas puderem ser definidas com precisão;

-
- Na quadra e no entorno dos marcos (Igreja de N. Sra. do Rosário, Igreja do Rosário dos Pretos, Igreja de N. Sra. dos Prazeres, Casa de Câmara e Cadeia, Museu Jaguaribano etc.) o limite de altura será mais rígido, não sendo permitidos gabaritos que venham a competir com estes referenciais;
 - Será admitida a criação de desníveis no interior dos lotes . Esta medida visa possibilitar um maior aproveitamento do espaço interno sem que os limites de altura estabelecidos sejam desobedecidos. Entretanto, devem ser guardadas medidas de segurança, através do uso de técnicas construtivas adequadas, de modo que não haja um comprometimento na estrutura das edificações vizinhas.

QUANTO ÀS FACHADAS

- Sugere-se que a abertura de vãos obedeça, preferencialmente, aos ritmos determinados pelo conjunto, no qual portas e janelas adotam uma forma verticalizada e se dispõem simetricamente na fachada;
- Não será admitido o rompimento da continuidade dos elementos de fachada que deverão se manter em equilíbrio com os das construções vizinhas, correspondendo, principalmente, no que se refere às alturas.
- Determina-se que as fachadas adotem posturas de contextualização ou neutralidade em relação ao seu

entorno, usando uma linguagem contemporânea não conflitante com seu entorno. Jamais serão, portanto, admitidos os pastiches que muito embora não promovam uma agressão ao conjunto consistem em uma falsificação da originalidade. Assim sendo, haverá a necessidade de uma consulta prévia aos órgãos competentes para posterior elaboração do projeto.

QUANTO À IMPLANTAÇÃO

- Fica vedada a adoção de recuos frontais e laterais, devendo a edificação nova se dispor na testada do lote;
- Deverá ser reservado espaço no fundo dos lotes que corresponderão aos quintais. Quando se tratar de lotes que possuem duas testadas, ou seja, que começam numa rua e terminam em outra, será admitida a construção em ambas as frentes, devendo, entretanto, ser guardado espaço central;
- Devem ser tomados como base a taxa de ocupação e o índice de aproveitamento verificados nas edificações originais (por exemplo o Sobrado do Barão de Aracati) que corresponde a uma média de 75%;
- É vedada qualquer tipo de construção em balanço sobre o logradouro público, exceto quando se tratar das cobertas.

QUANTO ÀS COBERTAS

- As novas edificações, quando implantadas em lotes situados no meio da quadra, deverão possuir a linha de cumeeira paralela a via, ou seja, deverão adotar a tipologia de cobertura A. Só serão admitidos outros modelos de cobertura quando se tratar de lotes de esquina ou edificações isoladas;
- Na estrutura das cobertas podem ser adotados materiais diversos; madeira, aço, concreto e outros;
- Na inclinação das cobertas deverão ser sempre levadas em consideração e tomadas como referência as adotadas nas edificações vizinhas;
- Quando implantada numa quadra onde se adota a cumeeira como uma linha contínua, a nova edificação não poderá interromper esta seqüência, devendo se adequar a ela;
- O material de cobertura a ser adotado deverá ser, obrigatoriamente, a telha cerâmica tipo capa-canal, podendo ser do tipo manual ou industrializada.

QUANTO AOS REVESTIMENTOS E PINTURAS

- Fica proibida a utilização de revestimentos cerâmicos, pastilhas ou similares.
- Recomenda-se que os rebocos recebam demãos de tinta que, neste caso, podem variar entre látex, acrílicas ou à base d'água

ver
revis. e pintura
10/6/17

QUANTO ÀS CORES

- Deverão ser utilizadas cores neutras e discretas que estabeleçam uma conexão com o restante do conjunto. Esta é uma determinação fundamental para que haja a permanente leitura de uma unidade arquitetônica e que as novas edificações atuem, então, como uma complementação ao conjunto.

Seção III – Grau de Intervenção III

É aplicado às edificações conflitantes, aqui se expressando a necessidade de reenquadrar estas construções ao perfil da quadra.

Sugere-se neste caso que os edifícios com tal classificação recebam elemento construtivo integrador de forma que sejam recompostas as “paredes da rua”.

Esta atitude visa a eliminação de qualquer recuo, restituindo a linha contínua do casario existente.

A outra possibilidade de promover a reintegração, encontra-se na recomposição gradativa destas edificações ao perfil da quadra. Quanto às posturas projetuais a serem adotadas corresponderão às mesmas aplicadas no GI – II.

Recomenda-se que sejam dados incentivos fiscais aos proprietários, de modo que venham a tomar uma iniciativa neste sentido.

Seção IV – Grau de Intervenção IV

Este grau de intervenção deverá ser aplicado às ruínas. Refere-se, portanto, às medidas e posturas construtivas voltadas para a recuperação destes bens quando se apresentarem passíveis de serem reconstruídos. Quando não, deverá se pensar na possibilidade de substituir esses remanescentes por novas construções. Neste caso, valerão as determinações expressas no G.I - II (novas construções).

QUANTO À VOLUMETRIA

- Deverão ser recuperadas, principalmente, as características volumétricas originais externas. Internamente, será dada total liberdade projetual.

QUANTO ÀS FACHADAS

- Os elementos de fachada deverão ser recuperados e mantidos íntegros. Quando alguns destes se encontrarem em avançado estado de desgaste, ou não mais existirem, sendo, portanto, inviável a sua recuperação, recomenda-se a sua substituição por outros idênticos. Entretanto, esta postura só poderá ser adotada quando se tiver uma documentação que forneça dados completos que possibilitem adota-la, jamais podendo ser ela baseada em hipóteses. Quando isto for inviável, sugere-se a utilização de novas unidades de desenho simples que se harmonizem com o restante do corpo da construção.
- A disposição e a forma dos vãos devem ser recuperadas, quando se tiver dados suficientes para isto, mantendo-se fiéis ao modelo original.

QUANTO AOS MATERIAIS CONSTRUTIVOS

- Os materiais a serem utilizados nas obras de recuperação devem ter as mesmas características físicas dos originais. Entretanto, é necessário que as peças reconstruídas ou substitutas se apresentem de forma clara e em harmonia com as partes originais, permitindo que sejam lidas como elementos posteriores de reconstituição.

QUANTO ÀS COBERTAS

- Em obras de restauração poderá se optar pela utilização de outros materiais, além da usual madeira, para compor a estrutura das suas cobertas conforme a intenção do restaurador. ?

14.4. RECOMENDAÇÕES GERAIS

- 14.4.1. A área deverá se manter predominantemente residencial. Serão admitidos outros usos, entretanto, estes deverão ser compatíveis com a estrutura urbana do lugar, não podendo de forma alguma por em risco a sua qualidade arquitetônica e ambiental.
- 14.4.2. Os engenhos publicitários a serem utilizados tanto na área de proteção rigorosa como no seu entorno, obedecerão as determinações adotadas no Corredor Cultural do Rio de Janeiro. São elas:

-
- A colocação de todo e qualquer tipo de anúncio indicativo ou publicitário, que encubra total ou parcialmente os elementos morfológicos das fachadas fica proibida;
 - A autorização para a colocação destes anúncios nos prédios obedecerá aos seguintes parâmetros:

ANÚNCIOS PARALELOS À FACHADA:

- Deverão ser encaixados nos vãos das portas, faceando a parte inferior das vergas, sem se projetar além do alinhamento da fachada.
- Deverão permitir uma altura livre mínima de 2,20m medida do piso à face inferior do letreiro.
- Terão dimensão máxima de 0,50m no sentido da altura.
- Não poderão encobrir elementos construtivos que façam parte da morfologia original da fachada, tais como: colunas, gradis, portas de madeira e vergas em cantaria.
- Serão permitidos apenas no pavimento térreo.
- Será permitida a utilização dos seguintes materiais:
 - acrílico ou similar – quando o comprimento do anúncio não ultrapassar a 2,00m;
 - chapas de madeira, vidro ou metal – para vãos de qualquer dimensão, respeitados os incisos I, II, III, IV e V do presente artigo.

ANÚNCIO PERPENDICULARES À FACHADA:

- Deverão ser fixados na parede, desde que respeitem uma altura livre de 2,80m, medida do passeio à face inferior do anúncio.
 - Terão dimensões máximas de 0,80m de comprimento, 0,50m de altura e 0,20 m de espessura devendo deixar um espaçamento de no máximo 0,15m do alinhamento das fachadas.
 - Deverão permitir uma distância livre de 1,00m do meio-fio da calçada, quando se tratar de vias de tráfego de veículos.
 - Quando a fachada for totalmente revestida de cantaria os anúncios poderão ser fixados na bandeira dos vãos de abertura, observando-se um afastamento máximo de 0,15m da face das paredes e uma altura livre mínima de 2,20m.
 - Serão permitidos somente no pavimento térreo.
 - Será permitida a utilização dos seguintes materiais: acrílico ou similar e chapas de madeira, vidro ou metal.
 - Quanto ao uso das cores, tanto nos anúncios paralelos quanto nos perpendiculares à fachada, deverão ser obedecidas as normas abaixo:
 - quando se tratar de anúncio confeccionado em acrílico, será permitida uma cor de fundo e no máximo duas cores para as letras;
-

-
- quando se tratar de anúncio confeccionado em chapa de madeira, metal ou vidro iluminados em neon, será permitido o uso de no máximo 3 (três) cores, incluindo aquelas utilizadas na iluminação.

ANÚNCIO PINTADOS SOBRE A FACHADA:

- Poderão ser pintados diretamente sobre a parede quando não interceptarem elementos decorativos da fachada.
- Não poderão ser aplicados sobre cantaria.
- Poderão ser aplicados tanto no térreo quanto nos pavimentos superiores, desde que cada pavimento comporte uma única atividade comercial.
- As letras poderão ser aplicadas em relevo, desde que não exceda a 2cm. *(espessura?)*
- A iluminação dos anúncios poderá ser através da fixação de, até, 1 (um) spot de no máximo 100 watts para cada metro de comprimento dos anúncios, admitindo-se mais de 1 (um) spot para cada fração de metro superior a 0,50m. O diâmetro máximo dos spots será de 10cm, devendo estes ser fixados diretamente sobre a alvenaria, com a fixação embutida e pintada na cor da parede. A distância da base dos spots à luminária não poderá exceder a 0,40m.

QUANTO AO USO DE CORES:

-
- as letras deverão ser pintadas diretamente sobre a parede, não se admitindo nenhum tipo de pintura de fundo diferenciada da cor da fachada;
 - será permitida a pintura de frisos emoldurando o anúncio, desde que não ultrapasse a 4cm de largura
 - Não será permitida a utilização de tintas fosforescentes ou refletores;
 - Todas as letras deverão ser pintadas em uma única cor.

14.4.3. Não será permitido que se façam aberturas para garagens em quaisquer das edificações tradicionais, sendo estas somente admitidas nas construções novas e conflitantes. Estes vãos, devem, entretanto, manter a forma vertical, de modo que os ritmos não fiquem comprometidos. A exceção se fará quando tais aberturas se derem na rua Santos Dumont, pois lá os ritmos se apresentam diferenciados.

14.4.4. Deverá ser terminantemente proibido o percurso carnavalesco utilizando trios elétricos na rua Coronel Alexanzito .

14.4.5. Determina-se que na rua Coronel Alexanzito os automóveis deverão obedecer a um limite de velocidade equivalente a 40Km/h.

14.4.6. Será vedada a passagem de transportes de grande porte (caminhões, carretas, ônibus, etc.) pela rua Coronel Alexanzito. Esta determinação visa eliminar a

trepidação por eles provocada que pode vir a desestabilizar com o tempo a estrutura do casario.

- 14.4.7. Será proibida a retirada e substituição da pavimentação das ruas Coronel Alexanzito e Santos Dumont.
- 14.4.8. Deverá ser restaurado por completo o calçamento que pavimenta parte das ruas Coronel Alexandrino e Coronel Pompeu.
- 14.4.9. Será vedada a retirada da vegetação do canteiro central da rua Coronel Alexanzito, bem como das faixas laterais da rua Santos Dumont. Determina-se também que as árvores recebam uma poda periódica.
- 14.4.10. O canteiro central da rua Coronel Pompeu deve ser retirado, assim como a arborização que nele existe. Esta deverá ser transferida para as faixas laterais da via.
- 14.4.11. A iluminação pública deverá passar por um processo remodelador. Sendo fundamental a substituição dos postes e fiação aérea atuais por um sistema de fios subterrâneos e postes de desenho que interfira o menos possível na paisagem urbana.
- 14.4.12. Determina-se ser fundamental a revisão de todo o mobiliário urbano existente. Aqueles que estiverem em desarmonia com o conjunto devem ser retirados e substituídos por outros de desenho previamente estudado que se adeque totalmente às necessidade e

ao perfil do lugar. Estes novos equipamentos também deverão vir a suprir as carências de mobiliário detectadas na área.

- 14.4.13. No entorno os gabaritos ficam restritos a uma média máxima de três pavimentos (10,50 m). Essa medida visa a prevenção contra a formação dos panos de frente e de fundo, descaracterizadores da paisagem.
- 14.4.14. No entorno, deverá prevalecer as mesmas recomendações referentes aos recuos aplicadas à área delimitada pela poligonal de tombamento (Área de Proteção Rigorosa).
- 14.4.15. Recomenda-se a elaboração de um projeto remodelador das fachadas descaracterizadas que estão localizadas tanto na área de estudo (Área de Proteção Rigorosa) como no seu entorno de modo que estas venham a receber novo desenho que as adeqüem às características inerentes ao conjunto arquitetônico do centro histórico. Quanto às que se mantêm originais ou caracterizadas devem passar por processos de restauração, reconstrução, preservação ou manutenção, conforme cada necessidade particular.
- 14.4.16. Toda e qualquer obra de restauração a ser realizada dentro do centro histórico deverá deixar evidente as marcas da contemporaneidade dos elementos que entraram substituindo as partes faltantes originais.

-
- 14.4.17. Deverão ser dados incentivos fiscais aos proprietários de edificações que estejam incluídas na área, bem como no seu entorno, de modo que as obras de restauração, manutenção, preservação ou reconstrução sejam estimuladas.
- 14.4.18. Toda e qualquer obra a ser feita, seja ela de restauração ou adaptação, jamais poderá tratar as fachadas como simples cenários.

15. ANEXOS





15. ANEXOS

ANEXOS - TABELAS

LEVANTAMENTO CADASTRAL POR QUADRA

RUA CEL. ALEXANZITO QUADRA 1							
NÚMERO	USO	TIPO FACHADA	Nº PAVIMENTOS	G. CONSERVAÇÃO	G. CARACTERIZAÇÃO	TIPO COBERTA	TELHA
C.C.C	INSTITUC.	MONUMENTAL	2 PAV.	SEMI CONSERVADA	ORIGINAL/INTERES.	ARQ. MONUM.	CANAL
484	EDUCACIONAL	OUTROS	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
490	DESOCUPADA	TIPO B	TÉRREA	MAL CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
RUA SANTOS DUMONT QUADRA 1							
NÚMERO	USO	TIPO FACHADA	Nº PAVIMENTOS	G. CONSERVAÇÃO	G. CARACTERIZAÇÃO	TIPO COBERTA	TELHA
S/N	VAZIO	MURO	VAZIO	VAZIO	VAZIO	SEM COBERTA	SEM COBERTA
S/N	INSTITUC.	OUTROS	2 PAV.	CONSERVADA	CONFLITANTE	TIPO F	CANAL
RUA CEL. ALEXANZITO QUADRA 2							
NÚMERO	USO	TIPO FACHADA	Nº PAVIMENTOS	G. CONSERVAÇÃO	G. CARACTERIZAÇÃO	TIPO COBERTA	TELHA
504	RESIDENCIAL	TIPO E	2 PAV.	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO C	CANAL
512	DESOCUPADA	OUTROS	2 PAV.	MAL CONSERVADA	ORIGINAL	OUTROS	CANAL
520	EDUCACIONAL	TIPO B	2 PAV.	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
538	RESIDENCIAL	OUTROS	TÉRREA	CONSERVADA	CONFLITANTE	OUTROS	CANAL
542	RESIDENCIAL	TIPO A	2 PAV.	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
550	DESOCUPADA	TIPO B	2 PAV.	MAL CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL

RUA SANTOS DUMONT QUADRA 2							
NÚMERO	USO	TIPO FACHADA	Nº PAVIMENTOS	G. CONSERVAÇÃO	G. CARACTERIZAÇÃO	TIPO COBERTA	TELHA
837	RESIDENCIAL	TIPO B	TÉRREA	SEMI CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO D	CANAL
449	RESIDENCIAL	TIPO B	2 PAV.	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	OUTROS	CANAL
443	RESIDENCIAL	TIPO B	2 PAV.	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
S/N	RESID. (F)	MURO	-	-	-	SEM COBERTA	SEM COBERT.
S/N	RESID. (F)	TIPO B	TÉRREA	MAL CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
S/N	RESID. (G)	TIPO A	TÉRREA	SEMI CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO G	CANAL
S/N	RESID. (F)	MURO	-	-	-	SEM COBERTA	SEM COBERT.

RUA CEL. ALEXANZITO QUADRA 3							
NÚMERO	USO	TIPO FACHADA	Nº PAVIMENTOS	G. CONSERVAÇÃO	G. CARACTERIZAÇÃO	TIPO COBERTA	TELHA
564	RESIDENCIAL	OUTROS	TÉRREA	SEMI CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
572	RESIDENCIAL	TIPO D	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
582	RESIDENCIAL	TIPO E	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
590	RESIDENCIAL	TIPO D	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
594	MISTO	OUTROS	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL

RUA SANTOS DUMONT QUADRA 3							
NÚMERO	USO	TIPO FACHADA	Nº PAVIMENTOS	G. CONSERVAÇÃO	G. CARACTERIZAÇÃO	TIPO COBERTA	TELHA
S/N	MISTO	OUTROS	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
S/N	RESIDENCIAL	TIPO A	TÉRREA	MAL CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO G	CANAL
S/N	RESID. (F/G)	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO G	CANAL
S/N	RESID. (F/G)	TIPO B	TÉRREA	SEMI CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO G	CANAL
S/N	RESID. (F)	OUTROS	TÉRREA	SEMI CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL

RUA CEL. ALEXANZITO QUADRA 4							
NÚMERO	USO	TIPO FACHADA	Nº PAVIMENTOS	G. CONSERVAÇÃO	G. CARACTERIZAÇÃO	TIPO COBERTA	TELHA
640	SERVIÇOS	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARCTERIZADA	TIPO A	CANAL
650	RESIDENCIAL	TIPO B	2 PAV.	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
654	RESIDENCIAL	TIPO B	2 PAV.	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
660	RELIGIOSO	TIPO E	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
662	RESIDENCIAL	TIPO B	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
670	RESIDENCIAL	OUTROS	TÉRREA	CONSERVADA	CONFLITANTE	TIPO A	CANAL
676	RESIDENCIAL	OUTROS	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
680	RESIDENCIAL	OUTROS	2 PAV.	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
690	RESIDENCIAL	OUTROS	TÉRREA	CONSERVADA	CONFLITANTE	OUTROS	OUTROS
696	INSTITUC.	OUTROS	2 PAV.	CONSERVADA	CONFLITANTE	TIPO A	METÁLICA
706	RESIDENCIAL	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	CONFLITANTE	OUTROS	OUTROS
712	RESIDENCIAL	TIPO F	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
716	RESIDENCIAL	TIPO A	2 PAV.	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
720	RESIDENCIAL	TIPO E	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
726	RESIDENCIAL	OUTROS	2 PAV.	CONSERVADA	CONFLITANTE	TIPO G	CANAL
730	RESIDENCIAL	TIPO E	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
736	RESIDENCIAL	TIPO E	2 PAV.	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
744	RESIDENCIAL	TIPO E	2 PAV.	SEMI CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL

RUA SANTOS DUMONT QUADRA 4

NÚMERO	USO	TIPO FACHADA	Nº PAVIMENTOS	G. CONSERVAÇÃO	G. CARACTERIZAÇÃO	TIPO COBERTA	TELHA
657	RESIDENCIAL	OUTROS	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
649	RESIDENCIAL	TIPO B	2 PAV.	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
S/N	RESID. (G)	TIPO A	TÉRREA	MAL CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
S/N	RESID. (G)	TIPO B	TÉRREA	SEMI CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
S/N	RESID. (G)	TIPO A	TÉRREA	SEMI CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
S/N	RESID. (G)	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO G	CANAL
S/N	RESIDENCIAL	OUTROS	2 PAV.	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO G	CANAL
S/N	RESID. (G)	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
S/N	RESID. (G)	TIPO B	TÉRREA	SEMI CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
S/N	RESID. (G)	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO G	CANAL
585	RESIDENCIAL	TIPO A	2 PAV.	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO G	CANAL
S/N	RESID. (F)	MURO	-	-	-	SEM COBERTA	SEM COBERT.
S/N	RESIDENCIAL	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO G	CANAL
S/N	RESID. (G)	TIPO B	TÉRREA	SEMI CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
553	RESID. (G)	TIPO A	TÉRREA	SEMI CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
S/N	RESID. (F)	MURO	-	-	-	SEM COBERTA	SEM COBERT.

RUA CEL. ALEXANZITO QUADRA 5

NÚMERO	USO	TIPO FACHADA	Nº PAVIMENTOS	G. CONSERVAÇÃO	G. CARACTERIZAÇÃO	TIPO COBERTA	TELHA
758	SERVIÇOS	OUTROS	2 PAV.	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
760/762	RESIDENCIAL	OUTROS	2 PAV.	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
770	RESIDENCIAL	TIPO E	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
774	RESIDENCIAL	OUTROS	TÉRREA	CONSERVADA	CONFLITANTE	TIPO D	CANAL
780	RESIDENCIAL	OUTROS	TÉRREA	CONSERVADA	CONFLITANTE	OUTROS	OUTROS
784	RESIDENCIAL	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
788	LAZER	OUTROS	TÉRREA	CONSERVADA	CONFLITANTE	OUTROS	CANAL
802	EDUCACIONAL	TIPO E	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
808	INSTITUC.	TIPO A	2 PAV	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
812	RESIDENCIAL	OUTROS ¹⁰	2 PAV.	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
820	RESIDENCIAL	OUTROS	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL

RUA SANTOS DUMONT QUADRA 5

NÚMERO	USO	TIPO FACHADA	Nº PAVIMENTOS	G. CONSERVAÇÃO	G. CARACTERIZAÇÃO	TIPO COBERTA	TELHA
748	EDUCACIONAL	TIPO E	2 PAV.	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
S/N	RESID. (G)	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
740	RESIDENCIAL	TIPO E	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
S/N	RESIDENCIAL	TIPO B	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
S/N	RESID. (F)	TIPO A	TÉRREA	MAL CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO G	CANAL
S/N	RESID. (G)	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO G	CANAL
S/N	RESID. (G)	TIPO A	TÉRREA	MAL CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO G	CANAL
S/N	RESID. (G)	TIPO A	TÉRREA	MAL CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO G	CANAL
687	RESIDENCIAL	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO G	CANAL
S/N	RESID. (G)	TIPO B	TÉRREA	SEMI CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO G	CANAL
667	RESIDENCIAL	TIPO B	2 PAV.	MAL CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO G	CANAL
663	RESIDENCIAL	TIPO B	2 PAV.	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO D	CANAL

¹⁰ Esta edificação mantém a fachada original. Entretanto, o proprietário deu-lhe a função de muro. Isto lhe confere o caráter inadmissível de cenário.

RUA CEL. ALEXANZITO		QUADRA G					
NÚMERO	USO	TIPO FACHADA	Nº PAVIMENTOS	G. CONSERVAÇÃO	G. CARACTERIZAÇÃO	TIPO COBERTA	TELHA
842	RESIDENCIAL	TIPO E	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
846	RESIDENCIAL	TIPO E	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
850	RESIDENCIAL	TIPO E	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
858	RESIDENCIAL	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
864	RESIDENCIAL	TIPO F	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
872	RESIDENCIAL	TIPO E	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
876	VAZIO	VAZIO	VAZIO	VAZIO	VAZIO	SEM COBERTA	SEM COBERT.
884	RESIDENCIAL	OUTROS	2 PAV.	NÃO TERMINADA	CONFLITANTE	OUTROS	OUTROS
890	RESIDENCIAL	OUTROS	TÉRREA	CONSERVADA	CONFLITANTE	OUTROS	CANAL
906	RESIDENCIAL	TIPO B	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
912	RESIDENCIAL	TIPO D	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
920	RESIDENCIAL	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
928	RESIDENCIAL	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
936	DESOCUPADA	TIPO D	TÉRREA	ARRUINADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
942	RESIDENCIAL	TIPO B	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
950	RESIDENCIAL	TIPO E	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL

RUA SANTOS DUMONT QUADRA 6							
NÚMERO	USO	TIPO FACHADA	Nº PAVIMENTOS	G. CONSERVAÇÃO	G. CARACTERIZAÇÃO	TIPO COBERTA	TELHA
893	RESIDENCIAL	TIPO B	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	OUTROS	CANAL
887	RESIDENCIAL	OUTROS	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO G	CANAL
879	RESIDENCIAL	TIPO B	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	OUTROS	CANAL
873	RESIDENCIAL	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
S/N	RESID. (G)	TIPO B	TÉRREA	SEMI CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO G	CANAL
S/N	RESID. (G)	TIPO B	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
843	RESIDENCIAL	OUTROS	TÉRREA	SEMI CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
837	SERVIÇOS	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO G	CANAL
S/N	RESID. (G)	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	OUTROS	CANAL
S/N	RESIDENCIAL	OUTROS	TÉRREA	NÃO TERMINADA	CONFLITANTE	OUTROS	CANAL
S/N	RESID. (F)	MURO	-	-	-	SEM COBERTA	SEM COBERT.
S/N	RESID. (F)	MURO	-	-	-	SEM COBERTA	SEM COBERT.
S/N	RESID. (F)	MURO	-	-	-	SEM COBERTA	SEM COBERT.
751	RESIDENCIAL	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	CONFLITANTE	TIPO G	CANAL
S/N	RESID. (G)	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO G	AMIANTO
781	RESID. (G)	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
771	DESOCUPADA	TIPO B	TÉRREA	SEMI CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO E	CANAL

RUA CEL. ALEXANZITO QUADRA 7

NÚMERO	USO	TIPO FACHADA	Nº PAVIMENTOS	G. CONSERVAÇÃO	G. CARACTERIZAÇÃO	TIPO COBERTA	TELHA
962	RESIDENCIAL	TIPO B	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
964	RESIDENCIAL	TIPO E	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
978	RESIDENCIAL	TIPO B	2 PAV.	ARRUINADA	ORIGINAL/INTERESSE	TIPO A	CANAL
984	RESIDENCIAL	OUTROS	2 PAV.	MAL CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
1000	RESIDENCIAL	TIPO E	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
1006	RESIDENCIAL	OUTROS	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
1014	RESIDENCIAL	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
1024	RESIDENCIAL	TIPO E	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
1032	RESIDENCIAL	TIPO F	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
1040	RESIDENCIAL	TIPO F	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
1046	RESIDENCIAL	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
1054	RESIDENCIAL	TIPO E	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
1064	RESIDENCIAL	OUTROS	TÉRREA	CONSERVADA	CONFLITANTE	TIPO A	CANAL
1070	RESIDENCIAL	OUTROS	2 PAV.	CONSERVADA	CONFLITANTE	TIPO G	CANAL
1078	RESIDENCIAL	OUTROS	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
1086	RESIDENCIAL	TIPO B	TÉRREA	CONSERVADA	CONFLITANTE	OUTROS	CANAL
1094	RESIDENCIAL	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
1100	RESIDENCIAL	OUTROS	2 PAV.	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
1110	RESIDENCIAL	OUTROS	TÉRREA	CONSERVADA	CONFLITANTE	TIPO A	CANAL
1120	RELIGIOSO	TIPO B	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
1128	RESIDENCIAL	OUTROS	2 PAV.	CONSERVADA	CONFLITANTE	OUTROS	CANAL

RUA SANTOS DUMONT QUADRA 7

NÚMERO	USO	TIPO FACHADA	Nº PAVIMENTOS	G. CONSERVAÇÃO	G. CARACTERIZAÇÃO	TIPO COBERTA	TELHA
S/N	RESID. (F)	MURO	-	-	-	SEM COBERTA	SEM COBERT.
1029	RESIDENCIAL	TIPO A	TÉRREA	SEMI CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
S/N	RESID. (F)	MURO	-	-	-	SEM COBERTA	SEM COBERT.
1035	RESID. (G)	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
S/N	RESID. (G)	TIPO A	TÉRREA	SEMI CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
999	DESOCUPADA	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
S/N	RESID. (G)	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO G	CANAL
973	SERVIÇOS	TIPO B	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
S/N	RESID. (F)	MURO	-	-	-	SEM COBERTA	SEM COBERT.
S/N	RESID. (F)	MURO	-	-	-	SEM COBERTA	SEM COBERT.
S/N	DESOCUPADA	TIPO E	TÉRREA	MAL CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
961	RESIDENCIAL	OUTROS	TÉRREA	CONSERVADA	CONFLITANTE	TIPO A	CANAL
S/N	VAZIO	MURO	-	-	-	SEM COBERTA	SEM COBERT.
943	RESIDENCIAL	OUTROS	TÉRREA	CONSERVADA	CONFLITANTE	TIPO E	CANAL
945	SERVIÇOS	TIPO B	TÉRREA	MAL CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO G	CANAL
933	RELIGIOSO	TIPO B	TÉRREA	MAL CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
S/N	RESID. (F)	MURO	-	-	-	SEM COBERTA	SEM COBERT.
905	DESOCUPADA	TIPO B	TÉRREA	SEMI CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO E	CANAL

RUA CEL. ALEXANZITO QUADRA 8

NÚMERO	USO	TIPO FACHADA	Nº PAVIMENTOS	G. CONSERVAÇÃO	G. CARACTERIZAÇÃO	TIPO COBERTA	TELHA
1136	RESIDENCIAL	OUTROS	TÉRREA	CONSERVADA	CONFLITANTE	TIPO F	CANAL
1152	RESIDENCIAL	TIPO B	2 PAV.	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
S/N	RESIDENCIAL	TIPO E	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
1160	RESIDENCIAL	TIPO E	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
S/N	INSTITUC.	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	CONFLITANTE	TIPO A	CANAL
1206	SERVIÇOS	OUTROS	TÉRREA	CONSERVADA	CONFLITANTE	OUTROS	CANAL
S/N	DESOCUPADA	TIPO B	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL

RUA SANTOS DUMONT QUADRA 8

NÚMERO	USO	TIPO FACHADA	Nº PAVIMENTOS	G. CONSERVAÇÃO	G. CARACTERIZAÇÃO	TIPO COBERTA	TELHA
S/N	VAZIO	VAZIO	VAZIO	VAZIO	VAZIO	SEM COBERTA	SEM COBERT.

R. DRAGÃO DO MAR QUADRA 9

NÚMERO	USO	TIPO FACHADA	Nº PAVIMENTOS	G. CONSERVAÇÃO	G. CARACTERIZAÇÃO	TIPO COBERTA	TELHA
S/N	RELIG.(NICHOS)	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA ¹⁹	TIPO A	CANAL
70	RESIDENCIAL	TIPO A	TÉRREA	SEMI CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
S/N	SERVIÇOS	TIPO B	TÉRREA	MAL CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
53	RESIDENCIAL	TIPO A	TÉRREA	SEMI CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
49	RESIDENCIAL	TIPO B	2 PAV.	SEMI CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
45	INSTIT.	TIPO B	TÉRREA	SEMI CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
217	RESIDENCIAL	OUTROS ²⁰	2 PAV.	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL

LARGO DA MATRIZ QUADRA 9

NÚMERO	USO	TIPO FACHADA	Nº PAVIMENTOS	G. CONSERVAÇÃO	G. CARACTERIZAÇÃO	TIPO COBERTA	TELHA
S/N	RELIG.(NICHOS)	OUTROS	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
150	COMERCIAL	TIPO A	TÉRREA	SEMI CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
144	RESIDENCIAL	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
138	DESOCUPADA	TIPO B	2 PAV.	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	OUTROS	OUTROS

¹⁹ A fachada do Nicho, em certa época, passou por um processo de total remodelação. Logo, a fachada que hoje se vê não é de fato a original.

²⁰ Esta fachada consiste da lateral de uma edificação original que se volta para a rua Coronel Alexanzito.

RUA CEL. ALEXANZITO QUADRA 10							
NÚMERO	USO	TIPO FACHADA	Nº PAVIMENTOS	G. CONSERVAÇÃO	G. CARACTERIZAÇÃO	TIPO COBERTA	TELHA
231	VAZIO	VAZIO	VAZIO	VAZIO	VAZIO	SEM COBERTA	SEM COB.
237	DESOCUPADA	TIPO E	TÉRREA	ARRUINADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
247	LAZER	OUTROS	TERREA	CONSERVADA	CONFLITANTE	TIPO A	CANAL
257	DESOCUPADA	TIPO B	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
261	RESIDENCIAL	TIPO E	TERREA	SEMI CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
267	MISTO	TIPO B	2 PAV.	SEMI CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
273	RESIDENCIAL	TIPO F	2 PAV.	SEMI CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
277	RESIDENCIAL	TIPO E	TERREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
281	RESIDENCIAL	TIPO E	TERREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
287	RESIDENCIAL	OUTROS	2 PAV.	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
293	RESIDENCIAL	TIPO A	2 PAV.	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
297	DESOCUPADA	TIPO E	2 PAV.	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
303	RESIDENCIAL	TIPO B	2 PAV.	SEMI CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
309	RESIDENCIAL	TIPO E	TERREA	SEMI CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
317	MISTO	OUTROS	2 PAV.	CONSERVADA	CONFLITANTE	TIPO A	CANAL

RUA CEL. ALEXANZITO QUADRA I I

NÚMERO	USO	TIPO FACHADA	Nº PAVIMENTOS	G. CONSERVAÇÃO	G. CARACTERIZAÇÃO	TIPO COBERTA	TELHA
343	RESIDENCIAL	TIPO E	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
353	RESIDENCIAL	TIPO B	3 PAV.	ARRUINADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
357	RESIDENCIAL	OUTROS	2 PAV.	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
365	RESIDENCIAL	TIPO A	2 PAV.	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
369	SERVIÇOS	OUTROS	2 PAV.	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
379	RESIDENCIAL	OUTROS	2 PAV.	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
391	DESOCUPADA	OUTROS	2 PAV.	NÃO TERMINADA	CONFLITANTE	TIPO A	CANAL
397	RESIDENCIAL	TIPO E	3 PAV.	SEMI CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	OUTROS	CANAL
403	MISTO	TIPO E	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
411	RESIDENCIAL	TIPO E	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
417	RESIDENCIAL	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
423	RESIDENCIAL	TIPO B	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
429	INSTITUC.	TIPO B	2 PAV.	SEMI CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
433	RESIDENCIAL	TIPO B	2 PAV.	SEMI CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
447	INSTITUC.	TIPO E	2 PAV.	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO E	CANAL

RUA CEL. ALEXANZITO QUADRA 12

NÚMERO	USO	TIPO FACHADA	Nº PAVIMENTOS	G. CONSERVAÇÃO	G. CARACTERIZAÇÃO	TIPO COBERTA	TELHA
467	RESIDENCIAL	TIPO A	2 PAV.	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	OUTROS	CANAL
471	RESIDENCIAL	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
477	RESIDENCIAL	TIPO E	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
483	RESIDENCIAL	TIPO F	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
489	RESIDENCIAL	TIPO E	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
495	RESIDENCIAL	TIPO E	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	OUTROS	CANAL
503	RESIDENCIAL	OUTROS	2 PAV.	CONSERVADA	CONFLITANTE	OUTROS	OUTROS
507	RESIDENCIAL	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
511	RESIDENCIAL	OUTROS	2 PAV.	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
517	RESIDENCIAL	OUTROS	2 PAV.	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
537	RUÍNAS	TIPO B	TÉRREA	RUÍNAS	RUÍNAS	RUÍNAS	RUÍNAS
541	RESIDENCIAL	OUTROS	TÉRREA	CONSERVADA	CONFLITANTE	TIPO E	CANAL
549	COMERCIAL	TIPO B	2 PAV.	SEMI CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL

RUA CEL. ALEXANZITO		QUADRA 13					
NÚMERO	USO	TIPO FACHADA	Nº PAVIMENTOS	G. CONSERVAÇÃO	G. CARACTERIZAÇÃO	TIPO COBERTA	TELHA
563	RESIDENCIAL	TIPO E	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
571	RESIDENCIAL	TIPO E	TÉRREA	SEMI CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
581	INSTITUC.	TIPO E	2 PAV.	CONSERVADA	ORIGINAL	OUTROS	CANAL
593	DESOCUPADA	TIPO B	TÉRREA	SEMI CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
599	RESIDENCIAL	TIPO A	TÉRREA	SEMI CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
607	RESIDENCIAL	TIPO E	2 PAV.	SEMI CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
615	RESIDENCIAL	TIPO E	2 PAV.	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
623	RESIDENCIAL	TIPO B	2 PAV.	SEMI CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
629	INSTITUC.	TIPO B	2 PAV.	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
637	DESOCUPADA	OUTROS	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
645	RESIDENCIAL	TIPO A	2 PAV.	CONSERVADA	CONFLITANTE	TIPO A	CANAL
651	INSTITUC.	TIPO B	TÉRREA	SEMI CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
657	INSTITUC.	OUTROS	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
663	INSTITUC.	TIPO B	TÉRREA	SEMI CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
669	RESIDENCIAL	OUTROS	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO E	CANAL
675	RESIDENCIAL	OUTROS	TÉRREA	CONSERVADA	CONFLITANTE	OUTROS	CANAL
685	RESIDENCIAL	OUTROS	TÉRREA	CONSERVADA	CONFLITANTE	OUTROS	CANAL
697	LAZER	TIPO D	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
705	RESIDENCIAL	TIPO E	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
711	RESIDENCIAL	TIPO B	2 PAV.	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
715	RESIDENCIAL	TIPO E	2 PAV.	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
719	RESIDENCIAL	TIPO B	2 PAV.	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
723	RESIDENCIAL	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	OUTROS	CANAL
729	RESIDENCIAL	TIPO A	2 PAV.	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
735	RESIDENCIAL	TIPO E	2 PAV.	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
743	INSTITUC.	TIPO B	3 PAV.	SEMI CONSERVADA	ORIGINAL/INTERES.	TIPO A	CANAL

RUA CEL. ALEXANZITO QUADRA 14

NÚMERO	USO	TIPO FACHADA	Nº PAVIMENTOS	G. CONSERVAÇÃO	G. CARACTERIZAÇÃO	TIPO COBERTA	TELHA
757	DESOCUPADA	TIPO B	2 PAV.	MAL CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO B	CANAL
763	DESOCUPADA	TIPO B	2 PAV.	MAL CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO B	CANAL
769	MISTO	TIPO F	3 PAV.	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
779	RESIDENCIAL	OUTROS	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
783	RESIDENCIAL	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
789	INSTITUC.	OUTROS	2 PAV.	CONSERVADA	ORIGINAL	OUTROS	CANAL
801	RESIDENCIAL	TIPO B	2 PAV.	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
807	RESIDENCIAL	OUTROS	2 PAV.	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	OUTROS	CANAL
811	SERVIÇOS	TIPO B	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO B	CANAL
819/821	RESIDENCIAL	TIPO B	2 PAV.	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL

RUA CEL. ALEXANZITO QUADRA 15

NÚMERO	USO	TIPO FACHADA	Nº PAVIMENTOS	G. CONSERVAÇÃO	G. CARACTERIZAÇÃO	TIPO COBERTA	TELHA
831/835	RESIDENCIAL	OUTROS	2 PAV.	NÃO TERMINADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
841	SERVIÇOS	TIPO A	2 PAV.	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
847/851	SERVIÇOS	TIPO B	2 PAV.	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
857	RESIDENCIAL	OUTROS	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
863	DESOCUPADA	TIPO B	TÉRREA	SEMI CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
871	RESIDENCIAL	TIPO D	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
877	RESIDENCIAL	TIPO B	2 PAV.	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
883	RESIDENCIAL	TIPO E	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
889	RUÍNAS	TIPO F	TÉRREA	RUÍNAS	RUÍNAS	RUÍNAS	RUÍNAS
897	VAZIO	VAZIO	VAZIO	VAZIO	VAZIO	SEM COBERTA	SEM COBERTA
905	RESIDENCIAL	OUTROS	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
911	RESIDENCIAL	OUTROS	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
919	RESIDENCIAL	TIPO E	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
927	RESIDENCIAL	TIPO E	TÉRREA	SEMI CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
935	RESIDENCIAL	TIPO E	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
941	RUÍNAS	TIPO B	TÉRREA	RUÍNAS	RUÍNAS	RUÍNAS	RUÍNAS
949	RESIDENCIAL	TIPO E	2 PAV.	SEMI CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
955	DESOCUPADA	TIPO B	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
963	DESOCUPADA	TIPO B	2 PAV.	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL

RUA CEL. ALEXANZITO QUADRA 16

NÚMERO	USO	TIPO FACHADA	Nº PAVIMENTOS	G. CONSERVAÇÃO	G. CARACTERIZAÇÃO	TIPO COBERTA	TELHA
977	COMERCIAL	TIPO B	TÉRREA	MAL CONSERVADA	ORIGINAL	OUTROS	CANAL
993	RUÍNAS	TIPO B	2 PAV.	RUÍNAS	RUÍNAS	RUÍNAS	RUÍNAS
999	RESIDENCIAL	TIPO A	2 PAV.	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
1005	RESIDENCIAL	TIPO E	TÉRREA	MAL CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
1013	RESIDENCIAL	TIPO E	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
1023	RESIDENCIAL	TIPO B	2 PAV.	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
1031	SERVIÇOS	TIPO B	2 PAV.	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
1039	DESOCUPADA	TIPO B	2 PAV.	MAL CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
1045/1047	SERVIÇOS	TIPO B	2 PAV.	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
1051/1053	RESIDENCIAL	TIPO B	2 PAV.	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
1063	RESIDENCIAL	TIPO B	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
1069	INSTITUC.	TIPO B	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
1077	RESIDENCIAL	OUTROS	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
1085	RESIDENCIAL	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
1093	DESOCUPADA	TIPO B	TÉRREA	MAL CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
S/N	RELIGIOSO	MONUMENTAL	2 PAV.	CONSERVADA	ORIGINAL/INTERES.	MONUMENTAL	CANAL

RUA CORONEL ALEXANDRINO QUADRA 16

NÚMERO	USO	TIPO FACHADA	Nº PAVIMENTOS	G. CONSERVAÇÃO	G. CARACTERIZAÇÃO	TIPO COBERTA	TELHA
1004	COMERCIAL	TIPO B	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
S/N	COMERCIAL	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
1016	COMERCIAL	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
1024	COMERCIAL	TIPO B	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
1030	COMERCIAL	TIPO B	TÉRREA	SEMI CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
1048	COMERCIAL	TIPO B	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
S/N	COMERCIAL	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
1058	COMERCIAL	TIPO B	TÉRREA	SEMI CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
1060	COMERCIAL	TIPO B	TÉRREA	SEMI CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO E	CANAL

RUA CEL. ALEXANZITO QUADRA 17

NÚMERO	USO	TIPO FACHADA	Nº PAVIMENTOS	G. CONSERVAÇÃO	G. CARACTERIZAÇÃO	TIPO COBERTA	TELHA
1125	RESIDENCIAL	TIPO B	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
1145	RESIDENCIAL	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	CONFLITANTE	OUTROS	OUTROS*
1151	RESIDENCIAL	OUTROS	2 PAV.	CONSERVADA	CONFLITANTE	OUTROS	OUTROS*
1159	RESIDENCIAL	TIPO F	TÉRREA	SEMI CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
1165	RESIDENCIAL	TIPO F	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
1173	RESIDENCIAL	TIPO C	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
1177	RESIDENCIAL	TIPO B	2 PAV.	SEMI CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO G	CANAL
1191	RESIDENCIAL	OUTROS	TÉRREA	CONSERVADA	CONFLITANTE	OUTROS*	CANAL
S/N	VAZIO	VAZIO	VAZIO	VAZIO	VAZIO	SEM COBERTA	SEM COBERT.

RUA CORONEL POMPEU QUADRA 18

NÚMERO	USO	TIPO FACHADA	Nº PAVIMENTOS	G. CONSERVAÇÃO	G. CARACTERIZAÇÃO	TIPO COBERTA	TELHA
750	RESIDENCIAL	TIPO A	TÉRREA	MAL CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO E	CANAL
746	RESIDENCIAL	TIPO A	TÉRREA	MAL CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO E	CANAL
742	RESIDENCIAL	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
738	RESIDENCIAL	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
730	RESIDENCIAL	OUTROS	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
S/N	DESOCUPADA	TIPO A	TÉRREA	MAL CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
S/N	MISTO	TIPO B	2 PAV.	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
S/N	RESIDENCIAL	OUTROS	2 PAV.	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
712	SERVIÇOS	TIPO B	2 PAV.	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
S/N	VAZIO	VAZIO	VAZIO	VAZIO	VAZIO	SEM COBERTA	SEM COBERT.
S/N	COMERCIAL	OUTROS	2 PAV.	CONSERVADA	CONFLITANTE	TIPO A	CANAL
S/N	INSTITUC.	OUTROS	TÉRREA	CONSERVADA	CONFLITANTE	OUTROS	METÁLICA

RUA CORONEL POMPEU QUADRA 19 (MERCADO VELHO)

NÚMERO	USO	TIPO FACHADA	Nº PAVIMENTOS	G. CONSERVAÇÃO	G. CARACTERIZAÇÃO	TIPO COBERTA	TELHA
S/N	COMERCIAL	TIPO B	TÉRREA	MAL CONSERVADA	ORIGINAL/INTERES.	OUTROS	CANAL

RUA CORONEL ALEXANDRINO QUADRA 19 (MERCADO NOVO)

NÚMERO	USO	TIPO FACHADA	Nº PAVIMENTOS	G. CONSERVAÇÃO	G. CARACTERIZAÇÃO	TIPO COBERTA	TELHA
S/N	COMERCIAL	TIPO B	TÉRREA	MAL CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	OUTROS	CANAL

RUA DRAGÃO DO MAR/ RUA CEL POMPEU/???:/ RUA CEL. ALEXANDRINO QUADRA 20 (ANTIGA FÁBRICA SANTA TEREZA)

NÚMERO	USO	TIPO FACHADA	Nº PAVIMENTOS	G. CONSERVAÇÃO	G. CARACTERIZAÇÃO	TIPO COBERTA	TELHA
S/N	COMERCIAL	TIPO B	TÉRREA	MAL CONSERVADA	CARACTERIZADA	OUTROS	METÁLICA

RUA DRAGÃO DO MAR QUADRA 21 (IG. MATRIZ DE N. SRA. DO ROSÁRIO)

NÚMERO	USO	TIPO FACHADA	Nº PAVIMENTOS	G. CONSERVAÇÃO	G. CARACTERIZAÇÃO	TIPO COBERTA	TELHA
S/N	RELIGIOSO	MONUMENTAL	2 PAV.	CONSERVADA	ORIGINAL/INTER.	ARQ. MONUM.	CANAL

RUA DRAGÃO DO MAR QUADRA 22 (ANTIGA CASA DA FAMÍLIA LEITE BARBOSA - SECRETARIA DE CULTURA)

NÚMERO	USO	TIPO FACHADA	Nº PAVIMENTOS	G. CONSERVAÇÃO	G. CARACTERIZAÇÃO	TIPO COBERTA	TELHA
S/N	INSTITUC.	OUTROS	2 PAV.	MAL CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO F	CANAL

RUA CORONEL POMPEU QUADRA 22 (ANTIGA CASA DA FAMÍLIA LEITE BARBOSA – SECRETARIA DE CULTURA)

NÚMERO	USO	TIPO FACHADA	Nº PAVIMENTOS	G. CONSERVAÇÃO	G. CARACTERIZAÇÃO	TIPO COBERTA	TELHA
S/N	INSTITUC.	OUTROS	2 PAV.	MAL CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO F	CANAL
S/N	DESOCUPADA	OUTROS	TÉRREA	ARRUINADA	CONFLITANTE	TIPO G	CANAL
103	COMERCIAL	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
123	COMERCIAL	TIPO B	TÉRREA	CONSERVADA	DESCARACTERIZADA	TIPO G	AMIANTO
125	MISTO	OUTROS	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL

RUA CORONEL POMPEU QUADRA 23 (IGEJA DO ROSÁRIO DOS PRETOS)

NÚMERO	USO	TIPO FACHADA	Nº PAVIMENTOS	G. CONSERVAÇÃO	G. CARACTERIZAÇÃO	TIPO COBERTA	TELHA
S/N	RELIGIOSO	MONUMENTAL	2 PAV.	CONSERVADA	ORIGINAL/INTER.	ARQ. MONUM.	CANAL

RUA CORONEL POMPEU QUADRA 24

NÚMERO	USO	TIPO FACHADA	Nº PAVIMENTOS	G. CONSERVAÇÃO	G. CARACTERIZAÇÃO	TIPO COBERTA	TELHA
653	EDUCACIONAL	TIPO B	TÉRREA	CONSERVADA	ORIGINAL	TIPO A	CANAL
655	RESIDENCIAL	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
665	RESIDENCIAL	TIPO A	TÉRREA	CONSERVADA	CARACTERIZADA	TIPO A	CANAL
S/N	EDUCACIONAL	TIPO D	2 PAV.	CONSERVADA	CONFLITANTE	OUTROS	CANAL
S/N	RELIGIOSO	TIPO B	2 PAV.	CONSERVADA	ORIGINAL/INTER.	ARQ. MONUM.	CANAL

CÁLCULO DE PERCENTUAIS -ANÁLISE ARQUITETÔNICA

USO DO SOLO												
QUADRA	RESID.	COMERC	MISTO	SERVIÇ.	INSTIT.	EDUCAC.	RELIG.	LAZER	RUÍNAS	DESOCUP	VAZIO	TOTAL
Q.1					2	1				1	1	5
Q.2	6					1				2		9
Q.3	5		2									7
Q.4	21			1	1							23
Q.5	12			1	1	2		1				17
Q.6	21			1						2	1	25
Q.7	23			2			2			3	1	31
Q.8	4			1	1					1	1	8
Q.9	5	1		1	1		1			1		10
Q.10	8		2					1		3	1	15
Q.11	10		1	1	2					1		15
Q.12	11	1							1			13
Q.13	17				6			1		2		26
Q.14	5		1	1	1					2		10
Q.15	11			2					2	3	1	19
Q.16	8	10		2	1		1		1	2		25
Q.17	8										1	9
Q.18	6	1	1	1	1					1	1	12
Q.19		2										2
Q.20		1										1
Q.21							1					1
Q.22		2	1		1					1		5
Q.23							1					1
Q.24	2					2	1					5
GERAL	183	18	8	14	18	6	7	3	4	25	8	294
(%)	62,24%	6,12%	2,72%	4,76%	6,12%	2,04%	2,38%	1,02%	1,36%	8,50%	2,72%	100%

CÁLCULO DE PERCENTUAIS - ANÁLISE ARQUITETÔNICA

USO DO SOLO												
QUADRA	RESID.	COMERC.	MISTO	SERVIÇ.	INSTIT.	EDUCAC.	RELIG.	LAZER	RUÍNAS	DESOCUP.	VAZIO	TOTAL
Q.1					2	1				1	1	5
Q.2	6					1				2		9
Q.3	5		2									7
Q.4	21			1	1							23
Q.5	12			1	1	2		1				17
Q.6	21			1						2	1	25
Q.7	23			2			2			3	1	31
Q.8	4			1	1					1	1	8
Q.9	5	1		1	1		1			1		10
Q.10	8		2					1		3	1	15
Q.11	10		1	1	2					1		15
Q.12	11	1							1			13
Q.13	17				6			1		2		26
Q.14	5		1	1	1					2		10
Q.15	11			2					2	3	1	19
Q.16	8	10		2	1		1		1	2		25
Q.17	8										1	9
Q.18	6	1	1	1	1					1	1	12
Q.19		2										2
Q.20		1										1
Q.21							1					1
Q.22		2	1		1					1		5
Q.23							1					1
Q.24	2					2	1					5
GERAL	183	18	8	14	18	6	7	3	4	25	8	294
(%)	62,24%	6,12%	2,72%	4,76%	6,12%	2,04%	2,38%	1,02%	1,36%	8,50%	2,72%	100%

TIPOLOGIA DAS FACHADAS

QUADRA	TIPO A	TIPO B	TIPO C	TIPO D	TIPO E	TIPO F	OUTROS	MONUM.	MURO	SEM FACH	TOTAL
Q.1		1					2	1	1		5
Q.2	2	6			1		2		2		13
Q.3	2	1		2	1		4				10
Q.4	11	7			5	1	8		2		34
Q.5	8	3			4		10				25
Q.6	9	7		2	5	1	2		3	1	30
Q.7	8	8			5	2	10		6		39
Q.8	1	2			2		2			1	8
Q.9	4	4					2				10
Q.10	1	3			6	1	3			1	15
Q.11	2	4			5		4				15
Q.12	3	2			3	1	4				13
Q.13	4	8		1	8		5				26
Q.14	1	5				1	3				10
Q.15	1	6		1	5	1	4			1	19
Q.16	5	16			2		1	1			25
Q.17	1	2	1			2	2			1	9
Q.18	5	2					4			1	12
Q.19		2									2
Q.20		1									1
Q.21								1			1
Q.22	1	1					3				5
Q.23								1			1
Q.24	2	1		1				1			5
GERAL	71	92	1	7	52	10	75	5	14	6	333
(%)	21,32%	27,62%	0,30%	2,10%	15,61%	3%	22,52%	1,50%	4,20%	1,80%	100%

NÚMERO DE PAVIMENTOS					
QUADRA	TÉRREA	2 PAV.	3 PAV.	NENHUM	TOTAL
Q.1	2	2		1	5
Q.2	2	7			9
Q.3	7				7
Q.4	12	11			23
Q.5	10	7			17
Q.6	23	1		1	25
Q.7	25	5		1	31
Q.8	6	1		1	8
Q.9	7	3			10
Q.10	7	7		1	15
Q.11	5	8	2		15
Q.12	8	5			13
Q.13	14	11	1		26
Q.14	3	6	1		10
Q.15	12	6		1	19
Q.16	17	7	1		25
Q.17	6	2		1	9
Q.18	7	4		1	12
Q.19	2				2
Q.20	1				1
Q.21		1			1
Q.22	4	1			5
Q.23		1			1
Q.24	3	2			5
GERAL	183	98	5	8	294
(%)	62,24%	33,33%	1,70%	2,71%	100%

GRAU DE CONSERVAÇÃO								
QUADRA	CONSERVADA.	SEMI CONS.	MAL CONS.	ARRUINADA	N TERMIN.	RUÍNAS	VAZIOS	TOTAL
Q.1	2	1	1				1	5
Q.2	6	1	2					9
Q.3	5	1	1					7
Q.4	22	1						23
Q.5	16		1					17
Q.6	19	2		1	2		1	25
Q.7	23	2	4	1			1	31
Q.8	7						1	8
Q.9	4	5	1					10
Q.10	8	5		1			1	15
Q.11	10	3		1	1			15
Q.12	11	1				1		13
Q.13	18	8						26
Q.14	8		2					10
Q.15	12	3			1	2	1	19
Q.16	17	3	4			1		25
Q.17	6	2					1	9
Q.18	8		3				1	12
Q.19			2					2
Q.20			1					1
Q.21	1							1
Q.22	3		1	1				5
Q.23	1							1
Q.24	5							5
GERAL	212	38	23	5	4	4	8	294
(%)	72,10%	12,92%	7,82%	1,70%	1,36%	1,36%	2,72%	100%

GRAU DE CARACTERIZAÇÃO								
QUADRA	ORIGINAL	INTERESSE	CARACTERIZ.	DESCARACT.	CONFLITANTE	RUÍNAS	VAZIO	TOTAL
Q.1	2	1			1		1	5
Q.2	5			3	1			9
Q.3	3		4					7
Q.4	5		7	6	5			23
Q.5	3		2	9	3			17
Q.6	11		4	5	4		1	25
Q.7	13	1	5	4	7		1	31
Q.8	1		3		3		1	8
Q.9	1		1	8				10
Q.10	10		2		2		1	15
Q.11	3		5	6	1			15
Q.12	2		5	3	2	1		13
Q.13	10	1	10	2	3			26
Q.14	7			3				10
Q.15	7		6	3		2	1	19
Q.16	10	1	7	6		1		25
Q.17	2		2	1	3		1	9
Q.18	2		3	4	2		1	12
Q.19		1		1				2
Q.20			1					1
Q.21		1						1
Q.22	1		1	2	1			5
Q.23		1						1
Q.24	1	1	2		1			5
GERAL	99	8	70	66	39	4	8	294
(%)	33,67%	2,72%	23,80%	22,44%	13,26%	1,36%	2,72%	100%

TIPOLOGIA DAS COBERTAS

QUADRA	TIPO A	TIPO B	TIPO C	TIPO D	TIPO E	TIPO F	TIPO G	OUTROS	MONUM.	RUÍNAS	SEM COB	TOTAL
Q.1	2					1			1		1	5
Q.2	4		1	1				3				9
Q.3	6						1					7
Q.4	17						4	2				23
Q.5	11			2			2	2				17
Q.6	15				1		3	5			1	25
Q.7	24				2		2	2			1	31
Q.8	5					1		1			1	8
Q.9	9							1				10
Q.10	14										1	15
Q.11	13				1			1				15
Q.12	8				1			3		1		13
Q.13	21				1			4				26
Q.14	5	3						2				10
Q.15	16									2	1	19
Q.16	21				1			1	1	1		25
Q.17	4						1	3			1	9
Q.18	8				2			1			1	12
Q.19								2				2
Q.20								1				1
Q.21									1			1
Q.22	2					1	2					5
Q.23									1			1
Q.24	3							1	1			5
GERAL	208	3	1	3	9	3	15	35	5	4	8	294
(%)	70,74%	1,02%	0,34%	1,02%	3,06%	1,02%	5,10%	11,90%	1,70%	1,36%	2,72%	100%

MATERIAL DE COBERTURA							
QUADRA	CAPA-CANAL	AMIANTO	METÁLICA	OUTROS	RUÍNAS	SEM COBERTA	TOTAL
Q.1	4					1	5
Q.2	9						9
Q.3	7						7
Q.4	20		1	2			23
Q.5	16			1			17
Q.6	23			1		1	25
Q.7	30					1	31
Q.8	7					1	8
Q.9	9			1			10
Q.10	14					1	15
Q.11	15						15
Q.12	11			1	1		13
Q.13	26						26
Q.14	10						10
Q.15	16				2	1	19
Q.16	24				1		25
Q.17	6			2		1	9
Q.18	10		1			1	12
Q.19	2						2
Q.20			1				1
Q.21	1						1
Q.22	4	1					5
Q.23	1						1
Q.24	5						5
GERAL	270	1	3	8	4	8	294
(%)	91,83%	0,34%	1,02%	2,72%	1,36%	2,72%	100%



16. PROJETO ARQUITETÔNICO DE UMA RESIDÊNCIA/GALERIA NA ÁREA DE PROTEÇÃO RIGOROSA

PROJETO ARQUITETÔNICO DE UMA RESIDÊNCIA/GALERIA NA ÁREA DE PROTEÇÃO RIGOROSA

16.1. PROGRAMA ARQUITETÔNICO

Caracterização do Cliente:

Trata-se de um fotógrafo e artista plástico, de 46 anos, casado e pai de dois filhos adolescentes. Em uma de suas visitas ao Ceará em busca de material para seu trabalho, encantou-se com Aracati e resolveu se fixar lá. Grande conhecedor que é de História e das Artes, valoriza profundamente a preservação do Patrimônio Arquitetônico. Espera, portanto, que sua residência e negócio, uma construção nova implantada na área histórica da cidade, pontuada por edifícios antigos, embora expressando uma marca de contemporaneidade, esteja totalmente contextualizada com seu entorno, guardando o devido respeito ao acervo arquitetônico do lugar.

O Terreno:

De formato irregular, com larguras de 6,50 m e 9,70 m, e profundidade média de 68 m, o terreno tem duas frentes, uma menor, que se abre para a rua Cel. Alexanzito, e uma outra, para a rua Santos Dumont, voltadas respectivamente para Leste e Oeste.

Quem olha para o terreno a partir da rua Cel. Alexanzito logo percebe que possui, à sua direita, residências térreas originais, de altura média de 5 m, algumas das quais revestidas por azulejos portugueses, e uma linha de cumeeira contínua de 7,5 m. Seu lado esquerdo revela, no entanto, duas construções

conflitantes, que corrompem o perfil da quadra, adotando recuos, cobertas e gabaritos inadequados. (ver Perfis das Quadras)

O terreno possui área total equivalente a 534,67m². É plano, e corresponde a um lote dos mais característicos do lugar, marcado pela estreiteza da testada e grande profundidade, cortando a quadra de um extremo ao outro. (ver Prancha 01)

Requisitos Gerais:

O cliente solicita que casa e atelier/bar/galeria/restaurante tenham entradas separadas, uma em cada rua. As duas metades deverão ser visual, acústica e fisicamente isoladas, à exceção de uma ligação ou passagem.

Também é seu desejo que as fachadas da casa e do atelier/bar/galeria/restaurante expressem com clareza a diferenciação das respectivas funções que abrigam: a primeira, com um caráter claramente residencial, reservado e privado; e a segunda, mais comercial e pública.

Relação dos Espaços:

i. RESIDÊNCIA:

- Estar;
- Refeições;
- Jardim Interno;
- 3 Suítes;

-
- Biblioteca;
 - Lavabo;
 - Cozinha;
 - Lavanderia;
 - Garagem;
 - Dependência de Empregada;
 - Área de Lazer (Piscina/Deck).

ii. RESTAURANTE/BAR/GALERIA/ATELIER:

- Área para Exposição/Mesas (Restaurante);
- Cozinha (Restaurante);
- Sanitários (Restaurante);
- Área para Exposição/Mesas (Bar);
- Sanitários (Bar);
- Pátio Interno;
- Estúdio /Sala para revelação;
- Sanitário (Estúdio);
- Atelier.

iii. EQUIPAMENTOS E MOBILIÁRIO POR AMBIENTE (RESIDÊNCIA)

ESTAR:

- Assentos estofados (sofás e/ou poltronas) para 5 pessoas;
- Mesas de centro e canto;
- 1 aparelho de TV de 29”;
- 1 aparelho de vídeo cassete;
- 1 sistema modular de som, com receptor, amplificador, equalizador, toca-discos, toca-fitas, toca-discos laser e 2 sonofletores grandes;

-
- Móvel ou local apropriado para a colocação dos aparelhos acima, bem como para a guarda de 300 discos, 200 fitas, 500 cd's, 300 videocassetes e material correlato.

REFEIÇÕES:

- Mesa de refeições com 6 lugares;
- Móvel de apoio.

QUARTO CASAL:

- Cama de casal (2.00 m X 2.00 m);
- Mesas de cabeceira;
- 1 rede com armadores a 1.80 m do piso, distanciados de 3.30 m;
- Frigobar;
- Aparelhos de TV/Video/Som;
- Closet.

BANHEIRO CASAL:

- Bancada com cuba de sobrepor e móvel incorporado;
- Espelho;
- Bacia sanitária com caixa acoplada;
- Ducha de parede;
- Box com chuveiro;
- Banheira com hidromassagem.

QUARTO FILHO:

- Cama de solteiro, tipo bicama (1.20 X 2.00 m), com criado mudo;
 - Bancada de estudo (Computador e Periféricos);
 - Aparelhos de TV/Video/Som;
-

-
- Poltrona;
 - Closet.

QUARTO FILHA:

- Cama de solteiro, tipo bicama (1.20 X 2.00 m), com criado mudo;
- Bancada de estudo (Computador e Periféricos);
- Aparelhos de TV/Vídeo/Som;
- Poltrona;
- Closet.

BANHEIRO FILHOS:

- Bancada com cuba de sobrepor e móvel incorporado;
- Espelho;
- Bacia sanitária com caixa acoplada;
- Mictório de louça de parede;
- Ducha de parede;
- Box com chuveiro.

BIBLIOTECA:

- Estantes para livros;
- Bancada de apoio (Computador e periféricos, fax, etc.);
- Mesa de Leitura/Estudo;
- Cadeira giratória, com rodízios, braços e espaldar alto;
- Sofá (2 lugares).

LAVABO:

- Bancada com cuba de sobrepor;
- Espelho;
- Bacia sanitária com caixa acoplada;

- Ducha de parede.

COZINHA:

- Fogão de seis bocas de embutir;
- Exaustor;
- Forno de microondas;
- Refrigerador;
- Freezer;
- Geláguas;
- Lavadora de louça de embutir;
- Bancada com 2 cubas;
- Armários para louças, panelas, eletrodomésticos e utensílios diversos;
- Armários para gêneros não perecíveis;
- Mesa para refeições rápidas.

LAVANDERIA:

- Lavadora de roupa;
- Tanque;
- Armários para material de limpeza e correlatos;
- Dois estendedouros de teto;
- 1 tábua de passar de embutir.

GARAGEM:

- Dois automóveis ou peruas de porte médio;
- Armários para guarda de pneus e ferramentas.

DEPENDÊNCIA DE EMPREGADA:

- Cama de solteiro (0.90 X 1.90 m);
 - Armário de duas portas;
 - Aparelho de TV/Som.
-

BANHEIRO EMPREGADA:

- Lavatório de parede;
- Espelho;
- Bacia sanitária com caixa embutida;
- Ducha de parede;
- Chuveiro.

iv. EQUIPAMENTOS E MOBILIÁRIO POR AMBIENTE (RESTAURANTE/BAR/GALERIA/ATELIER)

RESTAURANTE (Área para Exposição e Mesas/Cozinha):

- Mesas;
- Fogão industrial;
- Exaustor de gases e odores;
- 1 refrigerador;
- 2 freezers;
- Bancada com duas cubas;
- Bancada para preparo dos alimentos (ao longo da qual serão distribuídos os eletrodomésticos);
- Armários para louças, panelas e utensílios diversos;
- Armários para gêneros não perecíveis.

SANITÁRIOS/RESTAURANTE (Feminino e Masculino):

- Bancada com 3 cubas de sobrepor (comum aos dois banheiros);
- Espelho;
- Bacias sanitárias com caixa acoplada (2 no feminino e 1 no masculino);
- Mictório de parede (masculino).

BAR (Área para Exposição e Mesas):

- Mesas;
- Balcão com bancada interna para preparo de bebidas e petiscos;
- 1 freezer;
- 1 cuba incorporada ao balcão;
- Armários para a guarda de louças, copos e utensílios diversos;
- Armários para gêneros não perecíveis.

SANITÁRIOS/BAR (Feminino e Masculino):

- Bancada com 3 cubas de sobrepor (comum aos dois banheiros);
- Espelho;
- Bacias sanitárias com caixa acoplada (2 no feminino e 1 no masculino);
- Mictório de parede (masculino).

PÁTIO INTERNO:

- Bancos dispostos em torno de jardim central.

ESTÚDIO/SALA PARA REVELAÇÃO FOTOGRÁFICA:

- Bancada com 1 cuba, com banquetta giratória;
- Armário para a guarda de material e instrumentos de trabalho.

SANITÁRIO/ESTÚDIO:

- Bancada com cuba de sobrepor;
 - Espelho;
 - Bacia sanitária com caixa acoplada;
 - Ducha de parede.
-

ATELIER:

- Bancada de granito para modelagem, com 2 cubas, e com banqueta giratória;
- Armário para a guarda de material e instrumentos de trabalho;

- 1 cadeira de braço;
- 2 poltronas, com mesa de apoio.

RESIDÊNCIA

PROGRAMA	QTDE	ÁREA UNITÁRIA - M ²	ÁREA TOTAL - M ²
Estar/Jantar	01	25,76	25,76
Jardim Interno	01	5,76	5,76
Quarto Casal	01	25,36	25,36
Quarto Filho1	01	12,51	12,51
Quarto Filho2	01	17,92	17,92
Banheiro Casal	01	6,72	6,72
Banheiro Filhos	01	4,83	4,83
Closet Casal	01	5,12	5,12
Closet Filhos	01	4,96	4,96
Biblioteca	01	14,37	14,37
Lavabo	01	2,50	2,50
Cozinha	01	15,29	15,29
Lavanderia	01	4,66	4,66
Garagem	01	29,47	29,47
Dependência de Empregada	01	5,07	5,07
Banheiro Empregada	01	1,50	1,50
Área de Lazer (Piscina e Deck)	01	103,64	103,64

RESTAURANTE/BAR/GALERIA DE ARTE

PROGRAMA	QTDE	AREA UNITÁRIA - M ²	ÁREA TOTAL - M ²
Restaurante/Galeria de Arte	01	57,31	57,31
Cozinha do Restaurante		15,00	15,00
Sanitários Restaurante/Galeria de Arte	02	4,29	8,58
Bar/Galeria de Arte	01	158,99	158,99
Sanitários Bar/ Galeria de Arte	02	4,29	8,58
Pátio Interno	01	64,26	64,26
Sala Escura para Revelação Fotográfica	01	2,92	2,92
Sanitário do Estúdio	01	1,85	1,85
Atelier	01	18,76	18,76

16.2. O PARTIDO

A contextualização sem recair no pastiche, a humildade no traço das fachadas, e a união de generosidade, despojamento e sofisticação nos espaços foram talvez as mais ambiciosas metas do projeto. No entanto, seu objetivo maior foi provar que há liberdade dentro da limitação.

O "passado", ao mesmo tempo que restringiu as alturas e os arroubos de "originalidade" formal, ensinou que os limites são fundamentais para o exercício da criatividade, e que é possível inovar sem desrespeitar.

Obedecendo à legislação previamente elaborada, o partido adotou, então, uma implantação sem recuos frontais ou laterais. Dois volumes foram desenhados nos extremos do lote: um a se abrir para a rua Santos Dumont (residência), e o outro, para a rua Coronel Alexanzito (restaurante/galeria). Entre eles, estabeleceu-se um pátio, dando garantias de iluminação e

ventilação adequadas, bem como abrindo a possibilidade de serem desenvolvidas atividades ao ar livre e composições internas com uma maior flexibilidade na escolha das formas.

Ambas as construções limitaram suas fachadas a uma altura de 5 m, mantendo assim o perfil horizontal da quadra. A edificação reservada ao restaurante/galeria de arte, obedecendo à continuidade da linha de cumeeira imposta pelas construções originais vizinhas, estabeleceu como ponto mais elevado do edifício a medida de 7,5 m.

Nos dois blocos foram trabalhados três pavimentos. A intenção foi demonstrar a possibilidade de se obter um máximo aproveitamento espacial interno sem que houvesse a necessidade de verticalizar, o que iria romper com a horizontalidade do entorno.

A preocupação maior, portanto, sempre se voltou para o conjunto e para a visão que o observador, a partir da rua, teria

da nova construção dentro do quarteirão. Ela deveria ser mais uma peça, não podendo se sobressair dentre as demais, a não ser pelo fato de deixar explícita sua contemporaneidade.

A inovação, então, ficou por conta da utilização de materiais de tecnologia atual, tais como o concreto e o aço. Os ritmos de abertura de vãos, o gabarito, a cobertura e a estilização de alguns elementos de marcação da fachada garantiram a expressão da linguagem do passado traduzida para o hoje.

Internamente, a volumetria foi trabalhada com total liberdade, optando-se pela quase ausência de paredes, de modo que fosse garantido a todos os cômodos a circulação do ar e a iluminação natural.

O Restaurante/Bar/Galeria de Arte/Atelier

A fachada é marcada por três portas (1,20 m x 2,40 m) que, simetricamente dispostas, compõem uma face bastante característica das antigas construções comerciais (tipologia B – ver item Conceitos e Critérios). Entretanto, apenas um destes vãos, o central, dá de fato acesso à edificação. As outras duas aberturas receberam gradis. Internamente correspondem a dois canteiros ajardinados que marcam de maneira incisiva o caminho do meio.

Dando continuidade à linha de cornijas das edificações vizinhas, um elemento linear de perfil curvo em concreto funciona também como difusor de uma iluminação indireta durante a noite (ver detalhe).

Internamente as lajes são recortadas, criando dois mezaninos escalonados, que estabelecem um jogo de volumes e promovem uma integração dos diferentes espaços. Assim, foi garantido um intercâmbio visual entre as atividades, sem no entanto permitir a interferência de uma sobre a outra, exceto no caso da galeria de arte, propositadamente vinculada tanto ao bar, quanto ao restaurante.

O térreo é um vão contínuo que se estende até o pátio interno. É neste piso que irão funcionar o bar e parte da galeria de arte. Uma escada metálica, situada próximo à entrada, na sua lateral esquerda, dá acesso ao segundo pavimento. Neste andar se desenvolvem as atividades do restaurante, além de outra parte da galeria.

Áreas distintas foram então definidas por dois rasgos na laje: uma primeira, que corresponde a um hall de chegada ao restaurante; e uma segunda, destinada às mesas. A ligação entre elas se dá por uma passarela metálica. Neste trecho, induzir a uma passagem ao invés da permanência foi fundamental, pois nele o pé direito foi reduzido a uma altura de 2,09 m para que se pudesse obter um maior aproveitamento do terceiro piso.

Ainda neste pavimento estão o banheiro e a sala para revelação fotográfica do cliente, a partir de onde sai uma passarela (reservada ao seu uso exclusivo), que cria uma ligação direta com a sua residência. O atelier propriamente dito encontra-se no terceiro pavimento, conectado ao segundo por uma escada helicoidal.

Neste último piso foi necessária a promoção de uma entrada de iluminação zenital, em função das atividades do artista. A solução encontrada, então, foi a de inserir algumas carreiras de telhas de vidro na cobertura que se volta para o pátio.

A praça interna deverá servir como um espaço para exposições ao ar livre, com esculturas espalhadas em meio a um jardim, cujo mobiliário foi implantado com vistas à apreciação das obras e à permanência.

A Residência

Os ritmos dos vãos na rua Santos Dumont, para onde a casa se abre, são outros. Como já foi dito anteriormente, esta é uma via de serviço. Como tal, as suas fachadas se constituem, em sua maioria, de muros ou garagens que, com aberturas geralmente mais largas do que altas, marcam compassos, ditando uma linguagem de reforçado caráter horizontal.

Aderindo, então, aos ritmos desta parte do centro histórico, a fachada da residência abre-se para acolher dois carros através de um largo portão de madeira. O acesso social é feito por uma entrada menor na lateral direita do terreno, que leva de forma direta, passando por um pequeno jardim, até a área de estar e jantar.

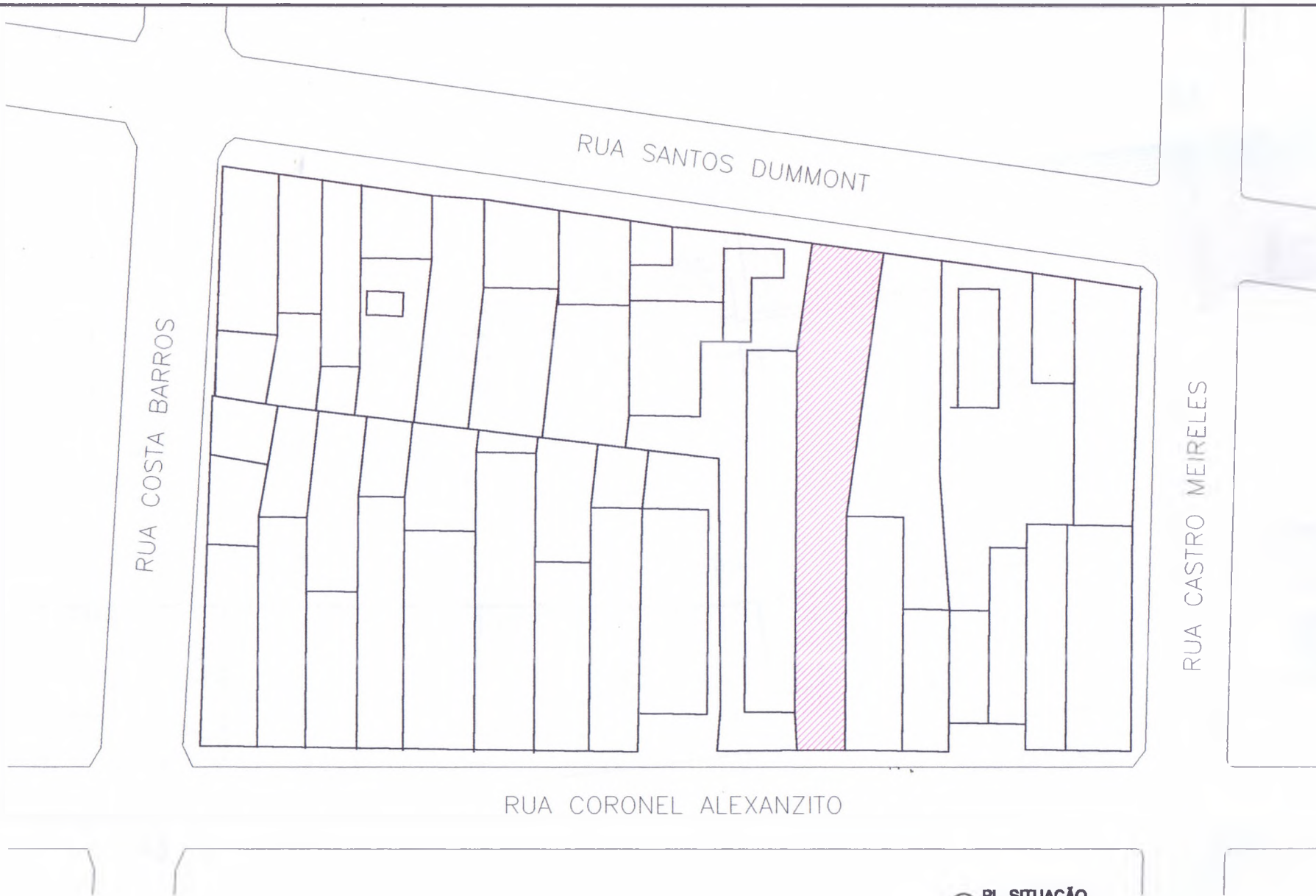
A edificação foi rebaixada 1 m em relação ao nível da rua. Tal ação projetual visou manter a fachada com 5 m (altura média verificada na quadra) e tornar possível um melhor aproveitamento do terceiro piso.

Uma escada, disposta no eixo da construção, funciona não somente como elemento de ligação entre os andares, mas também de divisão. Separa, de forma eficiente e sutil, áreas distintas dentro de espaços que se mantiveram praticamente contínuos.

O térreo abriga as partes social (estar e jantar) e de serviços (cozinha, lavanderia e dependência de empregada) da casa. O estar liga-se diretamente com a área da piscina, implantada em um trecho do pátio interno.

No pavimento intermediário situam-se os quartos dos filhos e a biblioteca. É neste andar que "o cliente" pode acessar de forma direta, através de uma passarela, o seu atelier.

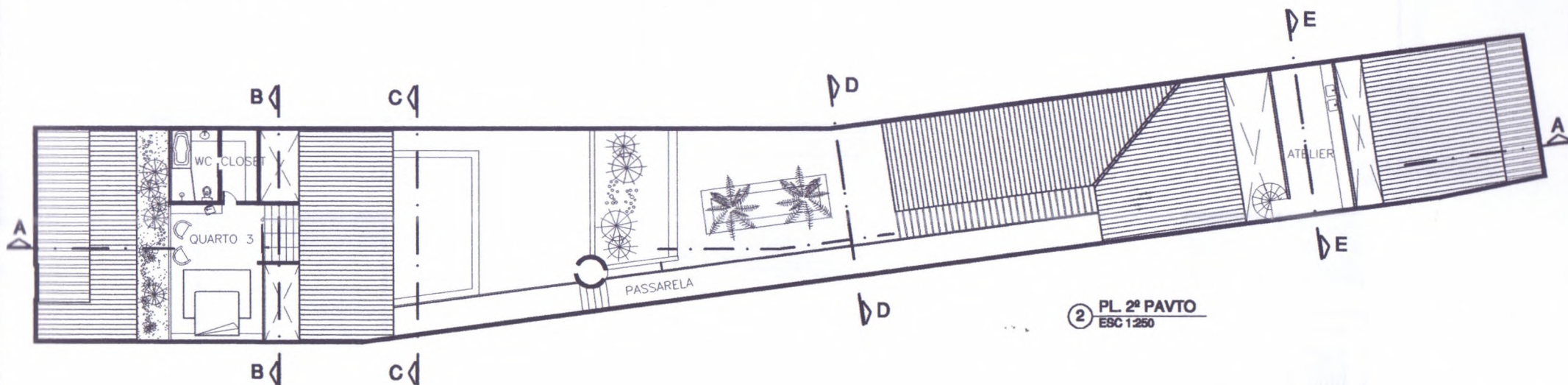
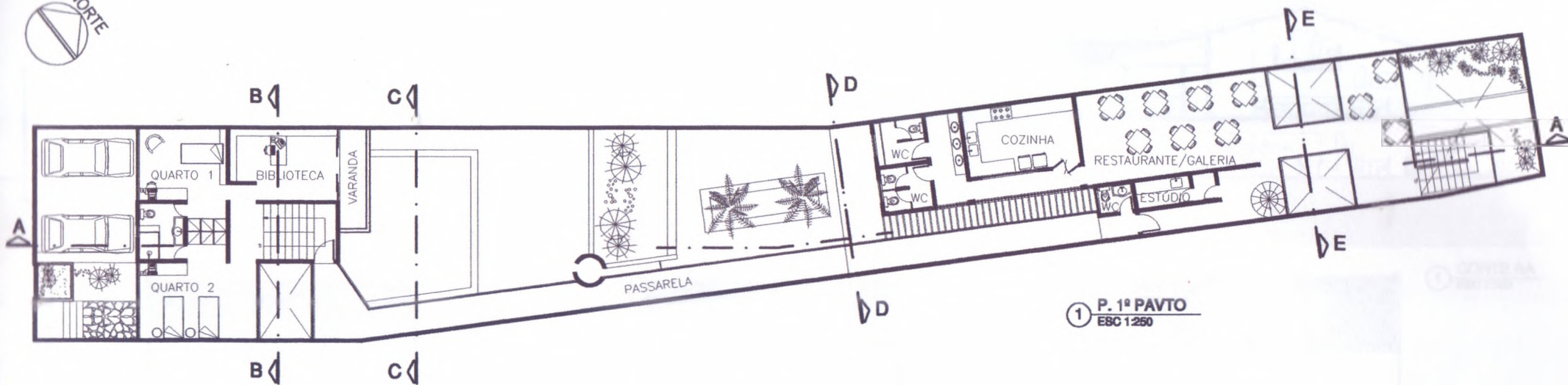
O terceiro e último piso foi reservado à suíte do casal, único cômodo do andar, numa conformação espacial que dá garantias de maior privacidade.



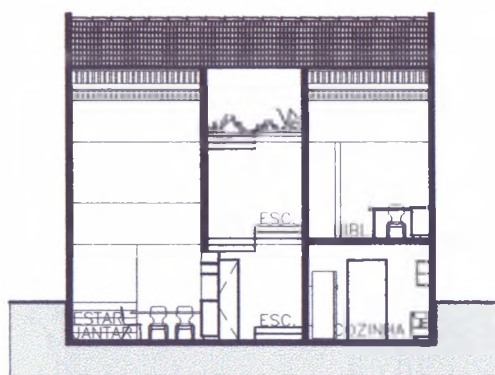
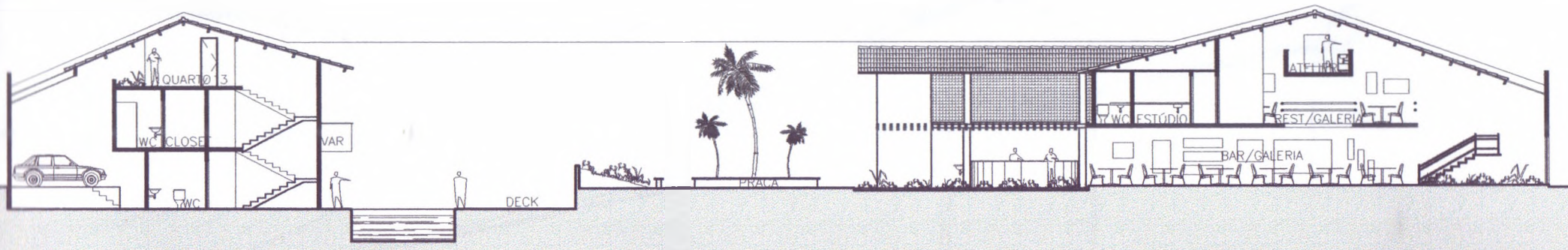
1 PL. SITUAÇÃO
EBC 1:250

NORMAS E CRITÉRIOS DE INTERVENÇÃO PARA O CENTRO HISTÓRICO DE ARACATI
PROJETO DE RESIDÊNCIA GALERIA NA ÁREA DE PROTEÇÃO RIGOROSA
PLANTA DE SITUAÇÃO

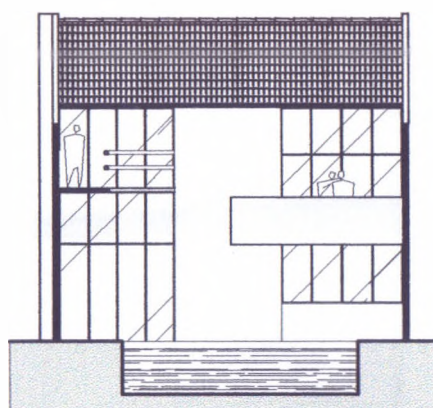
01



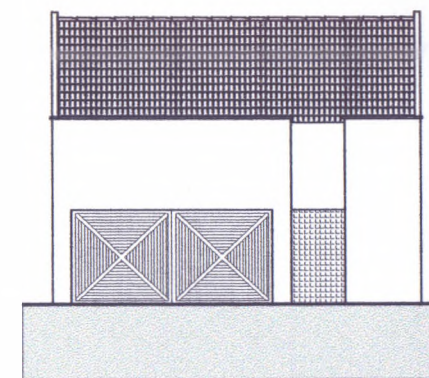
NORMAS E CRITÉRIOS DE INTERVENÇÃO PARA O CENTRO HISTÓRICO DE ARACATI
PROJETO DE RESIDÊNCIA GALERIA NA ÁREA DE PROTEÇÃO RIGOROSA
PLANTA BAIXA - 1º E 2º PAVIMENTOS



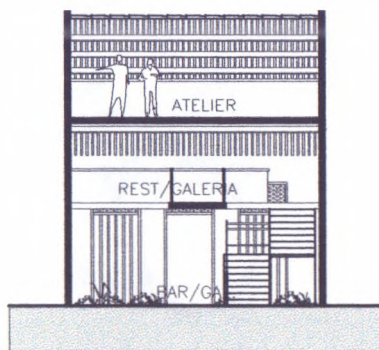
2 CORTE BB
ESC 1:200



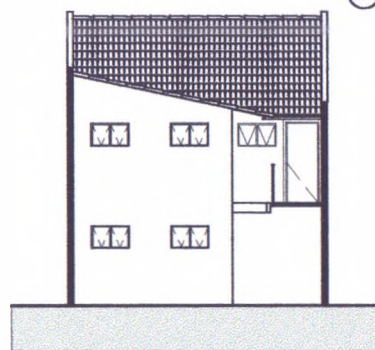
3 CORTE CC
ESC 1:200



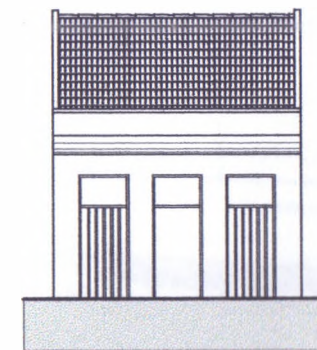
4 FACHADA RESIDÊNCIA
ESC 1:200



5 CORTE EE
ESC 1:200

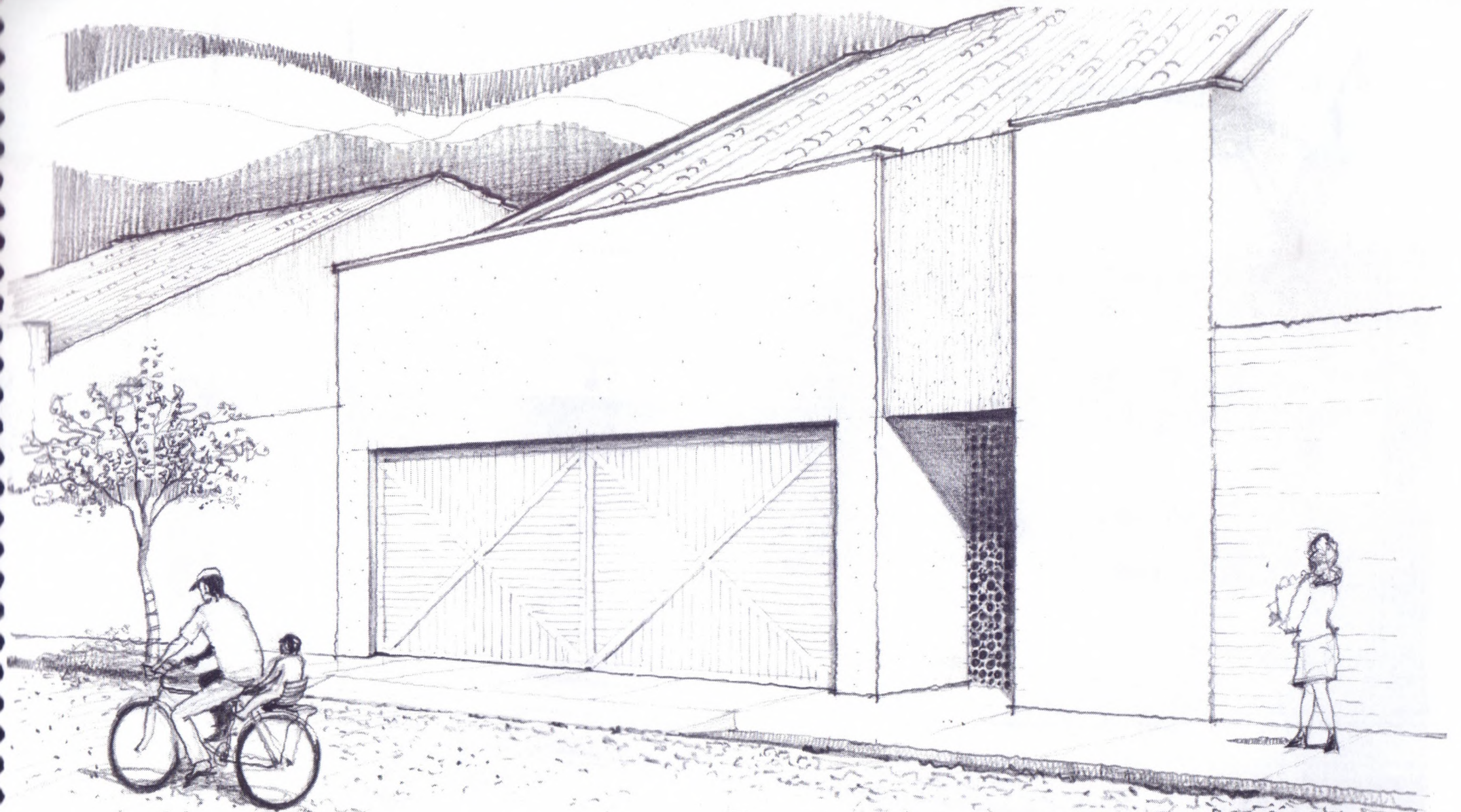


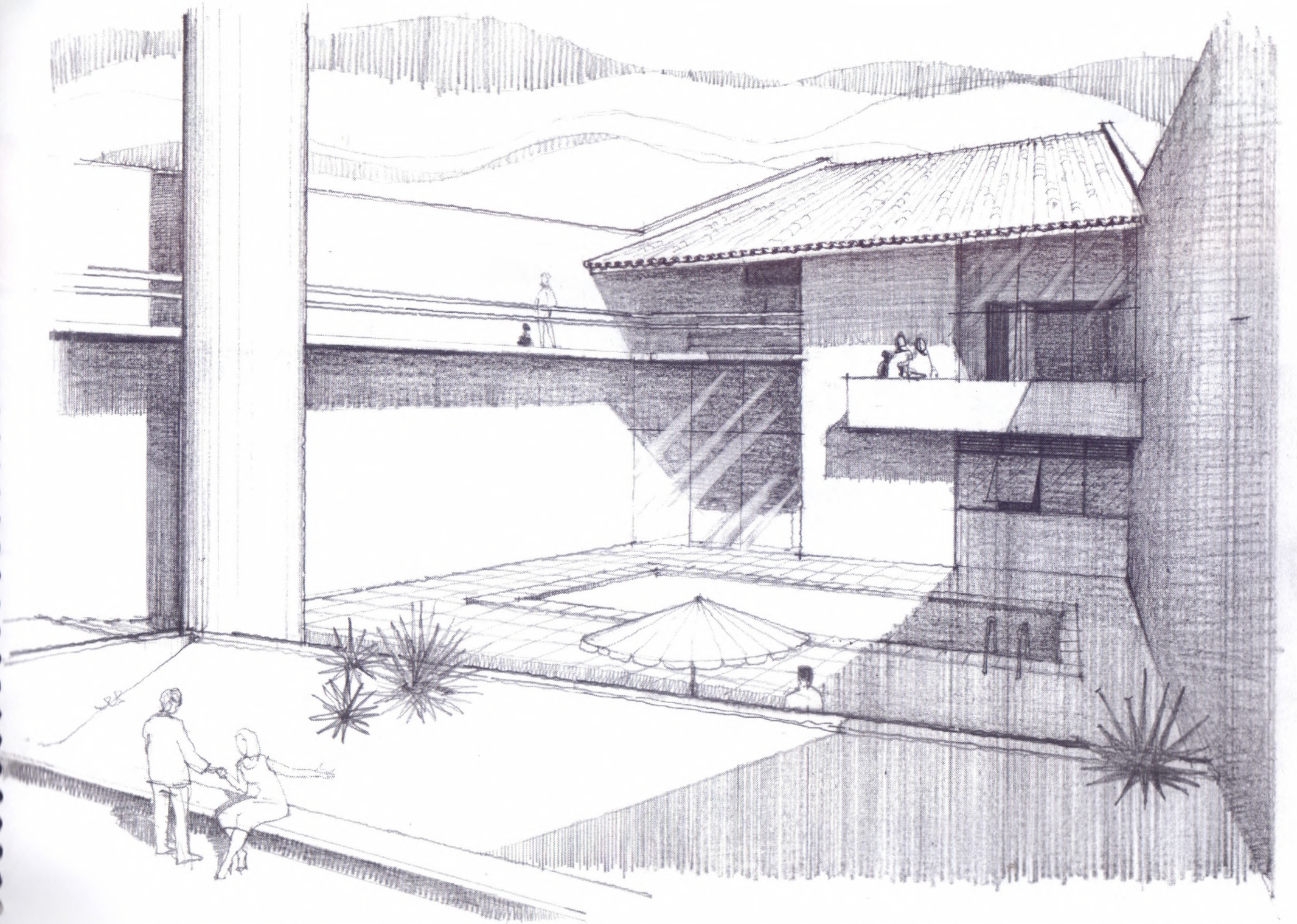
6 CORTE DD
ESC 1:200

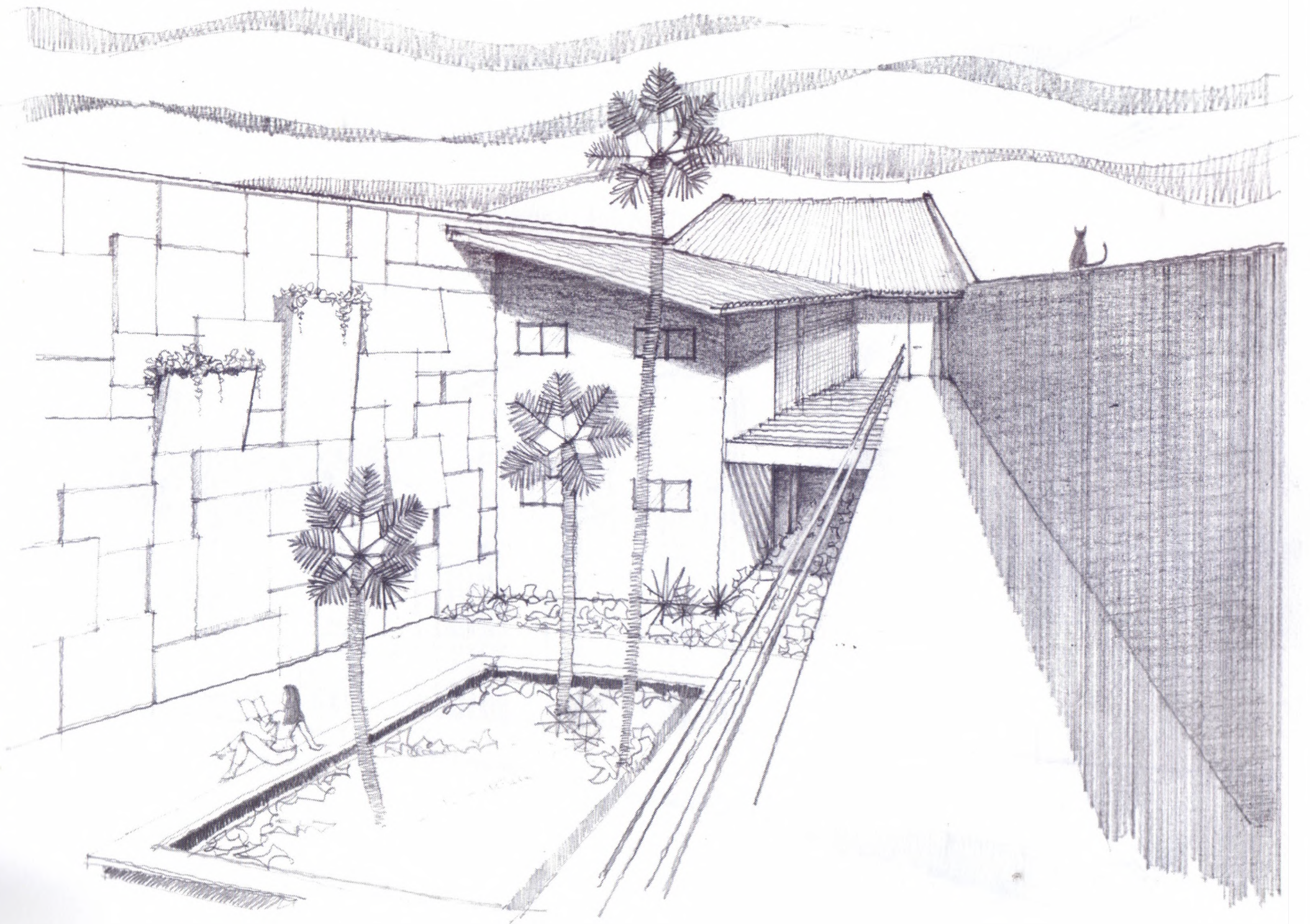


7 FACHADA GALERIA
ESC 1:200

NORMAS E CRITÉRIOS DE INTERVENÇÃO PARA O CENTRO HISTÓRICO DE ARACATI
PROJETO DE RESIDÊNCIA/GALERIA NA ÁREA DE PROTEÇÃO RIGOROSA
CORTES E FACHADAS

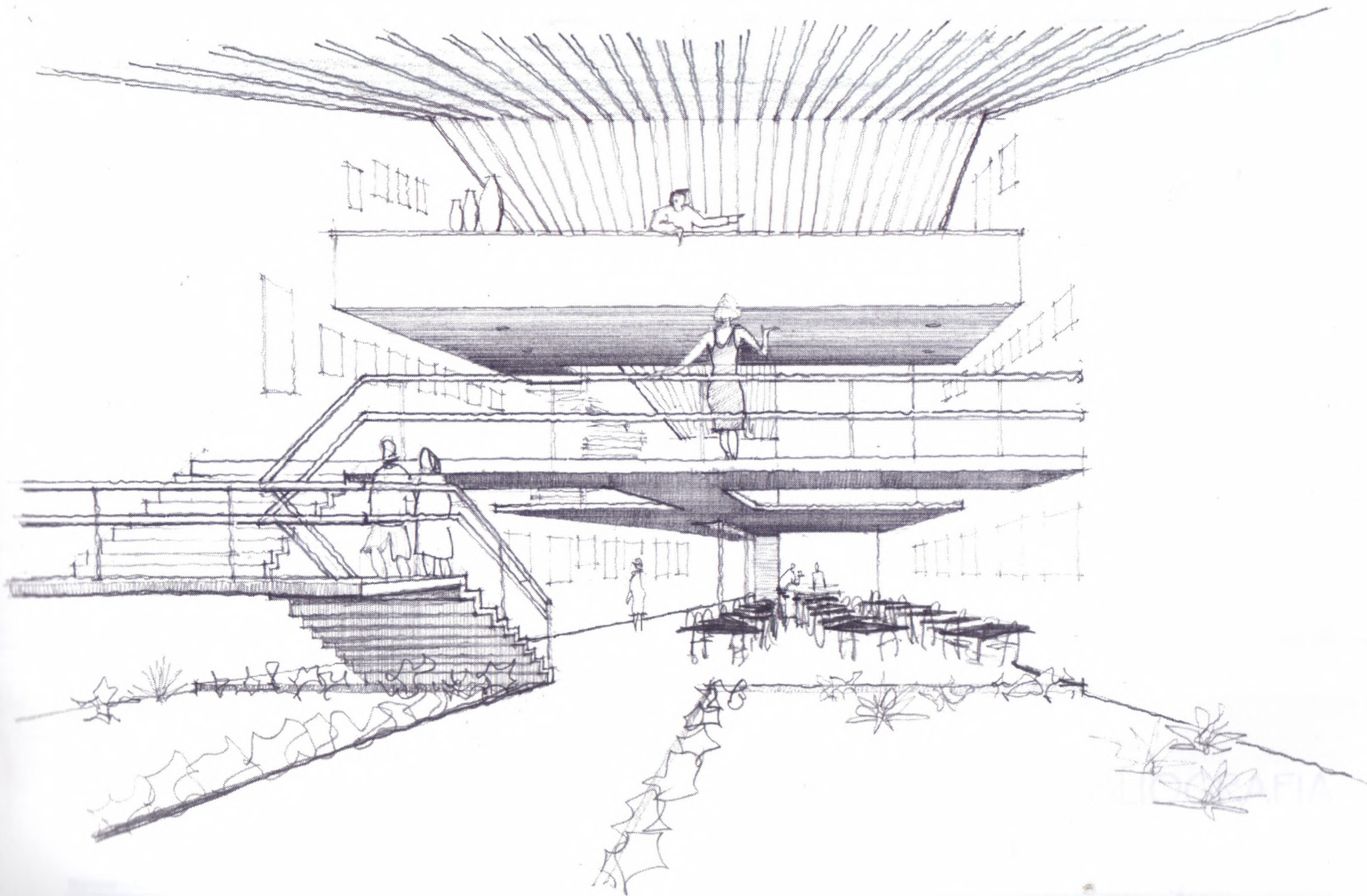








W. K. ...







17. BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

Cartas patrimoniais; Caderno de documentos n° 3. Brasília: IPHAN, 1995.

Aracati – CE: estudo de Tombamento Federal. Fortaleza: IPHAN-4ª SR, 1998 (não publicado). v. 1

Aracati – CE: estudo de Tombamento Federal. Fortaleza: IPHAN-4ª SR, 1998 (não publicado). v. 2

PDDU. Aracati, 1980

SOUZA, Eusébio. Álbum do Jaguaribe.

COSTA LIMA, Abelardo Gurgel. Terra aracatiense

PROJETO PNUD – SEPURB – BRA – 93 / 013. Estratégias de Intervenção em áreas históricas, revalorização de áreas urbanas centrais; Mestrado em desenvolvimento urbano: UFPE. Recife – Brasil, novembro 1997

LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Quadro da arquitetura no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1997.

SANTOS, Paulo F. Formação das cidades no Brasil colonial;
V Colóquio internacional de estudos luso-brasileiros.
Coimbra, 1968. 44 p

NEUFERT, Ernest. Arte de projetar em arquitetura. São Paulo:
Ed. Gustavo Gili, 1976.

NOGUEIRA DE CARVALHO, Jaqueline. Diretrizes de
reabilitação para o patrimônio arquitetônico da cidade de
Aracati; Trabalho final de graduação: UFPE - Centro de Artes e
Comunicação Arquitetura e Urbanismo. Recife – Brasil.

ZANCHETTI, Silvio, MARINHO, Geraldo, MILLET, Vera.
Estratégias de intervenção em áreas históricas; Mesrado em
desenvolvimento urbano: UFPE. Recife – Brasil, novembro
1995.

Corredor Cultural: como recuperar, reformar ou construir seu
imóvel/ RIO ARTE, IPLANRIO. – Rio de Janeiro: Prefeitura da
Cidade do Rio de Janeiro, 1985.

BRAGA, Renato. Uma capitulo esquecido da economia
pastoril do Nordeste. Revista do Instituto do Ceará.
Fortaleza, vol.61, p.150. Janeiro/Dezembro, 1947.

BEZERRA, Antonio. Cidade do Aracati. In: Almanaque
administrativo, estatístico, mercantil, industrial e literário
do estado do Ceará para o ano de 1902. Confeccionado por
João Câmara, vol. 8, p.102.
